UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

Sófia Petrovna e a memória proibida do cotidiano soviético

Maria Camargo-Sipionato

Dissertação apresentada junto à área de
Literatura e Cultura Russa do Departamento
de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, com vista à obtenção do título
de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade

São Paulo
2014

Nome: CAMARGO-SIPIONATO, Maria.

Título: ***Sófia Petrovna*** e a memória proibida do cotidiano soviético

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade que desde a minha graduação guiou meu percurso nos estudos de língua e literatura russa e, nesse trabalho me ajudou com muita dedicação, paciência e carinho.

À banca de qualificação, professores José Antônio e Madalena, tenho muito a agradecer pelas preciosas sugestões que tanto contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço imensamente aos meus pais, Aleidir e Pedro, que sempre me apoiaram para seguir com os meus estudos. Tudo que sou, devo a eles. Agradeço aos meus irmãos, Marceli, Pedro, Gabriel e Vitor que estiveram sempre prontos para me ajudar em tudo.

Agradeço à minha família Camargo que me recebeu por meses para que pudesse ler, escrever e pesquisar no calor do cerrado sul-mato-grossense, com muito carinho e atenção aos meus devaneios soviéticos. Não posso deixar de mencionar a dedicação especial da tia Bila, Theilla, Vitória e José Ari sempre tão atenciosos e dispostos a aguentar a bagunça dos meus livros.

Tenho muito a agradecer aos meus amigos tão queridos e dedicados a me ajudar: Cláudia, Tânia, Alex, Plínio, Milena e Gisele. Agradeço, especialmente, ao Breno e à Simone que me deram fôlego para terminar esse trabalho de três anos.

Agradeço ao Cléber Machado que fez a arte da capa deste meu trabalho.

RESUMO

CAMARGO-SIPIONATO, M. ***Sófia Petrovna e a memória proibida do cotidiano soviético***. 2014. F.140. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

Este trabalho apresenta um ensaio e a tradução comentada do romance *Sófia Petróvna*, da autora russa Lídia Tchukóvskiaia, feita diretamente para o português, levando em conta as singularidades de cada idioma. A tradução manteve a máxima proximidade com o texto original, mantendo siglas e nomenclaturas criadas no período soviético, de modo a aproximar o leitor brasileiro do universo da narrativa. O ensaio sobre a obra contempla o contexto histórico, partindo do cotidiano do homem soviético durante os anos do Grande Terror, revelando os aspectos que tornam a narrativa uma importante forma de preservação da memória. Para tanto, foram usados como apoio os estudos de Paul Ricouer (2010) sobre memória e esquecimento. O suporte teórico usado para aproximar a realidade do período histórico, por sua vez, compreende documentos oficiais, testemunhos, diários e algumas obras de pesquisadores ocidentais (FIGES, 2010; LEWIN, 2007; MONTEFIORE, 2006; ROLF, 2009). Com este trabalho, o leitor brasileiro terá acesso a uma obra nunca antes traduzida para o português, de uma autora ainda pouco conhecida no Brasil. Ademais, entrará em contato com o universo soviético tal como representado por Tchukóvskiaia, a partir do qual poderá refletir sobre a literatura e a preservação da memória.

Palavras-chave: esquecimento, literatura russa, memória, Tchukóvskiaia, tradução, União Soviética.

ABSTRACT

CAMARGO-SIPIONATO, M. ***Sófía Petrovna and the forbidden memory of the Soviet every day life***. 2014. F.140. Thesis (Master). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

The present work offers an essay and the commented translation of the novella *Sofia Petrovna*, by the Russian author Lydia Chukovskaya, done directly to Portuguese and taking into account the singularities of both languages. The translation kept the highest proximity to the original, maintaining acronyms and terms created during do Soviet Era, as a way to bring the Brazilian reader closer to the universe of the narrative. The essay considers the historical context, starting with the everyday life of Soviet men and women during the years of the Great Terror, revealing aspects that make this narrative an important way to preserve memory. For such, studies made by Paul Ricoeur (2010) about memory and forgetting were used in this essay. The theoretical basis used to approximate the reality of this historical period, in turn, comprises official documents, testimonies, diaries and works by western scholars (FIGES, 2010; LEWIN, 2007; MONTEFIORE, 2006; ROLF, 2009). With this work, the Brazilian reader will have access to a book that was never before translated into Portuguese, by an author still little known in Brazil. Furthermore, the reader will contact the Soviet universe as represented by Chukovskaya, from which it will be possible to reflect on literature and the preservation of memory.

Palavras-chave: forgetfulness, Russian literature russa, memory, Chukovskaya, translation, Soviet Union.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
<i>Sófia Petrovna</i> e a memória proibida do cotidiano soviético.....	11
Referências bibliográficas.....	44
Tradução de Sófia Petrovna	48
Apêndice: Nota biográfica sobre a autora.....	144

Apresentação

Ao longo da minha graduação em Letras (português/russo) na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a literatura soviética despertou em mim um enorme interesse. Sabemos que no Brasil ainda há pouquíssimas obras traduzidas desse período e seus estudos acadêmicos são muito reduzidos. Ao pensar em um projeto para a pós-graduação procurei o Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade, estudioso desse período, para ser meu orientador e, assim, iniciar alguma pesquisa sobre esse tema. O professor me apresentou um romance ainda não traduzido no Brasil: *Sófia Petrovna* da escritora soviética Lídia Tchukóvskaia.

Na primeira leitura da obra, não tive muito interesse, considerei até mudar o objeto de estudo, mas ao reler e refletir sobre o tema, notei que poderia ir além da tradução, uma vez que tinha em mãos a possibilidade de unir os dois saberes que me inspiram no estudo acadêmico: a Literatura e a História.

O período literário da obra ainda é pouco estudado no Brasil, não há muito interesse pelas narrativas do Realismo Soviético, o que é compreensível em vista do enorme repertório canônico anterior. É possível, no entanto, encontrar obras com valor artístico dessa época, pois muitos escritores conseguiram superar o engessamento imposto pela censura e escreveram grandes narrativas. Considero a tradução do romance estudado relevante, pois apresenta ao leitor brasileiro um universo ainda pouco conhecido, mas que encontra reconhecimento ao trazer um

tema que vai além do autoritarismo stalinista sofrido pela população soviética, uma vez que a rotina das personagens no período do Grande Terror (1937-1939) nos leva aos sentimentos mais fortes e arrebatadores. No romance *Sófia Petrovna*, o objetivo maior da autora é mostrar (e denunciar) as vicissitudes decorrentes da repressão dos governos totalitários, a partir da representação do cotidiano do *homo sovieticus*. Apesar das especificidades desse cotidiano, a narrativa apresenta pontos de contato com qualquer outra sociedade submetida a um regime autoritário, o que faz com que nela se reconheça não só o público russo, mas qualquer público, uma vez que aborda um tema de caráter universal. Uma mãe desesperada, que luta em vão para salvar seu filho, a angústia e o medo que as personagens carregam traz uma sensação sufocante ao leitor, que mesmo estando em um universo tão distante da obra consegue se identificar com ela.

Ao escrever *Sófia Petrovna*, Lídia Tchukóvskaia preservou a memória desse período. A autora, que sentiu na carne o pavor dos *expurgos*, conseguiu transpor sua realidade no texto literário. Ao escrever ainda no presente, vivendo cada detalhe daquele universo e colocando-os em sua obra, preservou as minúcias do período para que não fossem esquecidas nem por ela, nem pelo seu povo, e para revelar ao mundo o que de fato acontecia em seu país. Ao concluir o romance, dado o seu conteúdo, a autora nem chegou a cogitar de submetê-lo à censura para uma eventual publicação*.

Durante muito tempo houve apenas uma cópia do manuscrito que Tchukóvskaia entregara para um amigo para guardar – procedimento muito comum nessa época, - pois sua casa era constantemente vigiada e revistada, sobretudo depois da prisão de seu marido[†]. Ter escrito qualquer palavra suspeita era mais que um bom motivo para o NKVD, polícia política stalinista, prender os cidadãos. Sendo assim, o amigo de Lídia, cujo nome ela jamais declina, correu um enorme risco para salvar-lhe a obra. A escritora imaginava que jamais conseguiria vê-la outra vez, e pensou que o amigo tivesse se livrado do romance. Ele acabou morrendo durante a Segunda Guerra Mundial, mas conseguiu entregar o manuscrito a sua irmã que após o conflito devolveu-o à autora. Com a morte de Stálin, em 1953, e o advento do

* Nesse período, ainda não existia o assim chamado *samizdat* (edição clandestina, geralmente, mimeografada de obras proibidas).

[†] Cf. Nota biografia sobre a autora para informações mais detalhadas.

assim chamado “degelo” de Khruchtchov, a autora entregou o romance, em 1962, à editora *Soviétski Pisátel*.

Tudo aconteceu dentro da lei: o trabalho foi aprovado. Em 1963, o manuscrito estava pronto para ser publicado. Tchukóvskaia já havia recebido sessenta por cento do pagamento, quando foi chamada em reunião na editora para ser informada de que não publicariam mais a sua obra e que o dinheiro deveria ser devolvido. Inconformada, ela chegou a acreditar que seu texto jamais deixaria de ser um manuscrito. A obra fora considerada “ideologicamente imperfeita”, pois mostrava um aspecto da vida soviética que não deveria ser revelado. Além disso, eram priorizadas as obras que tratavam do período da Segunda Guerra, conhecido na URSS como a Grande Guerra Patriótica. Mais uma vez, não conseguindo ficar em silêncio, a autora enfrentou a *Soviétski Pisátel* nos tribunais apropriados. Apenas em 1965, chegou-se a um veredito: a editora deveria pagar todos os *royalties* para a autora, já que o manuscrito havia sido aprovado antes da resolução de não publicá-lo.

Entretanto, ainda que proibida na URSS a obra foi publicada em Paris naquele mesmo ano, com outro título: *Opustiéli Dom* (*Casa Abandonada*) e a heroína teve seu nome trocado de Sófia para Olga. A prática de permitir a publicação de obras proibidas no exterior era comum, no intuito de “demonstrar” que na URSS havia liberdade de expressão. Apenas em 1988, já em plena *perestroika*, a obra foi publicada na União Soviética (TCHUKÓVSKAIA, 1994).

Além da tradução anotada do romance *Sófia Petrovna*, este trabalho apresenta um breve estudo analítico da obra, de caráter introdutório, que tem por objetivo principal estudar o modo de representação de determinados elementos do cotidiano soviético, utilizados por Tchukóvskaia como indícios daquilo que não podia ser dito explicitamente no período mais agudo do terror stalinista. Com isso, como foi dito anteriormente, a escritora visava, não apenas à denúncia, mas também à preservação da memória coletiva dessa época[‡]. Para tanto, serão utilizados

[‡] Os aspectos gerais do cotidiano soviético representados no texto da escritora são apontados no esboço introdutório. Elementos mais pontuais desse tema aparecem tratados em notas à tradução do romance.

materiais referentes aos estudos literários e, mais especificamente, às teorizações de Paul Ricoeur sobre manipulação da memória e o esquecimento (RICOEUR, 2007).

Para a contextualização do período histórico representado no romance recorreu-se a documentos oficiais, diários, testemunhos, afora obras sobre a história da URSS, publicadas após o desmantelamento da União Soviética e a abertura dos arquivos secretos. Destacam-se entre elas *A tragédia de um povo: A Revolução Russa 1891-1924* e *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stálin*, ambas do historiador inglês Orlando Figes; *A Hall of Mirrors: Sovietizing Culture under Stálinism* de Malte Rolf, *O século soviético* de Moshe Lewin e *Stálin: a corte do czar vermelho* de Simon Sebag Montefiore[§].

Resta acrescentar que, do ponto de vista dos estudos literários, o romance não apresenta inovações de carácter formal. Somente seu conteúdo representa uma novidade para época^{**}. Do ponto de vista formal, Tchukóvskaja lança mão, provocativamente, de procedimentos típicos do assim chamado Realismo Socialista, para compor o primeiro grande romance antissoviético escrito na URSS de Stálin.

[§] Cf. bibliografia geral.

^{**} Obras literárias de denúncia do Sistema Soviético começariam a parecer na URSS apenas nos anos de 1960, geralmente como *samizdat*. Nessa época, visando ao desmonte do Stalinismo, foram reabilitados oficialmente escritores cuja as obras tinham sido proibidas nos primeiros vinte anos do regime. Em 1964, Soljenits consegue publicar *Um dia na vida de Ivan Denísovitch*, relatando as vicissitudes dos prisioneiros políticos dos campos de concentração (Gulag), que se tornou a obra emblemática de denúncia dos procedimentos Stalinistas. A partir de então, com o recrudescimento do regime ocorrido após a queda de Khruchthov, outras obras que denunciavam as mazelas da vida soviética seriam publicadas apenas na *perestroika* nos anos de 1980 ou após a queda da URSS.

***Sófia Petrovna* e a memória proibida do cotidiano soviético**

O conhecimento do contexto histórico representado no romance *Sófia Petrovna*, de Lídia Tchukóvskaja, é indispensável para uma reflexão sobre a preservação da memória do período mais conturbado da história soviética. A obra de Paul Ricoeur *A Memória, a história e o esquecimento* (RICOUER, 2007) serve perfeitamente para situar a questão, uma vez que aborda os conceitos de memória, tempo, história, esquecimento e perdão, que permite não só ampliar o entendimento do texto, como estabelecer sua importância no âmbito da produção literária soviética da década de 1930.

Ricoeur fala do esquecimento como apagamento de rastros e define três tipos: rastro documental, rastro psíquico e rastro cortical. Em linhas gerais, o esquecimento é sentido como um “dano à confiabilidade da memória [...]”. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento” (RICOUER, 2007, p.224). Dos três tipos supracitados, o apagamento do rastro documental presta-se como fundamento para uma análise mais detalhada da questão do esquecimento e da manipulação da memória. Por meio da narrativa os abusos da memória tornam-se abusos do esquecimento, considerando-se que a narrativa possui uma dimensão seletiva, uma vez que não é possível narrar tudo, assim como não é possível lembrar-se de tudo. A narrativa pode ser manipulada, focando ou suprimindo aquilo que convém àquele que a escreve, contudo, a memória também poderá ser articulada conforme os interesses do locutor; deste modo, há esquecimento, pois há a desapropriação da narrativa pelos atores sociais. Ricoeur enfatiza a responsabilidade de cada um escrever a sua narrativa, para legitimar a memória sem que haja abusos. O exemplo que cabe para entender os abusos do esquecimento e a manipulação da memória é o dos governos totalitários, como o período stalinista na União Soviética^{††}.

^{††} Paradoxalmente, em seu início, o governo soviético incentivava a produção de registro das reminiscências sobre Outubro de 1917 e a consequente Guerra Civil (1918-1921), que estabeleceu os bolcheviques no poder, como material para a elaboração da história dos novos tempos. A partir da década de 1930, a maioria desses depoimentos jazia trancada em arquivos fechados à consulta e a narrativa da história soviética passou a ser falsificada de acordo com os interesses de Stálin e seu grupo.

Os regimes totalitários têm por característica a manipulação da mídia e dos meios artísticos, eles controlam os meios de comunicação como ferramenta para controlar e doutrinar as massas. A repressão por meio de violência é apenas mais um artifício usado por esse tipo de governo. Outro modo está no controle total e absoluto da vida dos seus cidadãos, no controle ideológico. Fazer com que acreditem que seus líderes governam pensando no que é melhor para o país, fazer a própria população participar das ações do governo, como se fosse parte integrante do próprio poder é, sem dúvida, o modo mais eficaz de se manter por décadas no controle de uma nação. A manipulação das massas não é um processo repentino, levam-se anos na construção de uma nova narrativa histórica para o país. Para apagar os registros, inserir novos personagens, entreter o povo e propagar uma nova ideologia é preciso muito trabalho, um controle rígido dos autores dessa peça, e, sobretudo, o estado de terror imposto como normalidade cotidiana.

A Revolução Bolchevique não foi feita por toda a população, levou anos em uma dura guerra até chegar à “ditadura do proletariado”. Ao pensarmos no país como um todo, vemos que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela população, mudar o controle e toda sua legislação não seria possível de modo passivo. Poucos eram aqueles com educação política, a maior parte da população buscava apenas trabalho e comida (FIGES, 1999). Depois da longa e penosa guerra civil, o país teve de ser reconstruído; todos os setores foram reestruturados e as massas precisavam acreditar que essa mudança era de fato positiva e boa para todos. O passado tsarista deveria ser visto como injusto e cruel e uma nova página deveria ser escrita de modo a convencer a todos da nova nação (LEWIN, 2007).

A União Soviética foi marcada por um período sombrio durante a ditadura de Stálin, no qual milhares de cidadãos foram presos e assassinados. Esses piores anos de repressão, 1937-1939, ficaram conhecidos como Grande Terror. Stálin manipulou a memória da nação a fim de legitimar não só o Terror, como também para atribuir-se um papel histórico preponderante que ele não teve. O apagamento dos rastros documentais não foi o suficiente para o ditador que, ao reescrever a história soviética^{##}, precisou assassinar seu próprio povo para que nenhuma lembrança indesejada fosse trazida à tona. Aqui tem-se uma das ameaças à

^{##} Em 1937, Stálin lançaria a sua própria versão da história soviética. Essa obra, não obstante, à denuncia dos crimes de Stálin feita por Khruchchiov, permaneceria como uma das principais fontes históricas até o desmantelamento da União Soviética.

memória manipulada: *a problemática da identidade* (RICOUER, 2007, p.94). Uma das fragilidades da identidade é *outro*, como uma ameaça ao *eu* por ser diferente e ter um modo de vida diferente. A outra fragilidade é a *herança violenta fundadora* (RICOUER, 2007); os atos de guerra no qual o poder vigente foi fundado, marcando a memória coletiva como glória para uns e humilhação para outros, provocando marcas e feridas na formação dessa memória. Nesse ponto, é possível entender esforço feroz de Stálin no sentido de eliminar aqueles que ameaçavam a nova narrativa histórica que, oficialmente, vinha sendo construída.

A geração que lutou em 1917 e que tinha representantes nos altos cargos do governo sofreu muito nesse período, não apenas com os expurgos, mas com o medo constante imposto pela atmosfera de perseguição e terror criada para o controle da população. Em seu livro *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin*, Figes afirma a propósito:

O número de desaparecidos entre 1937 e 1938 foi tão grande, especialmente nos círculos do Partido e da *intelligentsia* das principais capitais [...] As pessoas viviam na expectativa temerosa de que lhe batessem à porta no meio da noite. Dormiam mal e acordavam sempre que ouviam um carro estacionar na rua. Ficavam deitadas esperando o som dos passos passando pela escada ou pelo corredor, antes de caírem novamente no sono, aliviadas que os visitantes não eram para elas.

(FIGES, 2010, p.291)

Esses antigos bolcheviques carregavam os valores e a memória da Revolução e, ameaçavam as novas políticas criadas por Stálin, além de representarem, como aponta Ricouer, o *outro* que confronta a identidade do *eu*, neste caso, o stalinismo. Acabar com a memória do passado recente e, principalmente, com os seus atores, foi a principal meta de Stálin nos anos 1930, pois para legitimar seu poder, não poderia ser confrontado com outra narrativa histórica senão a sua.

O apagamento do passado feito nesse momento se deu por meio de alteração dos textos históricos, destruição de documentos, manipulação fotográfica, condenação de cidadãos aos campos de concentração, assassinios de famílias inteiras, além, da reformulação de uma nova história. Stálin criou um passado que jamais existira mediante uma nova narrativa histórica divulgada pelos meios de comunicação e didáticos. Entretanto, um dos procedimentos mais importantes para

sedimentar esse novo passado foi o controle e a utilização das artes em geral e, em especial, da literatura.

A literatura estipulada e controlada pelo governo garantia a criação de novos heróis nacionais e de um novo imaginário comum. A partir de 1932, os artistas eram obrigados a seguirem o assim chamado realismo socialista que panfletava a ideologia do Partido em todos os âmbitos culturais. Segundo Andrade em *O realismo socialista e suas (in)definições*:

Com a criação da União, punha-se fim à briga entre vários grupos literários que disputavam a hegemonia nas letras soviéticas. Mas não só: um único órgão reunindo todos os escritores da URSS permitia ao partido exercer mais facilmente controle sobre a produção dos “engenheiros da alma humana”. Do ponto de vista político, representou “um hábil movimento para a supressão de todo não-conformismo e para um controle totalitário da vida cultural e espiritual” (ANDRADE, 1996, p.159)

Essa foi uma das maneiras encontradas pelo governo para manipular a população de modo a penetrar no subconsciente e participar da formação do pensamento crítico (FIGES, 2010), e de uma nova memória coletiva. A ideologia propagada tem função central na manipulação da memória. Segundo Ricouer:

As manipulações da memória, [...], devem-se à intervenção de um fator inquietante que se intercala entre a reivindicação de identidade e as expressões públicas da memória. Trata-se do fenômeno da ideologia, [...]. Propus distinguir três níveis operatórios do fenômeno ideológico, em função dos efeitos que exerce sobre a compreensão do mundo humano da ação. Percorridos de alto a baixo, da superfície à profundidade, esses efeitos são sucessivamente de distorção da realidade, de legitimação do sistema de poder, de integração do mundo comum por meio de sistemas simbólicos imanentes à ação. (RICOUER, 2007, p.95)

Ele destaca o fato de a ideologia ser o fator central para legitimação do poder e da relação de hierarquia entre governantes e governados, sendo essa uma das principais características da manipulação do povo pelo governo soviético. Foi por meio do discurso ideológico que a geração pós-1917 foi educada. A formação ideológica dos cidadãos passou a acontecer sistematicamente na infância: as crianças não entendiam, mas reproduziam o discurso oficial, negavam o passado e, até os valores familiares em prol da ideologia do Partido Comunista. Essa geração não sentiu o pavor que seus pais e avós sentiam durante o Grande Terror, afinal,

acima de tudo estava a construção ideológica que legitimava todas as ações do governo.

Para aqueles com menos de 30 anos, que só conheciam o mundo soviético ou que não tinham herdado outros valores de suas famílias, era quase impossível se distanciar do sistema de propaganda e questionar seus princípios políticos. Os jovens eram especialmente crédulos, pois tinham sido doutrinados pela propaganda nas escolas soviéticas. (FIGES, 2010, p.328)

Desse modo, essa geração, que não possuía a memória anterior ao stalinismo, acreditava que todas as ações visavam a um bem maior, a um bem coletivo. Do mesmo modo, a maioria dos soviéticos convictos de seus ideais acreditava cegamente no Partido e nas decisões tomadas por ele, e praticavam religiosamente o culto da personalidade do pai dos povos. Tudo isso embasado na ideologia vigente.

O governo autoritário como foi na URSS, teve como sustentação principal a ideologia, que se fortaleceu no modo ardiloso no qual foi sendo construída e inserida na vida da população, que mesmo não tendo plena consciência do que eram esses valores, sabia que devia segui-los cegamente.

Paul Ricoeur trabalha a manipulação da memória por meio do discurso histórico e da ideologia, atribuindo à configuração da narrativa um papel fundamental para a criação de uma nova identidade.

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação. (RICOEUR, 2007, p.98)

Vemos a construção de uma nova identidade no governo de Stálin que foi especialista em manipular e apagar os registros da memória, assim como, em função disso, cada aspecto da vida cotidiana também foi alterado. Para entender como os líderes do Partido soviético conseguiram manipular todo país, pode-se considerar a função seletiva da narrativa que permite a manipulação da memória.

É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração. (...) Contudo, é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. A dominação, como vimos, não se limita à coerção física. Até o tirano precisa de um retórico, de um sofista, para transformar em discurso sua empreitada de sedução e intimidação. Assim, essa narrativa imposta se torna o instrumento privilegiado dessa dupla operação. (RICOEUR, 2007, p.98)

Para tentar entender como o governo soviético, durante o período stalinista, manteve a população sob controle, é preciso analisar os métodos usados de manipulação e de construção da nova cultura para depois entrar no mundo privado do cidadão. Afinal, num regime autoritário pouco é dito. É a partir do cotidiano, da rotina dos cidadãos que é possível ver aquilo que não é divulgado: a história viva. Apenas desse modo, consegue-se ter de fato uma visão do que foi o regime soviético e o cotidiano gerado por ele, como demonstra a obra de Lídia Tchukóvskaja.

A análise do período histórico, considerando as questões colocadas por Paul Ricoeur, será confrontada com as passagens da novela, nessa breve reflexão. Apenas alguns excertos servirão de exemplo para afirmar a presença do contexto histórico na obra e para mostrar como a manipulação da memória e a construção da nova narrativa histórica vinham sendo feitas.

No artigo *A Hall of Mirrors: Sovietizing Culture under Stálinism*, o historiador Malte Rolf levanta várias estratégias usadas pelo governo soviético para manipular e estabelecer o novo discurso oficial. Com base neste texto é possível evidenciar alguns artifícios usados na construção de uma nova narrativa histórica, que foi feita na União Soviética de Stálin. Juntando-se a isso os conceitos desenvolvidos por Paul Ricoeur, torna-se possível observar como esses elementos se colocam no romance *Sófia Petrovna*, no sentido mostrar como eles estavam plenamente inseridos à sociedade da época.

Entre os instrumentos utilizados pela política cultural stalinista para a elaboração da nova narrativa histórica, para a doutrinação ideológica, a manipulação e o controle das massas, destacam-se os festivais, que eram realizados em todas as cidades e conseguiam atingir diretamente toda a população. Comissões especiais foram criadas para realizar esses festivais para torná-los cada vez mais atrativos e

abrangentes. Criou-se também o “Calendário Vermelho” que substituiu as datas do antigo calendário pelos feriados soviéticos. Muitos desses feriados e datas comemorativas continuaram com a mesma data antiga, sendo trocado apenas o motivo da celebração, que na maior parte das vezes mantinha o seu ritual religioso. As árvores de Natal e o *Died Moroz* (Vovô do Gelo) constituem um bom exemplo dessa substituição. Em 1935, depois de um breve período de proibição, ambos voltam repaginados como árvores de Ano Novo e o *Died Moroz* agora com roupa azul e não mais vermelha como antes, pois o vermelho era a cor dos bolcheviques por excelência^{§§}.

Essas celebrações tornaram-se símbolos da literatura, inclusive da literatura infantil, trazendo uma imagem de alegria e prazer que não se teria no capitalismo; passaram a ser parte da história, da vida e, até mesmo de realizações da população. Todos, de um modo ou de outro, se envolviam nas celebrações, ainda que como meros espectadores. A estrutura desses festivais era tamanha que chegava a abrigar o dobro da população local. Essas celebrações eram elemento importante para a manipulação as massas no sentido de sedimentar o vocabulário permitido os símbolos, os rituais, tudo o que caracterizava a cultura popular soviética.

Os festivais era um traço cultural onipresente em 1930. Não se limitavam às alegres paradas, mas reproduziam-se infinitamente em outros campos como, a literatura, as artes e a fotografia, tornando-se ponto de referência central do universo soviético e servindo de metáfora para o mundo melhor que estava sendo feito no período stalinista.

No início, cada cidade tinha suas próprias datas comemorativas e organizavam seus festivais independentemente de Moscou. Os oficiais autoproclamavam-se mestres-de-cerimônia e acabavam por fazer seus discursos carregados das palavras de ordem do Partido. Porém, no período stalinistas, esses festivais acabaram perdendo sua pluralidade, aumentando, assim, o controle e a fiscalização dos termos e dos símbolos usados. Desse modo, como todas as referências ao passado e a outras culturas tinham sido excluídos, as coreografias

^{§§} Com a Revolução Russa, o *Died Moroz* é banido da cultura soviética, retornando anos mais tarde, com a reformulação do Calendário Vermelho para celebrar o Ano Novo. Stalin emitiu um decreto declarando que as pessoas que representam *Died Moroz* deveriam se vestir de azul.

reduziram-se a estilo que transitava entre o popular e o folclórico. Os recursos usados também passaram a ser controlados pela censura e os comícios foram proibidos. Assim, os festivais foram homogeneizados por um plano geral para todos os lugares da URSS, com a prerrogativa de que dessa forma evitavam a subversão antissoviética.

Os festivais cresceram em número e ganharam muito prestígio junto à população. Os meios de comunicação fizeram um trabalho intenso de divulgação, disseminando cartazes e pôsteres, desenvolvendo técnicas fotográficas para cada tipo de retrato, que eram colocados em lugares diferentes em cada época e traziam toda uma simbologia em si.

O fortalecimento de Stálin no poder acarretou uma mudança nas representações: as referências bolcheviques passam a ser cada vez menores, os antigos símbolos da Revolução são relegados e substituídos pelas imagens do Pai da Pátria, chegando até mesmo a suplantarem em número os ícones de Lênin. até mesmo Lênin. Os cartazes, retratos, estátuas, obras e artigos remetem sobretudo a Stálin. O apagamento do recente passado revolucionário é acompanhado pela sedimentação da figura do líder do Partido, que comandava tudo de muito perto e estava exterminando o passado para reescrevê-lo mais uma vez, colocando-se como única e principal figura histórica da URSS:

Nada, mas absolutamente nada na União Soviética escapava aos olhos de Stálin, entalhados em gesso, fundidos em bronze, pintados ou bordados. Seu retrato não está só em todos os museus. Como também em todas as salas de cada museu. Sua estátua marcha diante de todos os edifícios públicos. Seu busto guarda a entrada de todos os aeroportos, de todas as estações ferroviárias e rodoviárias. Também pode ser admirado em todas as salas de aula, muitas vezes ao lado de seu retrato. Nos parques Stálin pode ser visto sentado num banco de gesso, argumentando com Lênin. Suas feições são bordadas pelos estudantes. As lojas vendem milhões e milhões de cópias de seu rosto, e toda casa possui pelo menos uma imagem dele. Sem a menor dúvida, a pintura e a escultura, a modelagem e a fundição, e os bordados com as feições de Stálin devem constituir um dos setores mais produtivos da União Soviética. Ele está em toda parte, ele vê tudo. (STEINBECK; CAPA, pp.76-77, 2010)

A cultura soviética da década de 1930 intensificou o trabalho de “sovietização” (ROLF, p.603, 2009). Implantou-se um único modelo a ser seguido, o Realismo Socialista, na literatura, nas artes e na arquitetura:

Conforme rezava o estatuto da União, os escritores inscritos deviam obedecer cegamente às orientações do governo soviético, trabalharem para a edificação da pátria socialista e, mais importante e não menos esdrúxulo, criarem segundo os métodos do realismo socialista. (ANDRADE, 1996,p.159)

Assim apenas a realidade soviética era representada, mas, sobretudo, a realidade permitida pelo governo. Mais do que nunca, todos os âmbitos artísticos eram vigiados pela censura. Porém, os festivais eram mais difíceis de controlar devido a sua grandiosidade, mesmo assim, eram absolutamente auto referenciais. No que se refere na representando a URSS e na sua supremacia no mundo. Nesse processo, mudou-se o nome de cidades, ruas e praças por seus símbolos. A arquitetura desenvolvida era para impressionar e solidificar os conceitos da nova cultura, os antigos prédios eram destruídos e novas edificações foram erguidas; criou-se um padrão de cultura soviética para cada tipo de comunicação da sociedade e a palavra *soviético* passou a ser usada em absolutamente tudo. Um grupo de burocratas era responsável por discutir as normas e definir o que era ou não soviético, definiam também o que se tornaria cânone na nova cultura que estava sendo criada. A cultura “sovietizante” atuou em todos os campos, até criar uma voz de influência que ficou definida como “estilo soviético”, determinante, não só da vida cotidiana, mas principalmente do *homo soviéticus*. A cultura soviética dos anos 1930 era retórica e limitava-se a alguns símbolos que se repetiam, constituindo-se como uma “cultura circular”, nas palavras de Rolf:

Soviet culture in the 1930s might be thought of as a hall of mirrors. Cultural items constantly reflected other bits of the rhetoric, symbols, or ritual of the Soviet cultural canon. Although extensive in quantity, these reproduced images were limited with regard to subjects, themes, and composing elements. Official culture under Iosif Stalin allowed no or little reference to anything outside the sanctioned Soviet symbolic cosmos. (ROLF, 2009, p.601)

A obra de Lídia Tchukóvskaja apresenta, nas descrições mais singelas, os símbolos soviéticos, a consolidação dessa simbologia criada pelo governo. É a partir do cotidiano da heroína que podemos observar como a população estava mergulhada nessa cultura construída. No capítulo 2, por exemplo, quando os convidados importantes do Partido vão à editora, os quadros de Stálin e Lênin são

colocados atrás da mesa central: “Chegou o grande dia. Os retratos de Lênin e Stálin estavam com as molduras novas que o chefe do almoxarifado tinha trazido com suas próprias mãos, a mesa do diretor estava coberta com feltro vermelho”

Outro exemplo a ser citado é a presença do busto de Stálin ao lado das obras completas de Lênin, quando Sófia Petrovna vai guardar as flores que recebera pelo “Dia das Mulheres”. Além da presença dos símbolos dos líderes, que era comum em toda casa, como uma substituição dos antigos ícones religiosos, nota-se também o “Dia das Mulheres” que se tornou feriado na URSS, sendo mais uma data criada para o “Calendário Vermelho”:

Oito de março de 1934 foi um dia mais feliz da vida de Sófia Petrovna. De manhã, o contíguo da editora trouxe-lhe uma cesta de flores. No meio delas havia um cartão. “Parabéns a trabalhadora dos sem Partidos Sófia Petrovna Lipátova pelo dia oito de março. Da organização do Partido e do mestkom.” Ela colocou as flores na escrivaninha de Kólia, sob a estante com as obras reunidas de Lenin, ao lado do pequeno busto de Stálin. E durante o dia inteiro sentiu um calor dentro do peito. Ela resolveu não jogar fora as flores quando elas murchassem, mas secá-las e guardá-las de lembrança dentro de um livro, sem falta. (TCHUKÓVSKAIA, p. 62)***

O governo conseguiu sedimentar sua cultura em todos os aspectos da vida de seus cidadãos, a repetição dos símbolos soviéticos legitima esse processo com o povo, porém é importante ressaltar que essa “sovietização” não aconteceu de repente, mas foi um longo processo que exigiu o trabalho em diversas áreas e demorou anos até alcançar todos âmbitos da vida e todos os pontos do país. Os intelectuais e artistas tiveram um papel fundamental, na medida em que, obrigados ou por vontade própria, contribuíram na criação dessa nova cultura:

Depois de jantar, Kólia foi imediatamente para cama, e Sófia Petrovna também se deitou atrás de seu biombo e, na escuridão, Kólia recitava de cor Maiakóvski para ela. “Não é mesmo genial, mãe?” - e, quando acabou, Sófia Petrovna contou-lhe sobre a reunião. “Você é o máximo, mãe”, - disse Kólia e logo adormeceu. (TCHUKÓVSKAIA, p.56)

No trecho acima, de *Sófia Petrovna*, há uma referência a Maiakóvski, que remete a veiculação ideológica propagada pelas artes, mostrando como os jovens estavam inseridos na atmosfera da propaganda soviética.

*** Para as citações referentes ao romance *Sófia Petrovna*, será usada a tradução feita neste trabalho.

Aos poucos, os antigos heróis foram substituídos no imaginário popular, os novos símbolos entraram nas casas dos cidadãos, a nova linguagem e as novas referências passaram a fazer parte de suas rotinas. É dentro das casas, dos escritórios, das fábricas que se pode perceber de fato o poder de influência obtido pelo governo soviético.

A narrativa histórica e a memória de um povo podem ser reescritas, não apenas a narrativa oficial é imposta, como a própria narrativa feita pela população ajuda nesse processo de legitimação do discurso oficial, como aponta Ricoeur, além de ressaltar que essa narrativa imposta solidifica-se na sociedade quando, finalmente, há uma identidade comum da comunidade em relação a ela.

De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comum tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração. (RICOEUR, 2007, p.98)

A geração pós-1917 cresceu com a memória já manipulada pelo governo. Desde muito cedo, o ensino nas escolas era controlado, assim como os materiais didáticos foram reelaborados, principalmente durante o stalinismo, para dar conta, não só das alterações e falseamentos da história, bem como de eventuais novas imposições ideológicas da política partidária. Além do ensino regular, havia a instituição dos *pioneiros* para as crianças até quatorze anos e a *Komsomol* (União Comunista da Juventude) para os jovens. A instituição dos *pioneiros* tinha como propósito “doutrinar as crianças soviéticas nos valores e na disciplina comunista. Elas eram submetidas aos mesmos regimes de “planos de trabalho” e de “avaliações” usados na Komsomol e no Partido”. (FIGES, 2010, p.62).

Para as crianças era motivo de orgulho e denotava inclusão social ser membro dos pioneiros: elas tinham um uniforme composto de camisa branca e lenço vermelho que os distinguiam das demais, além disso, havia toda uma simbologia que envolvia os pioneiros e remetia a procedimentos do Partido, como o juramento, as canções, bandeiras próprias e estandartes. Aqueles que não eram aceitos, principalmente por suas origens “não proletárias”, ou por terem familiares dos

campos de concentração. Eles eram excluídos e humilhados, sendo este um dos artifícios usados para sedimentar a ideologia soviética nos membros mais frágeis da sociedade e que futuramente seriam os maiores apoiadores do stalinismo (FIGES, 2010).

Ao controlar os valores ensinados às crianças, o Partido passou a dominar o inconsciente coletivo, direcionando sua população para aceitação absoluta dos abusos autoritários cometidos pelo regime. Para os maiores de quatorze anos havia a *Komsomol* que continuava sedimentando os valores comunistas e a ideologia do Partido. Fazer parte da *Komsomol* era sinal de perfeita inclusão social e garantia de uma vaga numa instituição de ensino superior e também de emprego. Assim, para serem aceitos, muitos jovens tentavam esconder suas origens e cortavam relações com suas famílias, quando não as denunciavam, a instituição “funcionava como um exército reserva de ativistas jovens e entusiastas para o Partido, fornecendo-lhe voluntários para a execução de seus trabalhos. Além de espões e informantes prontos para denunciar a corrupção e o abuso” (FIGES, 2010, p.65).

O Partido, e consequentemente o governo, conseguiu impor-se como única voz verdadeira a ser escutada e repetida por toda a juventude do país. Em virtude disso, era comum membros da *Komsomol* denunciarem familiares, amigos, professores, qualquer um que discordasse, ou mostrasse insatisfação com o discurso oficial.

No período do Grande Terror, a perseguição aumentou e aqueles que não conseguiam ocultar seu passado acabavam sendo presos e mandados aos campos de concentração, outros jovens, diante da impossibilidade de acesso a emprego, moradia e assistência social, cometiam suicídio, não havia saída: nenhum cidadão soviético se arriscaria a ajudá-los, com receio de serem condenados como “inimigo do povo” (FIGES, 2010).

No romance, Natália, uma jovem datilógrafa muito competente e melhor amiga de Sófia Petrovna, é quem representa as pessoas que perderam todos os seus direitos e eram excluídas da sociedade. Ela não consegue ser aceita na *Komsomol* devido às suas origens e, ao longo da narrativa, irá sofrer com a exclusão social nos anos do Terror:

Natasha era simpatizante do poder Soviético, mas quando apresentou o requerimento para ingressar na *Komsomol* não foi aceita – meu pai era coronel e proprietário e, veja, não acreditam que

eu possa ser uma simpatizante sincera. - dizia Natasha apertando os olhos. – Do ponto de vista marxista, talvez, isso esteja certo... Seus olhos ficavam vermelhos toda vez que contava sobre essa recusa e Sófia Petrovna mudava imediatamente de assunto... (TCHUKÓVSKAIA, pp.54-55)

Pensando sobre o esquecimento e a memória manipulada no contexto soviético, deve-se questionar como foi possível que toda uma nação apagasse seu passado e se sujeitasse a acreditar fielmente no discurso oficial. A geração pós-1917 foi manipulada desde muito cedo por meio da ideologia propagada nas escolas e nas organizações políticas, ela cresceu sem conseguir conceber outra verdade senão a do Partido, mas e seus pais e avós?

A elite bolchevique acreditava na ideologia pela qual lutou na Revolução e muitos morreram defendendo e acreditando que estavam sendo sacrificados pelo Partido. Outros não suportaram os abusos stalinistas e se suicidaram; alguns ficaram em silêncio para tentar preservar suas vidas. O medo falou mais alto diante da voz unívoca do terror. Deste modo, milhares de pessoas foram assassinadas pelo governo soviético, inclusive aqueles que lutaram por mais igualdade e menos injustiças. Esses bolcheviques que estavam no poder, apesar de não terem a autoridade máxima, poderiam ter mudado a História se tivessem preservado a memória de seu povo, entretanto, permitiram que o governo, principalmente, no período de Stálin, manipulasse todo o passado e o presente da nação. Não podemos nos esquecer de que alguns resistiram e tentaram se opor aos abusos cometidos, porém poucos conseguiram e talvez por isso os outros tenham se calado, conforme Figes:

Os membros da elite bolchevique eram particularmente passivos diante da possibilidade de serem presos. A maioria fora tão doutrinada pela ideologia do Partido que a ideia de resistir era facilmente superada pela necessidade mais profunda de provar sua inocência diante do Partido. (FIGES, 2010, p.293)

Numa sociedade em que a vida pública sobrepõe-se à vida particular, esconder anseios, medos, opiniões e desejos era praticamente impossível. Vale lembrar aqui que as moradias, como é mostrado no romance, eram comunais, e em

muitos casos, mais de uma família ocupava o mesmo cômodo^{†††}. Contudo, mesmo com o esforço do governo em moldar e recriar o seu povo, muitos conseguiam manter suas tradições, costumes e histórias em segredo. Conseguiam separar minimamente a vida pública da vida privada e, sempre que necessário, encarnavam a personagem do *homo sovieticus*. Mesmo sem poder confiar em ninguém, às vezes nem mesmo em seus familiares, alguns conseguiam guardar suas memórias, geralmente em forma de diários quase ilegíveis.

No início do novo regime, reflexos da guerra civil fizeram-se notar também no âmbito das artes. Os artistas alinhados com os bolcheviques reuniram-se no *Proletkult*^{†††} e em outras associações congêneres, que agrupavam “escritores e artistas ditos proletários, a maioria deles com escassa formação escolar e intelectual, e promovia debates, espetáculos, além de editar um grande número de jornais e revistas.” (ANDRADE, 1996 p.154) Quanto a tradição literária russa a posição desses escritores estava dividida:

Os membros mais açodados pretendiam a literal abolição do passado burguês e tsarista, condenavam todas as vanguardas literárias e artísticas russas que configuravam o modernismo; Bogdánov, Lunatchárski e outros teóricos. Ao contrário, achavam que a arte do passado podia tornar-se patrimônio da nova sociedade, desde que submetida a uma reavaliação de caráter marxista. (ANDRADE, 1996, p.154)

Essa reavaliação foi feita por Trótski em seu *Literatura e Revolução* (1924)^{§§§}. Na obra, os escritores cuja produção estava ligada à Revolução, embora não representasse a arte da Revolução (TROTSKI, 1924), foram convocados a contribuir para a formação da literatura soviética.

A missão dos *popútchiki*, entre eles escritores que já publicavam antes da revolução, era produzir obras capazes de funcionar como modelos artísticos para as novas gerações, recuperando o padrão de excelência atingido anteriormente pela literatura russa. Como se vê, essas iniciativas visavam não só ao cumprimento de metas relativas à educação e a formação do homem soviético, mas numa época em que os dirigentes ainda tinham a esperança de se internacionalizar a revolução, também visavam à propaganda do regime fora das fronteiras soviéticas. Afinal, independentemente das repercussões da revolução no resto do mundo, desde o *boom* de traduções de obras russas em países a partir de 1880, a literatura vinha funcionando

^{†††} No período stalinista, novas moradias eram construídas com paredes internas muito finas, que geralmente não chegavam até o teto, de modo a permitir que todos ouvissem tudo de todos.

^{†††} *Proletkult*: organizações de cultura e educação proletárias.

^{§§§} Op.cit., sf bibliografia.

como uma espécie de cartão de visita da Rússia. (ANDRADE, 1996 p.155)

Deve-se principalmente às obras dos “companheiros de viagem” a preservação da memória, seja dos tempos pré-revolucionários, seja dos primeiros anos do período soviético até o advento do assim chamado realismo socialista em 1932.

O estabelecimento do realismo socialista como única estética a ser seguida contribuiu de certa forma para o processo de apagamento da memória daquilo que não interessava ao Partido no período stalinista. Desse modo, diante da impossibilidade de divulgação das obras que não seguiam o modelo imposto e dos consequentes riscos de vida que corriam seus autores muitas obras, sobretudo no âmbito da poesia foram preservadas a partir da memorização que dela faziam seus autores ou familiares e amigos ligados a eles****, porém a maioria da população só dispunha da memória do passado recente, pois foi vítima do maior apagamento dos rastros documentais e da manipulação do passado. Nessa época, a própria história da Revolução Russa foi alterada. Os indivíduos que Stálin considerava como inimigos foram assassinados e apagados literalmente da história soviética, um novo passado era reescrito a cada dia, conforme os interesses políticos do governante.

Alguns dos garotos estavam deformando o rosto de Tukhachevsky nos livros, acrescentando um bigode ou um par de chifres. Um dos professores, Rakhil Grigorevna, disse a eles: “Eu já disse isso às garotas, e agora direi a vocês: Darei um pedaço de papel para cada um, quero que colem cuidadosamente nos livros para cobrir o rosto de Tukhachevsky. Mas façam com cuidado, porque hoje ele pode ser uma má pessoa, um inimigo do povo, mas amanhã ele e os outros podem retornar, e podemos voltar a vê-los como pessoas boas. E, quando isso acontecer, vocês poderão tirar o pedaço de papel sem desfigurar o rosto. (GAISTER *apud* FIGES, 2010, pp.355-356)

Afora o apagamento da memória e a manipulação dos acontecimentos, o governo stalinista conseguiu abalar, quando não destruir, todos os laços sociais de amizade e confiabilidade entre os cidadãos. Todos, sem exceção, podiam ser denunciados a qualquer momento, por seus vizinhos ou familiares, pouco

**** A própria Lídia Tchukóvskaja, durante esse período, memorizava os poemas compostos diariamente por sua amiga Anna Akhmátova. Nadejda Mandelstam decorou toda a produção de seu marido Óssip, o que permitiu a posterior recuperação dessas obras, mesmo após a destruição dos manuscritos originais.

importando, muitas vezes a veracidade ou não das acusações atribuídas. A falta de privacidade e sobreposição da vida pública à privada deixavam todos expostos. O medo falava mais alto e imobilizava toda uma nação no que se refere a impedir os abusos de seus governantes, deixando com que eles educassem e criassem uma nova narrativa histórica para as próximas gerações (FIGES, 2010; LEWIN, 2007; GETTY; NAUMOV, 1999).

É necessário considerarmos o outro lado da memória: o esquecimento. Do mesmo modo em que o governo soviético soube manipular a memória de seu povo, a população também contribuiu para que houvesse o esquecimento de seu passado. Paul Ricouer coloca os abusos da memória sendo também abusos do esquecimento, pois a memória é mediada pela narrativa, que é seletiva, do mesmo modo que não se pode lembrar-se de tudo, não é possível narrar tudo.

(...) a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. (...) O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõe uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desapontamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos. (RICOUER, 2007, p.455)

Para Ricouer o esquecimento é responsabilidade do indivíduo, como um comportamento *semi passivo e semiativo* (RICOUER, 2007, p.455), pois ocorre a falta de vontade, ou mesmo, a coragem de buscar informação decorrendo daí um ato de negligência que permite o abuso do esquecimento, quando a memória manipulada se faz presente. Além disso, ao fator da ideologia que se imiscui e participa ativamente para a sua manipulação desse esquecimento. Essa responsabilidade de que fala Ricouer é a do indivíduo apenas assistir a construção da narrativa e não ousar fazê-la por si mesmo. Segundo ele, é preciso que haja coragem e que cada um seja capaz de escrever sua própria narrativa para que os fatos não caiam no esquecimento e, mesmo com os esforços dos governantes para manipular a narrativa histórica, os cidadãos consigam discernir o que realmente aconteceu e como aconteceu.

Escrever a narrativa no tempo presente, enquanto as ações acontecem, permite que haja o recolhimento dos rastros documentais, além do apoio dos

testemunhos. Na União Soviética, houve aqueles que fizeram sua própria narrativa, ainda no presente, mas devido à repressão violenta do Estado não conseguiram divulgar essas memórias. Diários, cartas, reminiscências, muitas vezes, eram apreendidos pelos órgãos de repressão durante incursões noturnas realizadas nas casas, com o objetivo de tornar seus autores reféns do Terror. Não era necessário, obrigatoriamente, prendê-los e ou executá-los: bastava apenas essa forma de intimidação.

O método usado pela autora Lídia Tchukóvskaia para preservar a sua memória e de seus contemporâneos foi escrever esse romance sobre a vida comum de um cidadão soviético. Por meio da rotina da heroína conseguimos presenciar cada aspecto da vida soviética e o modo como a sociedade estava estruturada nos anos 1930. A escritora retoma a divisão do trabalho, o problema da moradia, o modo como a estrutura social afetava cada cidadão, além da fase negra dos anos do Grande Terror, mas a partir da perspectiva daqueles que acreditavam fielmente em Stálin e que não conseguiam compreender em absoluto o que estava de fato acontecendo. Não há, no romance, uma ideologia a ser propagada, há sim uma descrição realista de sociedade da época e, que consequentemente, atinge o governo soviético por denunciar e expor as mazelas que aconteciam no país. Não há a propaganda do mundo ideal comunista que era característica e exigência do realismo socialista. Se na forma, a obra não se afasta dos procedimentos típicos dessa estética (a simplicidade e a clareza da linguagem, a tipologia não psicologizada das personagens, a ausência de rebuscamentos estilísticos, etc.), seu conteúdo, entretanto, por não se adequar à forma preconizada, acaba por subvertê-la, ou seja, *Sófia Petrovna* pode ser visto como um romance do realismo socialista que falsifica os preceitos estéticos que caracterizam a escola, mas mantém as aparências.

A autora descreve a vida medíocre de uma cidadã educada antes da Revolução de 1917, mas que cria seu único filho no regime soviético, sem manter as antigas tradições, acreditando cegamente no Partido, apesar de guardar para si seus valores e desejos antigos. Diante da prisão do filho, a protagonista fica completamente perdida e confusa, pois, mesmo tendo certeza de que ele não era culpado de nada, não conseguia conceber que as autoridades não estivessem falando a verdade, uma vez que o governo soviético jamais cometia erros. Esse

dilema persegue a protagonista praticamente durante toda a narrativa aparecendo em vários momentos:

- Kólia – num ato terrorista?! Que delírio!
- O procurador disse: ele mesmo confessou. No inquérito tem a sua assinatura.
- As lágrimas roíam copiosamente pelas faces de Sófia Petrovna. Ela deteve-se junto a um muro segurando-se numa calha.
- Kólka Lipátov um terrorista! - falava Álik com a voz estrangulada. – Canalhas, mas que canalhas! Mas isso é para morrer de rir! Sabe de uma coisa Sófia Petrovna, eu comecei a pensar assim: tudo isso é uma enorme sabotagem. Os sabotadores infiltraram-se no NKVD e de lá comandam tudo. Eles é que são os inimigos do povo.
- Mas, Kólia confessou, Álik, ele confessou, entenda Álik, ele confessou... – dizia chorando Sófia Petrovna. (TCHUKÓVSKAIA, p.116)

Para fazer sua própria narrativa num governo autoritário é preciso muita coragem e muito discernimento no que se refere ao falso e ao verdadeiro presentes num discurso oficial. Manter-se lúcido, e acreditar em sua verdade interior, à revelia do que é dito na esfera pública requer um constante exercício da memória. Os cidadãos comuns eram confrontados na certeza de que conheciam o caráter de seus familiares, quando inesperadamente as autoridades lhes diziam que eram terroristas, “inimigos do povo” e que haviam cometido atos contra o regime. Nada lhes restava senão acreditar. As pessoas viviam nas piores condições de moradia, trabalho e alimentação, situação esta que criava um estado de fragilidade propício à manipulação através da propaganda de que tudo era para um bem maior, de que o futuro da pátria socialista estava sendo construído e que tudo estava melhorando (sic.). Elas não questionavam as práticas de seus governantes, acreditavam cegamente em suas palavras, porque todo tipo de informação, todas as formas artísticas, todos os conteúdos teóricos exaltavam exclusivamente o Partido e a sociedade soviética por ele preconizada.

Em *Sófia Petrovna*, isso é sentido pela heroína, a qual tem absoluta certeza que seu filho não é um “inimigo do povo” e jamais cometera crimes contra o Estado. Entretanto, ao receber a notícia e saber que ele assinara sua confissão, fica completamente confusa, sem conseguir ter certeza daquilo que sabe, por nunca duvidar das ações do governo. Não acha que eles seriam capazes de mentir, e o máximo em que acredita é que eles tenham se enganado quanto a Kólia. Acreditar que houve um engano e que logo tudo seria esclarecido era uma desculpa comum

entre as pessoas nesse período, porque eram incapazes de acreditar que o Estado estaria cometendo algum tipo de abuso.

O governo stalinista alcançou todos os níveis de manipulação; com a *comemoração*, sedimentou o discurso oficial nas massas que aceitaram o esquecimento de forma passiva. Deste modo, o controle ultrapassou o medo para garantir o apoio incondicional da população que estava ideologicamente crente nas suas ações, principalmente, os jovens que só enxergavam o Partido e aceitavam prontamente suas ações sem nem ao menos questioná-las. Mesmo quando seus pais eram presos não deixavam de acreditar na justiça soviética, chegando a até mesmo a renegá-los por acreditarem em sua culpa. Nesse tipo de governo, em meio a população ocorre uma intensa luta entre os *abusos da memória* e os *abusos do esquecimento*, apenas uma minoria consegue lutar contra o esquecimento, sendo essa luta muito mais particular do que pública, já que não há espaço para que a realidade venha à luz. No âmbito do governo, por sua vez, *abusos da memória* e *abusos do esquecimento* se aliam como instrumento de controle social e ideológico da população. Para o Partido existe apenas uma verdade: a dele mesma.

Tchukóvskaja ousa escrever a narrativa de seu presente, conseguindo manter vivos os fatos que ninguém narrava. Não escolhe o diário, mas a ficção literária como forma de não esquecer e denunciar a tragédia que vivia.

I expressly meant to write a book about society gone mad; poor mad Sofia Petrovna is no personal heroine; for me she's a personification of those who seriously believed that what took place was rational and just. "We don't imprison people for no reason." Lose that faith, and you're lost; nothing's left but to hang yourself. (TCHUKÓVSKAIA, 1994, p.112)

A autora escreve para aqueles que estavam cegos diante da realidade e que apoiavam todas as ações do governo, uma sociedade completamente manipulada, sujeita às piores atrocidades, mas incapaz de se mover para mudar o presente. Essas pessoas estavam engessadas no discurso autoritário e contribuindo com isso para a sua divulgação.

Sófia Petrovna não foi publicada, mesmo depois da morte de Stálin e do início do processo de desestalinização do governo. Houve, então, a reabilitação de escritores e obras, principalmente de alguns "companheiros de viagem" da década de 1920, mais no intuito de fomentar a propaganda desse processo de

desestalinização do que de atenuar a censura. Ao Partido não interessava perder completamente o pé na situação: a tentativa de reestabelecer a verdade histórica demonstrou ser falaciosa. O Partido preferiu deixar o passado no esquecimento para garantir a manipulação das futuras gerações e a sua própria sobrevivência, mesmo porque a atual geração de jovens gerados na década de 1930, formados nos “ideais” do stalinismo e vencedores da Segunda Guerra Mundial julgavam-se todo poderosos e, diante de um reestabelecimento total da verdade histórica poderiam endurecer ainda mais o regime ou acabar definitivamente com ele.

Tchukóvskaia escreve o romance, articulando as ações, a tipologia das personagens, o contexto e o desfecho a partir da vida do período stalinista vivido pela própria autora, que visa preservar os acontecimentos presentes constantemente apagados e manipulados pelo governo.

A hermenêutica de uma obra literária é guiada sempre pelo seu tempo, uma vez a passagem do tempo carrega novas interpretações. Esse é um ponto delicado na obra de Lídia Tchukóvskaia, uma vez o romance foi publicado décadas depois de ter sido escrito. Ao ser publicado pela primeira vez no Ocidente em 1965, com o aval do Partido Comunista Soviético, para os leitores ocidentais, o romance *Sófia Petrovna*, não era exatamente uma obra de denúncia do universo soviético, senão mais um instrumento de propaganda do processo de desestalinização que ocorria no interior da URSS.

Para os leitores soviéticos, que tiveram acesso apenas quarenta anos depois, a obra foi assimilada imediatamente, como representação da verdade histórica. Cada detalhe da vida das personagens, os acontecimentos que marcam a vida de Sófia Petrovna, recuperam não só a memória dos anos negros do stalinismo, mas também a memória do que era e do foi o próprio regime soviético, isso pôde ser comprovado, após o desmantelamento da URSS num confronto entre a obra e os inúmeros documentos e testemunhos divulgados com a abertura dos arquivos secretos.

A obra literária vai além do prazer estético, ela é capaz de apresentar o sublime e causar deleite, mas também, representa a sociedade com todas as suas faces, costumes, valores e tragédias, sendo capaz de mostrar a cultura e o tempo dos homens. Assim, a trama de *Sófia Petrovna* está calcada nos detalhes do cotidiano da vida soviética da década de 1930, sendo determinante para o seu desfecho. Esses detalhes constituem uma espécie de ícones do sistema soviético,

que funcionam organicamente como *late motives* no texto. Seria interessante, portanto, tratar de alguns deles no intuito de perceber melhor a estruturação da obra e ampliar as possibilidades de interpretação.

A partir de 1921, com o término da guerra civil e a instauração da NEP (Nova Política Econômica) e o início do processo de industrialização, que demandava mão de obra, as grandes cidades, principalmente Moscou, tornaram-se superpopulosas. A falta de infraestrutura para acomodar toda essa população itinerante começou a ser sanada, já nessa década, com a divisão das residências que anteriormente pertenciam à nobreza e à burguesia. Desde então, com ligeiras variações, cada cidadão tinha apenas 11 metros quadrados para morar. (FIGES, 2010).

Nesses apartamentos comunais (*kommunalka*), os antigos proprietários, que não tinham emigrado ou morrido na guerra civil, ocupavam o cômodo principal, enquanto, os demais eram ocupados por outras famílias. Um morador era escolhido para ser o representante do apartamento, cuidava do acerto de contas e participava das reuniões com os demais representantes para estabelecer as regras de funcionamento geral do prédio. O conjunto de representantes formava um comitê de moradia, presidido, geralmente, por um agente da polícia secreta. Sófia Petrovna teve o seu apartamento transformado em uma *kommunalka* que era sublocado para duas famílias. A princípio, a relação de Sófia com os outros moradores era amigável. Ela foi eleita representante do apartamento, mantinha a organização da casa e até repreendia os moradores quando necessário:

O que consolava Sófia Petrovna pela perda do apartamento era seu novo título: os moradores a escolheram, por unanimidade, para ser a representante do apartamento. Ela passou a ser uma espécie de dona, uma espécie de chefe do seu próprio apartamento. Ela com gentileza, mas de modo insistente, fazia observações para a mulher do contador a respeito dos baús deixados no corredor. Ela calculava quanto cabia a cada um pagar pela energia elétrica, com a mesma correção com que recolhia as contribuições sindicais no serviço. Ela frequentava regularmente, as reuniões dos representantes oficiais dos apartamentos no JAKT e depois transmitia, detalhadamente, aos moradores o que o administrador do edifício dissera. Seu relacionamento com os moradores era de modo geral bom. (TCHUKÓVSKAIA, p.58)

A privacidade nesses apartamentos era inexistente. Entretanto, as novas gerações não se incomodavam, pois estavam habituadas a esse modo de vida e não conheciam outro. Porém, para alguém como Sófia Petrovna, a falta de

privacidade era perturbadora. Ela procurava modos de ampliar o espaço físico para dar a Kólia mais privacidade, afinal ele já era um homem e ainda dividiam o quarto. Apesar da exiguidade do espaço a que tinham direito, Kólia, que crescera e fora educado no novo regime, não se incomodava isso:

Agora, Kólia cresceu, era necessário um quarto separado, pois ele não era mais criança. “Mas, mãe, por um acaso é justo que Degtiarenko e seus filhos morem num porão e nós num bom apartamento? Por acaso isso é justo, diga!”- perguntava severamente Kólia, explicando a Sófia Petrovna o sentido revolucionário da redistribuição do espaço dos apartamentos burgueses. E Sófia Petrovna era obrigada a concordar com ele: no fim das contas não era totalmente justo. (TCHUKÓVSKAIA, p.58)

Um sistema de convivência foi criado nos apartamentos comunais: as famílias dividiam a cozinha e o banheiro, seus objetos ficavam juntos, mas não tinham o uso compartilhado, o número de toques de campainha correspondente a cada família, ficava na porta do edifício para que os visitantes e carteiros soubessem onde bater e que família chamar.

De repente soou a campainha. E soou de novo. Sófia Petrovna foi abrir. Dois toques de campainhas – era para ela. Quem poderia ser tão tarde?

(...)

Finalmente, ela entrou no prédio e, reunindo suas últimas forças, subiu até o segundo andar. Devia ser ali. Sim, era ali. “M. E. Kiparíssova. – um toque”. Abriu-lhe a porta uma menina que saiu correndo logo em seguida. (TCHUKÓVSKAIA, pp.56; 141)

Essas habitações transformaram as relações sociais da URSS, pois não havia mais como manter a privacidade, uma vez que as áreas comuns eram compartilhadas e a vida de cada família ficava exposta a todos. Não havia momentos íntimos ou discussões que não fossem escutados pelos outros moradores:

– Nem pense nisso, sua besta, – falava a mãe sem alterar a voz, e Sófia Petrovna se escondia às pressas no banheiro para não ouvir a continuação, – No banheiro, para o qual logo corria, Vália lavava seu rosto inchado de choro, falando na pia todos os palavrões que não tivera coragem de dizer na cara de sua mãe. (TCHUKÓVSKAIA, p. 59)

Nos anos do Terror, a convivência nos apartamentos comunais tornou-se ainda mais tensa, uma vez que qualquer palavra dita sem cuidado poderia ser motivo de delação junto aos órgãos de segurança, e consequente prisão. Assim, a distância entre as pessoas aumentou, até mesmo as relações entre familiares muitas vezes esgarçaram-se em prol da sobrevivência. Criou-se um controle mútuo da sociedade. Nos anos do Terror, a vigilância reforçada sedimentando o comportamento de espionar, vigiar e estar atento ao que o outro fazia em sua rotina diária.

O problema da falta de habitação tornou-se mais um motivo para as delações. Muitos cidadãos, que desejavam mais espaço para suas famílias, foram capazes de denunciar e, até mesmo, acusar injustamente seus vizinhos, que acabavam presos e suas famílias deportadas, desocupando, assim, preciosos metros para benefício do delator. Como os laços afetivos foram destruídos, principalmente no período stalinista, não havia sentimento de culpa, nem preocupação com o destino dessas pessoas:

As gerações futuras nunca compreenderão o que “espaço para morar” significa para nós. Crimes incontestáveis foram cometidos por causa dele, e as pessoas estão tão amarradas a ele que deixar de lado o que têm é inconcebível. Quem poderia deixar esses maravilhosos e preciosos 12,5 metros quadrados de espaço para morar? Ninguém seria louco a esse ponto, pois o espaço é passado para os descendentes como um castelo da família, uma *villa* ou uma grande propriedade. (MANDELSTAM *apud* FIGES, 2010, p.219)

Depois de um ano da prisão de Kólia, Sófia Petrovna passou a carregar o estigma de ter um membro da família preso, o que tornou a relação com os moradores da casa cada vez mais difícil. Em uma passagem ela é acusada pela enfermeira de roubar querosene. A acusação levou Sófia Petrovna a isolar-se em seu quarto. Ela levou seus equipamentos de cozinha e passou a ter uma vida reclusa:

Durante a noite, lá pelas duas horas da madrugada, quando todos já estavam dormindo, ela se levantou, vestiu um casaco por cima da camisola e dirigiu-se à cozinha. Pegou seu querosene, seu primus, suas panelas e levou tudo para o seu quarto. (TCHUKÓVSKAIA, p 108)

O isolamento de Sónia Petrovna reforçou seu *status* de mãe de um “inimigo do povo”. A enfermeira vê nessa situação a possibilidade de expulsar Sónia de seu quarto e conseguir mais um cômodo para sua própria filha:

– Veja só! – pôs-se a falar imediatamente a enfermeira, apontando para o querosene e o primus. – Preste atenção: ela montou uma cozinha inteira aqui. Fuligem, sujeira, pretejou todo o teto. Ela está arruinando as instalações do edifício. Veja bem, ela não quer fazer a comida na cozinha junto com os outros, está se esquivando desde que nós a apanhamos roubando sistemático o querosene alheio. O filho dela está em na cadeia, condenado como inimigo, ela mesma não tem emprego fixo, em suma, um elemento suspeito.
– Cidadã Lipátova, – disse o administrador, voltando-se para Sónia Petrovna, - leve imediatamente seus pertences para a cozinha. Ou então eu vou denunciá-la à polícia... (TCHUKÓVSKAIA, p.133)

Com a coletivização forçada do campo, em 1930, que culmina na criação das fazendas coletivas (*kolkhozes* e *sovkhozes*), a URSS volta a recorrer ao uso dos cartões de racionamento, cujo uso havia sido abandonado com o advento da NEP. A recusa dos camponeses em participar do processo de coletivização ocasionou uma nova debandada das populações rurais para as cidades, agravando ainda mais os problemas de moradia e dificultando para o Estado o controle da vida dos cidadãos. Alie-se a isso as lutas no interior do Partido visando ao fortalecimento de Stálin em seu posto, com a consequente depuração dos quadros partidários, contrários ao líder. A expulsão de Trótski, primeiro do Partido e depois da própria URSS, a eliminação de antigos quadros bolcheviques, geralmente de segundo escalão acusados de trotskismo, marcaram o início da escalada para o Grande Terror. Mas não só: constituíram também um novo motivo para reescrever a história. Os nomes dos inimigos políticos de Stálin foram eliminados dos manuais de história, caíram por decreto no esquecimento, dando ensejo a uma nova conformação da memória coletiva.

Depois do assassinio de Kírov⁺⁺⁺⁺, em 1934, a situação piorou. Os decretos em decorrência do assassinio ampliaram o poder de Stálin e pavimentaram definitivamente os caminhos para o Grande Terror.

⁺⁺⁺⁺ Serguei Kírov, chefe do Partido em Leningrado, era um dos amigos mais próximos de Stálin, que o considerava membro de sua família. Kírov era muito popular e mais moderado que Stálin, considerado por alguns líderes regionais o seu sucessor. Em primeiro de dezembro de 1934, Kírov foi assassinado em Leningrado na sede do Partido Comunista, com um tiro na nuca, dado pelo jovem Leonid Nikoláiev. Alguns historiadores acreditam que houve a possibilidade da participação de Stálin no assassinio, uma vez que Kírov

Em três de dezembro de 1934, o *Politburo* aprovou um decreto que autorizava o fuzilamento de qualquer cidadão acusado de terrorismo⁺⁺⁺. Assim, o assassinio de Kírov foi usado como prerrogativa para os processos, prisões e execuções de cidadãos comuns, e principalmente de antigos bolcheviques que pudessem se opor a Stálin.

O centro das investigações estava focado nos principais rivais do líder, Grigóri Zinóviev e Liev Kámeniev, membros fundadores do Partido que em certo momento, tinham apoiado Trótski. Não havia provas concretas que pudessem ligá-los ao assassinio, porém os acusados, seguindo a orientação do Partido, declaram-se culpados, na esperança de salvar suas vidas. Ambos foram fuzilados imediatamente depois do julgamento.

Acusar membros prestigiados do Partido nesse período ainda era uma questão delicada, pois Stálin não possuía os poderes plenos que teria nos anos seguintes. No entanto, os acusados, durante seus julgamentos, acostumados à prática de reconhecer, dentro do Partido, os próprios erros acabavam confessando independentemente da veracidade das acusações. Isso reforçava para os demais cidadãos a infalibilidade do Partido e a ideia de que, no caso de equívoco, o Partido reconheceria seu erro.^{§§§§}

Na década de 1930, nos *julgamentos encenados*, os acusados de traição ou sabotagem eram julgados, mas, em sua maioria, as sentenças já estavam determinadas desde o início do processo. Os acusados assinavam seus falsos testemunhos em prol do Partido ou visando a proteger suas famílias.

Com esses julgamentos criou-se um fenômeno que cativava a população e transformava o imaginário das massas, as provas dadas pelo NKVD eram exploradas ao máximo pelos jornais, que se valiam do sensacionalismo para ganhar

era um possível rival que poderia ameaçar sua liderança no Partido. Porém, nunca foram encontradas provas concretas que o ligasse ao crime (MONTEFIORE, 2006).

⁺⁺⁺ Segundo Getty e Naumov (1999): “Two days after the killing, the Politburo approved an emergency decree that Stalin had drafted en route to Leningrad whereby persons accused of “terrorism” could be convicted in an abbreviated procedure, denied the right of appeal, and immediately shot. This decree, the notorious Law of 1 December 1934, became the “legal” basis for thousands of summary executions over the next four years. Moreover, complicity in organizing the Kirov murder was attached to almost every high-level accusation made against Old Bolsheviks and others.”

^{§§§§} No romance, a prisão de Kólia era vista por todos, com exceção do pequeno núcleo familiar, como indício de que ele era realmente culpado. Já Sófia Petrovna e pessoas mais próximas de Kólia consideravam sua detenção um erro que logo seria reconhecido pelo Partido.

apoio da população para o Partido, ao mesmo tempo, que reforçavam a figura de Stálin como um grande líder, permitindo as decisões extremas e radicais do governo como preventivas do terrorismo que diziam assolar o país.

A população era incentivada a suspeitar de todos, qualquer um, até mesmo um membro da família, poderia ser um “sabotador” ou “inimigo do povo”.

O ano de 1937 foi o início do Grande Terror. O assassinio de Kírov, transformado em pretexto para a eliminação dos antigos bolcheviques, continuou a repercutir na URSS. Os grandes julgamentos foram encenados e a opinião pública foi manipulada. No capítulo 7 do romance, o narrador apresenta os julgamentos de Kámeniev e Zinóviev pela perspectiva das personagens. Os *julgamentos encenados* afetaram o imaginário da população, pois não apenas os condenados se declararam culpados do assassinio de Kírov, como ainda, assumiram muitos outros crimes e atos de terrorismo. A cobertura dos processos ficava por conta do *Pravda*, diário oficial do Partido e do governo:

Em janeiro, começou a aparecer nos jornais artigos sobre um novo processo iminente. O processo de Kámeniev e Zinóviev tinha afetado muito a imaginação de Sófia Petrovna, mas ela, por falta de hábito em ler jornais, não os acompanhara diariamente. Mas já dessa vez, Natasha envolveu-a com a leitura dos jornais e todos os dias elas liam juntas os artigos sobre o novo processo. Só se falava de espiões fascistas, os terroristas, sobre as prisões... Imagine só, esses canalhas queriam matar nosso bem amado Stálin. Pelo visto tinham sido eles a assassinar Kírov. Eles organizavam atentados nas minas. Provocavam descarrilharam de trens. E tinham homens seus praticamente em cada instituição. (TCHUKÓVSKAIA, p.77)

O sentimento de pânico e paranoia reinante em meio a população recrudesceu: não era possível saber ao certo quem era o inimigo. Um simples comentário sobre qualquer dificuldade encontrada na vida soviética era um bom motivo para tornar-se um “inimigo do povo”. Ter parentesco com membros do antigo regime, com “inimigos do povo” aprisionados no sistema *Gulag* levava ao desemprego, a perda da moradia, à prisão ou ao degredo. Assim, na editora em que Sófia Petrovna trabalhava um tipógrafo é demitido por ter parentesco com um acusado:

– Camaradas! – proferiu ela baixando as pálpebras e fazendo uma pausa. – Camaradas! – ela dobrava seus dedos finos de unhas cumpridas. – o inimigo infame colocou suas patas imundas também na nossa repartição. – Todos gelaram. O camafeu subia e descia no peito opulento de Anna Grigorievna. Ontem à noite foi preso Gerassímov o ex-chefe da nossa

tipografia, hoje desmascarado como inimigo do povo, Gerassimov. Descobriu-se que era sobrinho de um Gerassimov de Moscou desmascarado no mês passado. Graças à conivência da nossa cédula do Partido, que sofre, segundo a acertada expressão do camarada Stálin, a doença idiota da negligência, Gerassimov continuou a “trabalhar”, se é que se pode dizer assim, em nossa tipografia, mesmo depois de seu tio, o Gerassimov de Moscou ter sido desmascarado. (THUKÓVSKAIA, p.77)

Essa situação enseja o surgimento de novos termos e expressões. Um bom exemplo são os termos “sabotador” (*vreditel*) e “inimigo do povo” (*vrag naroda*) para designar qualquer cidadão que fosse acusado de crime político. Os “sabotadores” e “inimigos do povo” seriam aqueles que estariam infiltrados nas fábricas, minavam as metas estabelecidas, que criticavam o poder soviético, enfim os acusados de todo tipo de crime.

Em 1937, as *tróikas* – tribunais usados durante a Guerra Civil para julgar os inimigos do regime, sem o procedimento judicial de praxe –, foram reestabelecidas para os julgamentos e eram compostas por um primeiro secretário do Partido local, um procurador e um chefe do NKVD. Os líderes regionais aproveitavam para “caçar” seus próprios inimigos eliminando concorrentes e buscando ascensão nas fileiras dentro do Partido. Quotas de prisão e execução foram estabelecidas, mas muitas vezes os números de presos e fuzilados superavam-nas. As maiores quotas foram nos lugares em que a economia era mais sensível, como por exemplo, nas cidades industriais (MONTEFIORE, 2006).

No capítulo 6, Sófia Petrovna é informada pelo contador de que alguns médicos da cidade tinham sido detidos, inclusive o padrinho de Kólia: doutor Kiparíssov. O fato de alguém tão próximo ter sido preso deixou a protagonista abalada. Ela não entendia quais poderiam ser as acusações, não acreditava ser possível um cidadão tão sério e respeitado como Kiparíssov ser acusado de um crime. Então, Sófia recordou os dias após o assassinio de Kírov, o modo como a cidade tinha ficado agitada com a chegada de Stálin e as prisões relacionadas ao caso que se seguiram:

Dois anos antes, depois do assassinato de Kírov (Oh! Que dias sombrios! Patrulhas percorriam as ruas... e a espera da chegada do camarada Stálin, a praça da estação ferroviária estava cercada por cordões de soldados... as ruas e as travessas interditadas... não dava para passar nem a pé nem de condução), depois do assassinato de Kírov tinha havido também muitas prisões, então, pegaram inicialmente alguns opositores e, depois as pessoas do

“antigo regime” e barões von isso e von aquilo. E agora eram os médicos. (TCHUKÓVSKAIA, p.75)

Sófia Petrovna também ficou indignada com a prisão de uma colega de escola, madame Nejéntseva, que não representava perigo algum para sociedade, mas que, por ser nobre, fora exilada. A população aceitava as medidas do Partido, compactuando com o discurso oficial, que afirmava ser necessário acabar com qualquer tipo de suspeito que representasse uma ameaça ao regime.

A imprensa cumpriu seu papel de reforçar o perigo de ter inimigos no país, assim como o discurso ideológico na *Komsomol* que não deixava brechas para que os jovens pudessem questionar as atitudes do governo. Ter origem nobre ou burguesa continuava sendo um estigma perigoso nos anos 1930 na URSS. O discurso do *komsomoliets* Kólia deixa bem isso claro quando convence a mãe de que madame Nejéntseva, era suspeita:

Após do assassinato de Kírov, madame Nejéntseva, uma velha amiga de Sófia Petrovna, - elas tinham feito juntas o ginásio- tinha sido deportada por ser nobre. Sófia Petrovna tinha ficado atônita: que ligação madame Nejentseva poderia ter com o assassinato? Ensinau francês na escola e vivia como todo mundo. Mas Kólia explicou que era indispensável limpar Leningrado de elementos duvidosos. E quem é propriamente essa sua madame Nejentseva? Você mesma se lembra mãe, de que ela não reconhecia o valor de Maiakóvski e sempre falava que nos velhos tempos tudo era mais barato. Ela não é uma verdadeira soviética... (TCHUKÓVSKAIA, p.76)

A prisão dos médicos não tivera repercussão nos jornais. Como sempre, muitos sabiam das prisões, esperavam por elas, mas nada era divulgado. O encontro com a esposa de Kiparíssov mostra como a família dos presos era afetada. Sófia estranha os modos de Kiparíssova e não entende a preocupação da mulher do médico, pois para ela, o governo soviético era justo e não cometia erros:

Quando Ivan Ignátievitch voltar ligue para mim, para comemorarmos, – falou Sófia Petrovna. – Mas o que é isso, por que esse abatimento todo? Já que Ivan Ignátievitch não é culpado – então, tudo ficará bem. Em nosso país, nada pode acontecer com as pessoas honestas. É apenas um mal entendido. Vamos coragem... Passe em casa um dia desses para tomar um chá! (TCHUKÓVSKAIA, p.81)

O discurso de Sófia apresenta ao leitor como a mentalidade do soviético comum era construída. A manipulação ideológica estava tão sedimentada que não havia a menor possibilidade, no universo soviético, do Partido estar agindo de forma incorreta.

Nos anos de 1937 a 1939, centenas de milhares de pessoas foram presas, mandadas aos campos de concentração ou mortas acusadas de crimes políticos. Havia um burburinho entre os cidadãos, mas nada era dito às claras, pois qualquer palavra poderia tornar-se motivo de acusação. As pessoas fingiam não ver que seus vizinhos, colegas de trabalho ou familiares estavam sendo presos. Ninguém se envolvia, nem ousava verificar a veracidade das acusações:

O medo destruía laços de amizade. Amor e confiança. Também destruía os laços morais que mantêm a unidade de uma sociedade, na medida em que as pessoas se voltavam umas contra as outras na confusão caótica em busca de sobrevivência. (FIGES, 2010, p.325)

Como já foi referido, ter um membro da família preso era motivo de demissão, perda da moradia, expulsão da escola ou universidade e, como acontecia com frequência, deportação. Nesse período, as filas em frente da prisão ou da procuradoria das cidades eram comuns, mas, ao mesmo tempo, para o cidadão soviético comum era como se não existissem. Após a prisão do filho, Sófia Petrovna estranha a fila para entrega de provisões aos presos, que a princípio ela pensa ser fila do bonde.

As filas eram organizadas por ordem alfabética do sobrenome dos presos. Elas eram compostas, principalmente, por mulheres: mães, irmãs e esposas que buscavam notícias ou tentavam entregar provisões para familiares presos. Primeiro passavam por uma fila para retirar a senha, depois eram encaminhadas a outra fila para obter informações, entregar dinheiro, encomendas ou correspondências. Porém, dependendo do grau da acusação, nenhum tipo de contato era permitido. Sófia Petrovna não entendia o motivo de não poder enviar dinheiro a Kólia:

Na rua Shpalernaia, o homem gordo sonolento recusava sempre o seu dinheiro e declarava: “ele não tem direito”. Isso era tudo que ela sabia sobre Kólia: os outros tinham “direito” de receber dinheiro, mas sabe lá Deus por que ele não tinha esse “direito”. Por quê? Mas, ela já tinha entendido, que perguntar ao sujeito do guichê era inútil. (THUKÓVSKAIA, p.97)

Essas mulheres sofriam ainda com a possibilidade, como acontecia na maioria dos casos, de serem deportadas os rincões mais afastados da URSS. Além disso, em geral perdiam tudo o que tinham e dificilmente conseguiam emprego nesses lugares.

– Não vou conseguir trabalhar em Leningrado, – disse ela tristemente. – Eu serei deportada. Todas as esposas e mães são deportadas. (THUKÓVSKAIA, p.122)

Para se livrar do estigma de ter parentes presos, essas pessoas podiam renegar o acusado. Na maioria dos casos, a família fazia o possível para ajudar e buscar informações sobre os parentes presos e submetia-se à deportação quando decretada. O fenômeno dessas filas encontra-se exemplarmente retratado no romance, nos mínimos pormenores:

Sófia Petrovna aprendeu bastante coisa durante essas duas semanas – ela aprendeu que devia se inscrever numa fila a partir das onze horas ou meia noite, e apresentar-se à chamada a cada duas horas, mas que o melhor era não afastar-se absolutamente para não ser riscado da lista; era indispensável levar um xale bem quente, calçar botas de feltro, porque mesmo na época do degelo, entre três e seis horas da manhã, as pernas gelavam e um ligeiro tremor tomava conta de todo o corpo; ela aprendeu que os funcionários do NKVD confiscavam as listas e, levavam para à delegacia aqueles que as faziam; e devia ir à procuradoria no primeiro dia da semana e que lá atendiam as pessoas sem levar em conta a ordem alfabética, enquanto na rua Shpalernaia, sua letra era nos dias sete e vinte (na primeira vez ela tinha vindo no dia da sua letra por pura sorte); que as famílias dos condenados eram exiladas de Leningrado e, putiovka não era uma autorização para uma colônia de férias, mas para o degredo; que na rua Tchaikóvskii as informações eram dadas por um velho de cara vermelha e um bigode felpudo de gato, mas na procuradoria era uma moça de cabelo frisado e de nariz pontudo; mas na Tchaikóvskii era necessário apresentar passaporte, e na Shpalernaia não; aprendeu que entre os inimigos desmascarados havia muitos letões e poloneses, e era por isso que havia na fila tantas letãs e polonesas. Ela aprendeu a adivinhar ao primeiro olhar, quem na rua Tchaikóvskii não era um simples pedestre, e sim um dos que ficavam na fila, mesmo no bonde, pelo olhar, ela sabia qual das mulheres estava a caminho dos portões de ferro da prisão. Ela aprendeu a orientar-se em todas as recepções e nas entradas de serviço do cais e, não tinha a menor dificuldade em encontrar a mulher da lista, onde quer que esta se escondesse. Ela já sabia, que ao sair de casa depois de um cochilo, na rua, na fila, no corredor, na sala – na Tchaikóvskii, no cais, na procuradoria, por toda a parte – haveria mulheres, mulheres, mulheres, velhas e moças, com xales e chapéus, com bebês de colo, com crianças de três anos ou sem

crianças, crianças chorando de cansaço e, mulheres silenciosas, aterrorizadas taciturnas, e do mesmo modo, que outrora, em sua infância, após um passeio na floresta, ela via desfilar diante dos seus olhos bagas, bagas, e mais bagas, e agora quando fechava os olhos, ela via rostos, rostos, rostos... (THUKÓVSKAIA, p.96)

Quando o caso de Kólia é finalmente julgado, Sófia Petrovna consegue conversar com o procurador. Mas de nada adianta, apesar de inocente, Kólia havia confessado sua culpa e o caso já estava encerrado com a sentença de dez anos em campo de concentração. Reforçando o clima geral do Terror, que se estendia ao cotidiano do cidadão, as famílias não conseguiam intervir ou mesmo saber ao certo o que havia acontecido com os seus presos. As informações eram propositalmente escassas e as sentenças irreversíveis, sem direito à apelação. Os presos com acusações menos graves podiam receber provisões e dinheiro, outros não podiam receber nada e nem sequer comunicar por cartas, aliás, quando era dito não podia receber dinheiro ou correspondência, significava, muitas vezes, que ele já havia sido fuzilado, sem que a família fosse informada de sua morte.

A população, apesar de saber tudo o que estava acontecendo e de viver sob o medo constante, não duvidava da honestidade do governo soviético. Acreditava que havia sabotadores nos altos cargos, mas que Stálin não tinha conhecimento das injustiças cometidas. Nesse período, começou um fenômeno herdado da época do tsar: as cartas de reclamação e denúncia para Stálin e para o alto escalão do Partido. Assim, o líder passou a receber diariamente centenas de cartas, com pedidos de intervenção pelos presos ou de acusação dos membros do NKVD. No romance, Álik, revoltado com o destino de Kólia, deseja obter explicações do próprio Stálin:

– Kólia não tem nada a confessar, por acaso você está duvidando, ou o que? Não estou entendendo mais nada, absolutamente nada. Agora só queria uma coisa: ter uma conversa cara a cara com o camarada Stálin. Que ele me explique o que acha de tudo isso. (TCHUKÓVSKAIA, p.116-117)

Havia cartas de todo o tipo, mas pode-se dividi-las em dois grandes grupos: as políticas e aquelas que clamavam por ajuda (FITZPATRICK, 1996). As cartas de súplicas eram, em sua maioria, escritas por mulheres que pediam ajuda financeira, pediam por seus parentes presos, faziam reclamações pessoais de todo o tipo, em geral, eram assinadas e, muito raramente, recebiam respostas. As cartas políticas

eram anônimas, pois faziam denúncias e reclamações e, apesar de se calcarem nos direitos do cidadão soviético, eram tidas como subversivas. Nesses casos, o NKVD abria investigação para descobrir seus autores, levando-os à prisão.

No romance, Sófia Petrovna recorre às cartas de súplicas, ela faz três tentativas sem sucesso e pensa em uma próxima carta para Stálin.

Deitada em sua cama, ela ficava pensando em sua próxima carta ao camarada Stálin. Desde que Kólia tinha sido levado, ela já escrevera três cartas ao camarada Stálin. Na primeira, ela pedia que o caso de Kólia fosse revisto e sua prisão relaxada porque ele não era culpado de coisa alguma. Na segunda, ela pedia que informassem seu paradeiro para que pudesse ir até lá e revê-lo mais uma vez antes de morrer. Na terceira, ela implorava que dissesse apenas uma coisa: se ele estava vivo ou morto? Mas não houve resposta. A primeira carta ela tinha simplesmente colocado na caixa do correio, a segunda ela enviou registrada, e a terceira teve aviso de recebimento. O aviso de recebimento tinha voltado para ela dali alguns dias. No espaço "assinatura do destinatário" estava escrito algo ilegível com letra minúscula: "...erian". (TCHUKÓVSKAIA, p.131-132)

As súplicas não foram atendidas, a resposta esperada por Sófia não chegou. Ela estava há dois anos sem notícias do filho, sem ter ideia se ele estava vivo ou morto, quando, inesperadamente, recebeu uma carta de Kólia pedindo ajuda para provar sua inocência. Na carta, ele explicava que havia sido torturado e obrigado a confessar um crime que nunca cometera. Sófia não foi capaz de fazer mais nada pelo filho, não havia como provar sua inocência e se tentasse recorrer à justiça tornaria sua situação ainda pior, como explicou-lhe Kiparíssova:

– Nem escreva! – cochichou Kiparíssova, aproximando seus enormes olhos amarelados do rosto de Sófia Petrovna. – Não escreva para o bem de seu filho. Esse tipo de requerimento pode lhe custar caro. A você, e a ele. E você acha que é possível escrever que o investigador espancou alguém? Nem pensar nisso é possível, quanto mais escrever. Esqueceram-se de deportá-la, mas se você escrever o requerimento, vão se lembrar. E seu filho será mandado para mais longe ainda... E quem entregou esta carta? E onde estão as testemunhas?... E que provas há?... Ela passeou os olhos de louca pelo banheiro. – Não, definitivamente, pelo amor de Deus, não escreva nada. (TCHUKÓVSKAIA, p.141-142)

Para não ser presa e deportada, para manter-se em seu novo emprego temporário, para sobreviver a tudo aquilo, Sófia Petrovna esquece o suicídio de Natália, esquece que Álik também foi preso por não ter renegado seu amigo Kólia.

Não obstante os laços de sangue resolve esquecer também a prisão de Kólia queimando sua carta. Esse gesto sugere que Sófia Petrovna renegou o próprio filho. Isso nos dá a verdadeira dimensão da tragédia vivida não só por ela, mas por todos os soviéticos, condenados ao esquecimento e ao falseamento da memória como única condição de sobrevivência.

Referências bibliográficas

Texto do corpus

TCHUKOVSKAIA, Lidia Korneevna. **Sofia Petrovna**. Sankt-Peterburg: Azbuka-klassika, 2009.

Outras Referências

ANDRADE, Homero de Freitas. *A literatura que Stálin proibiu* In: **Revista de estudos orientais**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.

_____. O realismo socialista e suas (in)definições. In: Literatura e Sociedade: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada; Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP – n.1. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996 – Semestral. pp.152-165.

BROWN, Deming. **Soviet Russian Literature since Stálin**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

BOGDANOV, Ígor. **Leningradskii Leksikon**. Sankt-Peterburg: ZAO Tsentrpoligraf, 2009.

CARLETON, Greg. **Genre in Socialist Realism**. Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 1994, pp.992-1009. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2500843>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOZEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro Negro do Comunismo**. 4 ed. Bertrand Brasil.

FIGES, Orlando. *A tragédia de um povo: a revolução Russa 1891-1924*. Rio de Janeiro:Record, , 1999.

_____. **Sussurros. A vida privada na Rússia de Stálin**. Tradução: Marcelo Schild e Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FITZPATRICK, Sheila. **Supplicants and Citizens: Public Letter-Writing in Soviet Russian in the 1930s**. Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 1996, pp.78-105. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2500979>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

- GETTY, John A.; NAUMOV, Oleg V. **The road to terror, Stálin and the Self-Destruction of the Bolsheviks, 1932-1939**. Translation by Benjamin Sher. New Haven and London: Yale University Press, 1999.
- HALFIN, Igal. **Between Instinct and Mind: The Bolshevik View of the Proletarian Self**. Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 2003, pp.34-40. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3090465>>. Acesso em: 18 jul. 2011.
- HEINZEN, James. **The Art of the Bribe: Corruption and Everyday Practice in the Late Stálinism URSS**. Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 2007, pp.389-412. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20060294>>. Acesso em: 19 jul. 2011.
- HOLMGREN, Beth. **Women's Works in Stálin's time: on Lidiia Chukovskaia and Nadezhda Mandelstam**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- LEWIN, Moshe. **O século soviético**. São Paulo: Record, 2007.
- MEDVEDEV, Zhores A. **The Attack on Lydia Chukovskaya**. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/1974/mar/07/the-attack-on-lydia-chukovskaya/?pagination=false>>. Acesso em: 28 jan. 2011.
- MONTEFIORE, Simon Sebag. **Stálin: a corte do czar vermelho**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NERÉT, Gilles. **Malevitch**. Tradução: Maria do Rosário Paiva Boléo. Hohenzollernring: Taschen, 2003.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Vol. 1. Campinas: Papyrus, 1994, pp.15-131.
- _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- ROLF, Malte. **A Hall of Mirrors: Sovietizing Culture under Stálinism**. Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies, 2009, pp.601-630. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25621659>>. Acesso em: 20 jul. 2011.
- SHOLOKHOB, Mikhail. **Lidia Korniévna Tchukóvskaja**. Disponível em: <www.chukfamily.ru> Acesso em: 18 jan. 2011.
- SLONIM, Marc. **Escritores y problemas de La literatura soviética, 1917-1967**. Madrid: Alianza Editorial, 1974.
- SOLJENITZYN, Alexander Isaievitch. **Um dia na vida de Ivan Denissovitch**. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

STEINBECK, John; CAPA, Robert. **Um diário russo**. Tradução: Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

TCHUKÓVSKAIA, Lidia Korniévna. **Sofia Petrovna**. Evanston: Northwestern University Press, 1994.

TCHUKÓVSKAIA, E. TS; IVANOVA, E.V. Vospomnania. **O Korniéi Tchukóvskom**. Moskva: Nikeia, 2012.

TERRAS, Victor. **Handbook of Russian Literature**. New Haven and London: Yale University Press,.

TROTSKI, L. **Literatura e Revolução**. Trad. M. Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

VOLKOV, Solomon. **São Petersburgo: uma história cultural**. Rio de Janeiro: Record , 1997.

VRONSKAYA, Jeanne. **Obituary: Lydia Chukovskaya**. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-lydia-tchukovskaya-1341659.html> Acesso em 26 fev. 2011.

<<http://www.calend.ru/person/443/>> Acesso em 27 jan. 2014

<<http://www.electrotrans.spb.ru/1/page54.html>> Acesso em 27 jan. 2014

<<http://www.hist.msu.ru/ER/Etext/cnst1936.htm>> Acesso em 27 jan. 2014

<http://www.hrono.ru/biograf/bio_k/kolcov_me.php> Acesso em 27 jan. 2014

<<http://www.rg.ru/2013/09/24/imena-site.html>> Acesso em 27 jan. 2014

Sófia Petrovna*****

***** O romance *Sófia Petrovna*, de Lídia Tchukóvskaja, foi escrito em 1939-1940, entretanto, apenas em 1965 foi publicado na Europa e, em 1988 na URSS. A tradução foi feita a partir do texto publicado pela editora Azbuka-Klassika, em 2009.

1

Depois da morte do marido, Sófia Petrovna ingressou no curso de datilografia. Era necessário ter uma profissão, pois Kólia¹ ainda não começaria a trabalhar tão cedo. Ele tendo terminado a escola, precisaria entrar na faculdade de qualquer jeito. Fiódor Ivánovitch não teria permitido que seu filho ficasse sem formação superior... Sófia Petróvna não tinha dificuldade em trabalhar com a máquina, e ainda por cima era muito mais instruída do que essas senhoritas de hoje em dia. Tendo recebido uma excelente qualificação, ela não tardou a achar emprego em uma das grandes editoras de Leningrado.

A vida profissional passou a envolver completamente Sófia Petrovna. Depois de um mês, ela já não conseguia nem entender como tinha vivido antes sem um trabalho. É verdade que não era agradável levantar-se no frio da manhã à luz da lâmpada, era friorento esperar o bonde na multidão de pessoas sonolentas e sombrias; é verdade que por causa do martelar das máquinas ela começava a ter dor de cabeça ao final do dia de trabalho, mas em compensação, acabava sendo interessante, admirável trabalhar fora! Quando criança adorava ir ao colégio e chorava quando tinha que ficar em casa por causa de um resfriado, agora estava adorando ir ao trabalho. Quando notaram seu esmero, foi imediatamente promovida à datilógrafa sênior; uma espécie de chefe da seção de datilografia. Distribuía trabalho, calculava as páginas e as linhas, grampeava as folhas, tudo isso agradava muito mais à Sófia Petrovna do que datilografar. A uma batidinha no guichê de madeira, ela o abria e recebia os papéis com dignidade e sem muitas palavras. Na

¹ Hipocorístico de Nikolai.

maioria das vezes eram contas, planos, relatórios, cartas, decretos oficiais, mas, às vezes, aparecia um manuscrito de algum escritor contemporâneo. “Ficará pronto em vinte e cinco minutos, – dizia Sófia Petrovna, depois de olhar para o grande relógio. – Exatamente. Não, em vinte e cinco minutos exatos, não antes.”, e batia a porta do guichê. Sem dar trela a ninguém. Depois de pensar um pouco ela dava a papelada à datilógrafa que julgava mais indicada ao trabalho em questão; se quem trazia a papelada era a secretária do diretor, então ia para a mais rápida, mais instruída, mais caprichosa.

Na juventude, quando ficava entediada nos dias em que Fiódor Ivánovitch se ausentava muito tempo com as consultas, ela sonhava com uma oficina de costura que fosse dela. Em um cômodo grande e iluminado estariam moças de boa aparência, inclinadas sobre a seda que se derramaria em ondas, e ela mostraria os moldes e, na hora de tomar as medidas, entreteria as mulheres elegantes com assuntos da alta sociedade mundana. A seção de datilografia era possivelmente ainda melhor: de certo modo, mais significativa. Sófia Petrovna, com frequência, tinha a oportunidade de ler em primeira mão, ainda em manuscrito, alguma nova obra da literatura soviética – novela ou romance, – embora achasse os romances e novelas soviéticos enfadonhos, porque neles se falava muito de batalhas, de traidores, seções de fábricas e muito pouco de amor, de qualquer modo, ficava lisonjeada. Ela passou a frisar seus cabelos precocemente grisalhos e na hora de lavá-los adicionava à água um pouquinho de anil para que não amarelassem. Vestida com o guarda-pó preto e simples, mas em compensação dotado de colarinho, daquelas rendas verdadeiras e antigas, com o lápis bem apontado no bolso superior, ela se sentia capacitada, respeitável e, ao mesmo tempo, elegante. Era um tanto temida pelas datilógrafas que, por trás, chamavam-na de inspetora de alunos. Mas obedeciam-na. E ela queria ser severa, porém justa. Conversava afavelmente no intervalo com aquelas que datilogravavam com zelo e correção; conversava sobre as dificuldades com a caligrafia do diretor, e também dizia que usar batom não ficava bem a todas; já para com aquelas que datilogravavam *insaio* e *comição* demonstrava soberba. Uma das moças, Erna Semenóvna, realmente dava-lhe nos nervos: ela cometia erro em quase todas as palavras, fumava de modo descarado e tagarelava durante o serviço. Erna Semenóvna lembrava vagamente a Sófia Petrovna uma criada insolente que nos velhos tempos trabalhara em sua casa.

A criada chamava-se Fani, dizia grosserias a Sófia Petrovna e flertava com Fiódor Ivánovitch... A troco de que manter uma como ela?

De todas as datilógrafas da seção aquela de que Sófia Petrovna gostava mais, era Natasha² Frolenko, moça modesta, feia, com o rosto cinza-esverdeado. Ela sempre escrevia sem um erro sequer, as margens e os parágrafos saíam-lhe de modo surpreendentemente elegante. Olhando para o seu trabalho, dava a impressão de que tinha sido escrito em algum papel especial, e que a máquina de escrever, de certo, era melhor do que as outras. Mas, na realidade, o papel e a máquina de Natasha eram os mais comuns e o grande segredo, vejam só, consistia apenas no capricho.

A seção de datilografia era separada da editora por um postigo de madeira marrom envernizado. A porta estava sempre trancada à chave e as conversas aconteciam através do guichê. No início, Sófia Petrovna não conhecia ninguém na editora, além das datilógrafas e do contínuo³ que distribuía os papéis. Mas, pouco a pouco ficou conhecendo todos. Passado umas duas semanas, vinha puxar conversa com ela, no corredor, o contador, homem respeitável, calvo, mas bem conservado: aconteceu que ele tinha reconhecido Sófia Petrovna; certa vez, cerca de vinte anos antes, fora tratado por Fiódor Ivánovitch com pleno sucesso. O contador tinha por passatempo canoagem e dança de salão, e Sófia Petrovna recebeu com prazer o conselho dele para que ela também se inscrevesse no círculo de dança. A secretária do diretor, mulher mais velha e bem-educada, passou a cumprimentá-la, também o responsável pelo departamento pessoal fazia-lhe medidas, assim como um conhecido escritor, bonito, grisalho, de chapéu de pele de castor, com monograma na pasta, que sempre vinha à editora com seu próprio veículo. Uma vez, o escritor chegou a perguntar se ela tinha gostado do último capítulo do seu romance. “Nós escritores, há tempos notamos, que as datilógrafas são os juízes mais justos. Na verdade, – ele disse mostrando num sorriso dentes postiços regulares, – elas julgam sem rodeios, não estão presas a uma ideia preconcebida como os camaradas críticos ou redatores.” Sófia Petrovna ficou conhecendo também o *partog*⁴ Timoféiev, um sujeito manco e com a barba por fazer. Ele era carrancudo e falava olhando para o chão, e Sófia Petrovna tinha um pouco de medo dele. De vez em quando, ele

² Hipocorístico de Natália.

³ O cargo de contínuo era sempre desempenhado por mulheres.

⁴ *Partog*: abreviação de *partihin organizator*: secretário de célula do partido.

chamava Erna Semenóvna no guichê de madeira; o chefe do almoxarifado ia com eles, Sófia Petrovna abria a porta e o almoxarife arrastava a máquina de escrever de Erna Semenóvna para a *spetstchast*⁵. Erna Semenóvna seguia sua máquina com ar triunfante: como explicaram à Sófia Petrovna, ela foi designada *zassekretchna*⁶ e o *partog* a chamava até a *spetstchast* para copiar os papéis secretos do partido.

Em pouco tempo, Sófia Petrovna já conhecia todos na editora pelo sobrenome, pelo cargo e de vista: contadores, os redatores⁷, redatores técnicos, os contínuos. No final do primeiro mês de trabalho, ela viu, pela primeira vez, o diretor. Em seu gabinete havia um tapete felpudo ao redor da mesa, poltronas fundas e macias e em cima da mesa três telefones ao todo. O diretor era um jovem de uns trinta e cinco anos, não mais, boa estatura bem barbeado, vestido com um bom terno cinza, com três distintivos no peito e a eterna caneta na mão. Ele conversou com Sófia Petrovna não mais que dois minutos, mas nesses dois minutos o telefone tocou três vezes, e ele falava num após ter tirado o outro do gancho. O próprio diretor puxou a poltrona para ela e polidamente perguntou se ela queria fazer a gentileza de ficar aquela noite para um trabalho extra. Deveria convidar uma datilógrafa de sua escolha e ditar-lhe o informe. “Eu ouvi dizer que a senhora decifra perfeitamente minha caligrafia de bárbaro”, disse ele sorrindo. Sófia Petrovna saiu do gabinete orgulhosa de seu poder, honrada pela sua confiança. Um jovem educado. A respeito dele comentavam que parecia tratar-se de um operário, um trabalhador de vanguarda e de fato, suas mãos, ao que parece, eram ásperas, mas de resto...

A primeira reunião geral de funcionários da editora, a qual Sófia Petrovna teve a oportunidade de presenciar, pareceu-lhe enfadonha. O diretor fez um breve discurso sobre a ascensão dos fascistas ao poder, sobre o incêndio do *Reishtag* na Alemanha e foi embora no seu “ford”. Depois dele, foi a vez do *partog*, o camarada Timoféiev. Falar ele não sabia... A cada duas frases calava-se por tanto tempo que

⁵ *Spetstchast* era a sala reservada para assuntos sigilosos e oficiais do Partido.

⁶ Durante o período soviético, vários cargos foram criados para a administração e organização do Partido e muitos deles eram secretos, exigiam sigilo por tratarem de assuntos oficiais.

⁷ Os redatores eram responsáveis por revisar e analisar os materiais publicados, eram os responsáveis pela censura.

parecia que nunca mais ia retomar a fala... devemos cons-ta-tar...” – dizia ele monotonamente, emudecia. “nosso controle de produção⁸...”

Depois, apresentou-se a *predmestkom*⁹, uma senhora corpulenta com um camafeu no peito. Torcendo e esfregando seus longos dedos, ela declarou que em vista do acontecido, era indispensável, em primeiro lugar, intensificar o dia de trabalho e declarar uma implacável guerra contra os atrasos¹⁰. Por fim, com voz histérica, ela fez um breve comunicado sobre Thäelmann¹¹ e propôs que todos os servidores se inscrevessem no MOPR¹². Sófia Petrovna mal entendia do que se tratava, sentia tédio e tinha vontade de ir embora, mas tinha receio que isso não ficasse bem e olhou com severidade para uma datilógrafa que se dirigia à porta.

No entanto, não demorou muito para que até as reuniões deixassem de ser aborrecidas para Sófia Petrovna. Em uma delas, ao informar sobre as metas do Plano Quinquenal¹³, o diretor disse que altos índices de produção, a serem atingidos, dependiam da consciente disciplina de trabalho de cada membro do coletivo, não apenas do empenho dos editores e dos autores, como também das faxineiras, do contínuo e de cada datilógrafa. “Aliás, – disse ele, – deve-se reconhecer que a seção de datilografia está sob o comando da camarada Lipátova e está trabalhando até o presente momento com extraordinária dedicação”.

Sófia Petrovna corou e por um bom tempo não se atreveu a erguer os olhos. Quando finalmente resolveu olhar a volta, todas as pessoas pareceram-lhe surpreendentemente boas, bonitas e ela passou a ouvir as cifras com um interesse inesperado.

⁸ No original, a personagem demonstra desconhecimento dos termos funcionais ao acentuar erroneamente a palavra *pórtfel* (controle).

⁹ *Predmestkom*: presidente do *mestkom* (Mestnii Komitet profsoiuznoi organizatsii – Comitê local da organização sindical). O *mestkom* era unidade de base dos sindicatos que atuavam diretamente nas instituições e empresas estatais da URSS.

¹⁰ As unidades produtivas seguiam os planos centrais estabelecidos pelo governo, devendo alcançar as metas estabelecidas.

¹¹ Ernest Thaelmann (1886-1944) foi líder do Partido Comunista Alemão, desde 1925 e membro do *presidium* do Comintern. Preso pela Gestapo em 1933, morreu no campo de concentração de Buchenwald.

¹² MOPR (*Mejudunarodnaia Organizatsiia Pomoshshi Bortsam Revolutsii*). Ajuda Internacional aos Combatentes Revolucionários.

¹³ Plano Quinquenal: instrumento de planificação econômica para estabelecer prioridades e metas para a produção industrial e agrícola no período de cinco anos. O primeiro Plano Quinquenal foi implantado em 1928 por Stálin. Na narrativa eles cumprem o segundo Plano Quinquenal.

2

Agora, Sófia Petrovna passava todo seu tempo livre com Natasha Frolenko. Mas, seu tempo livre tornava-se cada vez menor. As horas extras e, com mais constância, as reuniões do *mestkom*, para as quais em pouco tempo cooptaram Sófia Petrovna, tomavam quase todas as suas noites. Kólia tinha, ele mesmo, que esquentar seu almoço com frequência cada vez maior e de brincadeira chamava Sófia Petrovna de: “mamãe militante”. No *mestkom* fora encarregada da cobrança das contribuições sindicais. Sófia Petrovna pouco pensava sobre por que, propriamente, existia o sindicato, mas ela gostava de riscar as folhas de papel e anotar em colunas separadas quem já havia pagado o mês corrente e quem não; gostava de colar selos e fazer impecáveis prestações de contas à comissão de controle. Gostava de poder entrar a qualquer momento, no gabinete solene do diretor e, lembrá-lo, em tom de brincadeira, de sua dívida de quatro meses, e ele então, no mesmo tom, desculpava-se perante os pacientes camaradas do *mestkom*, pegava a carteira e pagava. Era possível até lembrar, sem qualquer risco, as dívidas, ao carrancudo *partog*.

No final do primeiro ano de trabalho, houve na vida de Sófia Petrovna um acontecimento solene. Ela fez uma intervenção na reunião geral dos servidores em nome de todos os trabalhadores sem partido da editora. Foi assim que aconteceu... Na editora, estavam esperando a chegada de alguns camaradas que exerciam cargos de chefia em Moscou. O chefe do almoxarifado, um rapazinho afoito, com o cabelo repartido meticulosamente ao meio, parecido com ordenança militar, passava

o dia inteiro indo de um lado para o outro da editora carregando nas próprias costas umas molduras, e nas horas mais inconvenientes, deixava entrar enceradores na seção de datilografia. Certa vez, no corredor, o *partog* carrancudo aproximou-se de Sófia Petrovna. “A organização partidária, juntamente ao *mestkom*, – disse ele, olhando, como de costume, para o chão, – designou você, – ele corrigiu-se, – a senhora... para fazer o juramento em nome dos ativistas sem partido.”

Na véspera dos moscovitas chegarem, havia muito trabalho. A seção datilografava todo tipo de relatórios e planos. Em quase todos os serões, Sófia Petrovna e Natasha ficavam para fazer trabalho extra. As máquinas batiam surdamente na sala vazia. À volta, o corredor e as salas estavam escuros. Sófia Petrovna gostava desses serões. Terminado o trabalho, antes de saírem da sala iluminada para o corredor escuro, elas conversavam durante um bom tempo ao lado de suas máquinas. Natasha falava pouco, mas era uma ótima ouvinte. – Você notou que Anna Griegórievna (era a *predmestkom*) está sempre com as unhas sujas? – perguntou Sófia Petrovna – E ainda usa um camafeu e faz permanente no cabelo. Seria melhor se ela lavasse as mãos mais vezes... Erna Seménovna me dá terrivelmente nos nervos. É tão insolente... E, você percebeu Natasha, que Anna Griegórievna sempre se refere ao *partog* de um modo meio irônico? Ela não gosta dele... Depois de falar da *predmestkom* e do *partog*, Sófia Petrovna contava a Natasha sobre seu romance com Fiódor Ivánovitch e como Kólia tinha caído em baixo da tina quando tinha meio aninho. E como era um menino bonitinho, na rua todos viravam para vê-lo. Ela o vestia todo de branco: capinha branca e touca branca. Natasha não tinha lá muito que contar, nem sequer um namoro. “Também com essa cor de tez...” – pensava Sófia Petrovna. Na vida de Natasha só houvera coisas desagradáveis. Seu pai, um coronel, tinha morrido em 1917 de ataque cardíaco. Natasha então mal tinha completado cinco anos quando esse desastre aconteceu. A casa deles fora confiscada e, ela e sua mãe se viram obrigadas a ir morar com uma parenta paralítica. A mãe de Natasha era uma mulher cheia de mimos e desamparada, elas passaram muita fome, Natasha começou a trabalhar nem bem completara os quinze anos. Agora, ela estava completamente sozinha: a mãe morrera de tuberculose dois anos antes e a parenta tinha morrido de velhice. Natasha era simpatizante do poder soviético, mas quando apresentou o

requerimento para ingressar na *Komsomol*¹⁴ não foi aceita – meu pai era coronel e proprietário e, veja, não acreditam que eu possa ser uma simpatizante sincera. – dizia Natasha apertando os olhos. – Do ponto de vista marxista, talvez, isso esteja certo...

Seus olhos ficavam vermelhos toda vez que contava sobre essa recusa e Sófia Petrovna mudava imediatamente de assunto...

Chegou o grande dia. Os retratos de Lênin e Stálin estavam com as molduras novas que o chefe do almoxarifado tinha trazido com suas próprias mãos, a mesa do diretor estava coberta com feltro vermelho. Os visitantes moscovitas – dois homens corpulentos, vestidos com ternos estrangeiros, com gravatas estrangeiras e as eternas canetas estrangeiras no bolso superior, estavam sentados ao lado do diretor à mesa, sob os retratos e tiravam papéis de suas abarrotadas pastas estrangeiras. O *partog*, vestido com camisa russa palito parecia completamente sem graça ao lado dos demais... O galhardo chefe do almoxarifado e a ascensorista Maria Ivánovna, volta e meia, traziam bandejas de chá, sanduíches e frutas, oferecendo-os aos visitantes, ao diretor e, depois então, a todos os presentes.

Por causa da agitação, Sófia Petrovna não conseguia ouvir os discursos. Como que encantada, ela olhava, sem desviar os olhos, para água que oscilava na garrafa. A uma palavra do presidente, ela dirigiu-se à mesa, virou-se, primeiro para o diretor e aos visitantes, depois lhes dando as costas postou-se de lado, as mãos na cintura, como lhe fora ensinado na infância quando declamava versos de ocasião em francês. – Em nome dos trabalhadores sem partido, – disse ela com a voz trêmula e, depois a seguir, falou de todas as promessas de aumento da produtividade de trabalho – tudo que ela tinha redigido com Natasha e decorado.

Quando voltou para casa ela ficou um bom tempo sem se deitar esperando Kólia para contar-lhe sobre a reunião. Kólia estava fazendo as últimas provas escolares e passava todas as noites na casa do seu querido colega Álik¹⁵ Finkelstein: eles estudavam juntos. Sófia Petrovna arrumou um pouco o quarto e foi à cozinha acender o primus¹⁶. “Que pena que você não trabalhe, – disse ela à

¹⁴ *Komsomol*: (*Kommunisticheskiĭ Soĭuz Molodioj* – União comunista da juventude) foi fundada em 28 de outubro de 1918 para preparar futuros quadros do partido comunista; acolhia jovens entre 14 e 28 anos.

¹⁵ Hipocorístico de Aleksander.

¹⁶ Primus é um fogareiro pequeno e móvel à base de algum tipo de combustível como o querosene, usado na época.

esposa simplória do policial, que estava lavando a louça. – Quantas impressões, isso acrescenta muito à vida. Principalmente, se o seu trabalho tiver relação com a literatura.”

... Kólia chegou faminto e encharcado pela primeira chuva da primavera e, Sófia Petrovna colocou na frente dele um prato de *shshi*¹⁷. Apoiando-se na mesa diante de Kólia e vendo como ele comia, estava prestes a contar-lhe a sua intervenção, quando – “Sabe mãe? – disse ele, – agora eu sou um *komsomolest*¹⁸, hoje meu nome foi sancionado pelo diretório.” – Tendo comunicado essa novidade, ele, imediatamente, passou para outra novidade, enchendo de pão a boca já cheia de comida: na escola dele tinha acontecido um escândalo – “Sashka Iártsev é um paspalhão do velho regime... (“Kólia, eu não gosto quando você xinga”, – interrompeu Sófia Petrovna). Está bem, mas não é essa a questão: Sashka Iártsev chamou Álik Finkelshtein de judeu¹⁹ porco. Hoje na célula, nós deliberamos instalar um julgamento exemplar pelos camaradas. Adivinhe quem foi nomeado para ser designado a preparar a acusação? Eu!”

Depois de jantar, Kólia foi imediatamente para cama, e Sófia Petrovna também se deitou atrás de seu biombo e, na escuridão, Kólia recitava de cor Maiakóvski para ela. “Não é mesmo genial, mãe?” – e, quando acabou, Sófia Petrovna contou-lhe sobre a reunião. “Você é o máximo, mãe”, - disse Kólia e logo adormeceu.

¹⁷ *Shi*: sopa de repolho tipicamente russa.

¹⁸ *Komsomolest*: membro da *Komsomol*

¹⁹ No original apenas *jid*, em russo é modo pejorativo de nomear um judeu.

3

Kólia acabara a escola, o verão chegou abafado e, Sófia Petrovna ainda não estava de férias. Deram suas férias ao final de julho. Ela não pretendia ir a lugar nenhum, mas durante todo mês de julho, tinha sonhado ansiosamente sobre como seria dormir até mais tarde e como, finalmente, faria todo serviço de casa, o qual não conseguia fazer trabalhando. Ela sonhava descansar do bater das máquinas de escrever, arranjar um sobretudo de meia estação para Kólia e, assim, por fim, dar uma passada no cemitério e chamar um pintor para pintar novamente a porta. Mas, quando finalmente começaram as férias, ela descobriu que era agradável descansar apenas no primeiro dia. Habituada ao trabalho, Sófia Petrovna, continuava a acordar antes das oito horas; o pintor levou apenas meia hora para pintar a porta, o túmulo de Fiódor Ivánovitch estava na mais perfeita ordem; o sobretudo foi comprado de imediato e, em duas noites, as meias foram cerzidas. E os dias se arrastavam longos, vazios, com o bater das horas, conversas na cozinha e a espera Kólia para o almoço. Agora, Kólia passava dias a fio na biblioteca, preparando-se com Álik para entrar o curso superior no instituto de engenharia mecânica, e Sófia Petrovna quase não o via. De vez em quando, Natasha Frolenko, cansada, fazia-lhe uma visita (ela estava substituindo Sófia Petrovna no escritório). Sófia Petrovna interrogava-a com avidez a respeito da secretária do diretor, das brigas entre a *predmestkom* com o *partog*, dos erros ortográficos de Erna Semenóvna. E também a respeito da apreciação no gabinete do diretor sobre a novela daquele simpático escritor. Toda o setor de redação estava reunido... “Será possível que alguém não goste? – Erguia

os braços Sónia Petrovna. – Pois ali, há uma descrição tão bonita do primeiro amor em toda sua pureza. Assim como foi comigo e Fiódor Ivánovitch.”

Agora Sónia Petrovna estava perfeitamente de acordo com Kólia, quando ele lhe explicava a absoluta necessidade para a mulher de um trabalho socialmente útil. Aliás, tudo o que Kólia falava, tudo o que se escrevia nos jornais, agora lhe parecia perfeitamente natural, como se sempre tivessem escrito e falado assim. Se havia uma coisa, agora que Kólia tinha crescido, que Sónia Petrovna lamentava profundamente, era a perda de seu antigo apartamento. O espaço deles fora ainda reduzido no tempo da fome, bem no começo da Revolução. No antigo gabinete de Fiódor Ivánovitch, instalaram a família do policial Degtiarenko, na sala de jantar estava a família de um contador e para Sónia Petrovna e o filho tinham deixado o antigo quarto onde Kólia brincava. Agora, Kólia cresceu, era necessário um quarto separado, pois ele não era mais criança. “Mas, mãe, por um acaso é justo que Degtiarenko e seus filhos morem num porão e nós num bom apartamento? Por acaso isso é justo, diga!” – perguntava severamente Kólia, explicando a Sónia Petrovna o sentido revolucionário da redistribuição do espaço dos apartamentos burgueses. E Sónia Petrovna era obrigada a concordar com ele: no fim das contas não era totalmente justo. Era uma lástima apenas, que a mulher de Degtiarenko fosse tão porca: até no corredor dava para sentir um cheiro azedo que vinha do seu quarto. Ela tinha medo de abrir o postigo como do fogo. E os filhos gêmeos já tinham completado dezesseis anos e ainda continuavam a escrever com erros.

O que consolava Sónia Petrovna pela perda do apartamento era seu novo título: os moradores a escolheram, por unanimidade, para ser a representante do apartamento. Ela passou a ser uma espécie de dona, uma espécie de chefe do seu próprio apartamento. Ela com gentileza, mas de modo insistente, fazia observações para a mulher do contador a respeito dos baús deixados no corredor. Calculava quanto cabia a cada um pagar pela energia elétrica, com a mesma correção com que recolhia as contribuições sindicais no serviço. Ela frequentava regularmente, as reuniões dos representantes oficiais dos apartamentos no JAKT²⁰ e depois transmitia, detalhadamente, aos moradores o que o administrador do edifício dissera. Seu relacionamento com os moradores era de modo geral bom. Se a

²⁰ JAKT (Jilishshnoarendni Kooperativi Tovarishshestva –Associação Cooperativa de Habitação Locada) designava o lugar onde faziam as reuniões com os representantes de cada apartamento, para o pagamento das despesas e discussão das regras.

mulher de Degtiarenko preparava geleia, sempre chamava Sófia Petrovna à cozinha para provar se estava bom de açúcar. A mulher de Degtiarenko ia com frequência ao quarto de Sófia Petrovna aconselhar-se com Kólia: o que poderia ser feito para que os gêmeos, Deus nos livre, não repetissem novamente o segundo ano? E fofocava com Sófia Petrovna sobre a mulher do contador, a enfermeira. “É só cair nas mãos de uma enfermeirazinha, caridosa como essa aí, que imediatamente ela te manda para o outro mundo!” – dizia a mulher de Degtiarenko.

O próprio contador já era uma pessoa idosa, com as bochechas caídas e veias azuis nas mãos e no nariz. Era intimidado pela mulher e pela filha e não se ouvia a sua voz no apartamento. Em compensação, Vália²¹, a filha ruiva do contador, perturbava profundamente Sófia Petrovna com frasezinhas do tipo: “eu dou uma dura nela!”, “Estou me lixando!” e, a mulher do contador, mãe de Vália, tinha realmente um gênio terrível. De pé, ficava, ao lado de seu primus, com o rosto imóvel, ela azucrinava metodicamente a mulher do policial por causa da fuligem do fogareiro ou os meigos gêmeos por não terem fechado o trinco da porta. Ela era de uma família nobre, borrifava o corredor com água de colônia na bomba de inseticida, usava um pingente na corrente do pescoço e falava com a voz baixa, mal movia os lábios, mas as palavras que empregava eram extremamente grosseiras. No dia do pagamento, Vália punha-se a mendigar dinheiro da mãe para sapatos novos.

– Nem pense nisso, sua besta, – falava a mãe sem alterar a voz, e Sófia Petrovna se escondia às pressas no banheiro para não ouvir a continuação, – No banheiro para o qual logo corria Vália, lavava seu rosto inchado de choro, falando na pia todos os palavrões que não tivera coragem de dizer na cara de sua mãe.

Mas, no geral, o apartamento 46 era tranquilo e tinha dado certo, bem diferente do 52, em cima, onde quase toda semana, às vésperas do dia de folga, aconteciam verdadeiros quebra paus. Degtiarenko, sonolento, após seu plantão, era regularmente chamado até lá para lavar uma ata juntamente com zelador e ao administrador do edifício.

As férias arrastavam-se a mais não poder – entre a cozinha e o quarto – e terminaram para a grande alegria de Sófia Petrovna. As chuvas eram cada vez mais frequentes, as folhas amarelas amontoavam-se ao lado do Jardim de Verão²²

²¹ Vália, hipocorístico de Varvára.

²² Jardim de Verão (*Letnísad*) trata-se de um dos maiores jardins públicos da cidade, onde se encontra o palácio de verão de Pedro O Grande.

pisadas e enlameadas pelas solas dos sapatos, - e Sófia Petrovna de galochas e guarda-chuva, ia novamente todos os dias ao trabalho, esperava pela manhã o bonde e pontualmente, às dez horas, respirando aliviada, batia o ponto. Novamente, ao seu redor, as máquinas de escrever martelavam e tilintavam, os papéis farfalhavam e a portinhola estalava toda vez que era aberta ou fechada; Sófia Petrovna entregava condignamente à idosa secretária do diretor folhas dobradas e grampeadas com capricho, cheirando a papel carbono. Ela colava os selos nas cadernetas de membro do sindicato, participava no *mestkom* de reuniões para o reforço de disciplina no trabalho e para discutir o comportamento inadequado de uma datilógrafa para com o contínuo. Como sempre continuava a temer o carrancudo *partog*, o camarada Timoféiev; como sempre continuava a não gostar da *predmestkom* com suas unhas sujas, adorava secretamente o diretor e invejava sua secretária, mas todos eles já eram gente sua, pessoas de todos os dias, sentia-se em casa e fazia em voz alta e com segurança, já sem se acanhar, observações a insolente Erna Semenóvna. E a troco de que ela era mantida ali? Seria preciso colocar essa questão ao *mestkom*.

Kólia e Álik passaram nos exames para o instituto de engenharia mecânica. Ao encontrarem seus nomes na lista de aprovados, felizes, eles resolveram montar um rádio no quarto. Sófia Petrovna não gostava quando Kólia e Álik montavam algum mecanismo em seu quarto, mas ela esperava fortemente que o rádio lhe causasse menos transtorno que o trenó à vela. Ao terminar a escola, Kólia cismara de construir um trenó à vela para, no inverno, esquiara no Golfo da Finlândia em seu próprio trenó. Ele conseguiu um livro sobre trenós à vela, arranjou uns troncos de madeira e com a ajuda de Álik botou tudo no quarto – não era possível varrer o quarto, como também não era possível se deslocar de um lado para o outro. Os troncos tinham deslocado a mesa de jantar para parede, o sofá para janela; e formavam um enorme triângulo no chão e Sófia Petrovna tropeçava neles umas cem vezes por dia. E, no entanto, todas as suas súplicas eram inúteis. Em vão, ela explicava a Kólia e a Álik que viver ali tinha ficado tão desconfortável, como se eles tivessem levado um elefante para casa. Eles aplainaram, mediram, desenharam, serraram até se convencerem, com absoluta clareza de que o autor da brochura sobre trenós à vela era um ignorante e que era impossível construir um a partir de seus desenhos.

Então, eles serraram todos os troncos e obedientemente queimaram na lareira juntamente à brochura. E Sónia Petrovna colocou todas as coisas no lugar e por toda a semana não cabia em si de contente com o espaço e a limpeza do seu quarto.

A princípio o rádio também trouxe a Sónia Petrovna só desgosto, Kólia e Álik encheram o quarto de fios, parafusinhos, porcas, tabuinhas; até às duas horas da madrugada, todas as noites, eles discutiam sobre a vantagem desse ou daquele tipo de receptor, daí montaram o receptor, mas não deixavam Sónia Petrovna ouvir nada até o fim, já que queriam pegar ora Noruega, ora Inglaterra, uma paixão em aperfeiçoá-lo apoderou-se deles e, toda noite, punham-se a reconstruíam o receptor desde o início. Por fim, Sónia Petrovna acostumou-se com aquilo, e percebeu, então, que o rádio era, realmente, uma ótima invenção; muito agradável. Ela aprendeu a ligar e desligar o rádio sozinha; proibia Kólia e Álik de encostarem o dedo nele e, à noite, ouvia “Fausto” ou o concerto da Filarmônica.

Natasha Frolenko também vinha ouvir. Ela trazia consigo seu bordado e sentava-se junto à mesa. Tinha as mãos hábeis, tricotava esplendidamente, costurava, bordava guardanapos e colarinhos. Todo o seu quarto já estava tomado pelos seus bordados e, ela começara a bordar uma toalha de mesa para Sónia Petrovna.

Nos dias de folga, Sónia Petrovna ligava o rádio logo pela manhã: ela gostava da voz segura imponente que anunciava que na loja de perfumaria número 4 tinha chegado um grande lote de perfumes de água de colônia, ou que nos próximos dias haveria a tão esperada estreia da nova opereta. Ela não conseguia resistir e, por via das dúvidas, anotava todos os telefones²³. Somente uma coisa não lhe interessava nem um pouco – eram as últimas notícias sobre a situação internacional. Kólia comentava com insistência a respeito dos fascistas alemães, Mussolini, sobre Chiang Kai-shek; ela escutava, mas só por delicadeza. Sentava-se no sofá para ler o jornal, lia apenas as notícias locais e crônica humorística ou a seção “No tribunal”, já na vez das notícias dos correspondentes pegava invariavelmente no sono e o jornal caía-lhe sobre o rosto. Mais do que o jornal, ela gostava dos romances estrangeiros que Natasha trazia da biblioteca: “Chapéu Verde” ou “Os Corações dos três”.

²³ Na URSS era comum as pessoas anotarem todo tipo de telefone, pois não havia lista telefônica para consulta.

Oito de março²⁴ de 1934 foi um dia mais feliz da vida de Sófia Petrovna. De manhã, o contínuo da editora trouxe-lhe uma cesta de flores. No meio delas havia um cartão. “Parabéns a trabalhadora dos sem partidos Sófia Petrovna Lipátova pelo dia oito de março. Da organização do partido e do *mestkom*.” Ela colocou as flores na escrivaninha de Kólia, sob a estante com as obras reunidas de Lênin, ao lado do pequeno busto de Stálin. E durante o dia inteiro, sentiu um calor dentro do peito. . Ela resolveu não jogar fora as flores quando elas murchassem, mas secá-las e guardá-las de lembrança dentro de um livro, sem falta.

²⁴ Oito de março foi decretado feriado na URSS para celebrar o dia das mulheres.

4

A vida profissional de Sófia Petrovna completou três anos. Aumentaram seu salário: agora não recebia 250, mas sim 375 rublos. Kólia e Álik ainda estavam estudando, mas já ganhavam um bom dinheiro desenhando para um escritório de projetos de construção. No aniversário de Sófia Petrovna, Kólia comprou-lhe, com seu próprio dinheiro, um pequeno aparelho de chá: leiteira, bule, açucareiro e três xícaras. Sófia Petrovna não gostou muito do motivo do aparelho: uns quadrados vermelhos sobre fundo amarelo. Ela teria preferido um motivo floral. Mas a porcelana era fina, boa, e não dava tudo na mesma? O que importava o resto? Era um presente de seu filho.

O filho estava ficando bonito: olhos acinzentados, sobrancelhas negras, alto e bem seguro de si, tranquilo, alegre como nem mesmo Fiódor Ivánovitch tinha sido em seus melhores anos. Ele era sempre empertigado como militar, asseado e bem disposto. Sófia Petrovna olhava para ele com ternura e constante preocupação, alegrando-se e receando alegrar-se. Era bonitão, sadio, não bebia e não fumava, era um filho respeitoso e membro honrado da *Komsomol*. Álik, claro, também era um jovem educado, trabalhador, mas nem podia ser comparado a Kólia. O pai dele era encadernador em Vinnítsa, com um monte de filhos na pobreza. Álik vivia em Leningrado desde muito pequeno na casa da tia e, essa, pelo visto, não se preocupava muito com ele: remendos nos cotovelos, sapatos em mal estado. Ele mesmo era franzino e baixo. E, além disso, não era tão inteligente como Kólia.

Um pensamento não dava sossego a Sófia Petrovna: Kólia já tinha 21 anos e ainda não tinha um quarto separado. Será que ela com a sua constante presença

não atrapalhava a vida pessoal do filho? Kólia parecia ter se apaixonado por alguém no instituto: ela tinha interrogado Álik com habilidade – por quem? Como se chamava? Quantos anos tinha? Ela era boa aluna? Quem eram seus pais? Mas, Álik respondia de modo evasivo, pelo seu olhar via-se que ele não se prestava a trair o amigo. Sófia Petrovna conseguiu arrancar dele apenas o nome: Nata²⁵. Mas, de todo modo, como quer que se chamasse ela, fosse sério ou não esse amor ou apenas uma paixão, de qualquer forma, um jovem dessa idade precisava de um quarto separado. Sófia Petrovna dividiu suas preocupações com Natasha. Natasha ouviu-a em silêncio, depois corou e disse que sim... sem dúvida... claro... seria melhor se Nikolai Fiodórovitch tivesse seu próprio quarto... mas por outro lado... o fato é que ela vivia sozinha... sem mãe... e o que tem isso? Nada!...

Natasha perdeu o rumo e calou-se e Sófia Petrovna acabou não entendendo o que ela queria dizer.

Sófia Petrovna refletiu sob todos os aspectos quanto a trocar um quarto por dois, e até começou a fazer uma poupança para pagar a diferença caso fosse necessário. Mas, a questão do quarto separado para Kólia perdeu inesperadamente sua urgência; os melhores alunos Nikolai Lipátov e Alekssander Finkelshtein, por uma espécie de sorteio, haviam sido mandados a Uralmash²⁶, em Sverdlovsk, como contramestres... Ali havia falta de quadros técnicos. Quanto o instituto, esse oferecia-lhes a oportunidade de concluir o curso por correspondência.

- Não se preocupe mãe, - disse Kólia, colocando sua mão enorme sobre a mãozinha de Sófia Petrovna, - não se preocupe, eu e Álik vamos nos dar muito bem lá... Prometeram-nos um quarto no alojamento coletivo... e, Sverdlovsk também não é longe. Você irá nos visitar um dia... e, sabe o que mais? Você vai enviar pacotes com coisas para nós.

Desde esse dia, ao voltar do trabalho, Sófia Petrovna, pôs-se a contar, a remendar, cerzir, passar a roupa íntima de Kólia na cômoda. Mandou consertar a velha mala de Fiódor Ivánovitch. Agora, aquela manhã de primavera, quando, ela e Fiódor Ivánovitch, tinham comprado essa mala numa loja da Sociedade da Guarda²⁷, já lhe parecia infinitamente distante; uma manhã de certo modo irreal de uma vida

²⁵ Nata, hipocorístico de Natália.

²⁶ Uramash sigla para Ural'skii Zavold tiajaliva Mashshinostroe'niia (Fábrica de equipamentos pesados nos Urais). Construída em 1928-33 fornecia maquinário e instalações para indústrias de metalurgia e mineração.

²⁷ A Sociedade da Guarda era uma loja da época do Império.

também irreal. Deu uma olhada perplexa na folha da “Niva”²⁸, com a qual a parte danificada da mala estava forrada: uma mulher com roupa decotada e cauda longa e um penteado alto surpreendeu-a. Esta era a moda de então.

A partida de Kólia incomodava e entristecia Sófia Petrovna, mas ela não podia deixar de notar a agilidade e o cuidado com que ele empacotava os livros e os grandes blocos de notas preenchidos com a sua bela caligrafia e, como ele mesmo costurava no cinto a carteira da *Komsomol*. O dia da partida ainda seria dali a uma semana e, de repente, descobria-se que seria no dia seguinte. – Kólia, você está pronto, Kólia? – perguntou Álik Finkelstein ao entrar de manhã, no quarto dele, baixinho, cabeçudo e com as orelhas de abano – E aí?

A jaqueta nova bolsava-lhe nas costas, as pontas do colarinho ficavam arrebitadas. Kólia aproximou-se, a largos passos de sua mala e a levantou com tanta facilidade como se ela estivesse vazia. Por todo caminho até a estação, ele ia balançando a mala, ao passo que o pobre Álik, mal conseguia arrastar seu bauzinho, resfolegando e com a manga da jaqueta limpando o suor da testa. Pernas curtas e cabeça grande, ele parecia, a Sófia Petrovna, um personagem cômico de desenho animado. A tia de Álik, como não podia deixar de ser, não se dera ao trabalho de vir à estação acompanhá-lo e, os três – Kólia, Sófia Petrovna e Álik – andavam solenemente de um lado para o outro pela plataforma, na escuridão úmida da estação. Kólia e Álik discutiam com entusiasmo, a questão: qual carro era mais resistente e leve – “Fiat” ou “Pakkard”? E, somente cinco minutos antes da partida do trem, Sófia Petrovna lembrou-se de que ela não tinha dito nada, nada, aos meninos nem sobre os ladrões durante a viagem, nem sobre da lavadeira. Ao entregar a roupa a uma lavadeira, devia-se sem falta contar tudo e anotar... E em hipótese alguma, deveriam comer a salada russa no refeitório – geralmente, era do dia anterior, já estava passada e, era fácil pegar uma febre tifoide. Ela puxou Álik para um canto e pulou-se no seu ombro. – Álik, querido, – dizia ela, – vê se cuida do Kólia, querido...

Álik olhava para ela através de seus óculos com seus grandes olhos bondosos.

– E isso lá é difícil para mim? Eu tomarei conta do Nikolai. Pode deixar.

²⁸ NIVA, revista literária, científica, ilustrada semanal, editada em São Peterburgo em 1870-1918.

Era hora de entrar no vagão. Kólia e Álik, um minuto depois, apareceram à janela. Kólia era alto, Álik da altura de seu ombro. Kólia dizia algo a Sófia Petrovna, mas não dava para ouvir através do vidro. Ele sorriu, tirou o boné, e lançou um olhar vivo, alegre ao redor da cabine, Álik mostrava à Sófia Petrovna letras com os dedos “Não...”- distinguiu ela e agitando a mão para ele ao adivinhar o resto: “Não se preocupe...” Meu Deus, estão partindo e são crianças ainda.

No minuto seguinte, ela voltava pela plataforma, sozinha na multidão de pessoas, cada vez mais depressa, sem prestar atenção no caminho e enxugando os olhos com os dedos.

5

Depois da partida de Kólia, Sófia Petrovna passava ainda menos tempo em casa. O trabalho extra da seção não acabava nunca, e ela, quase toda a noite, continuava a trabalhar, economizando dinheiro para comprar um terno para Kólia: um jovem engenheiro deve vestir-se decentemente.

Nas noites livres, ela trazia Natasha a sua casa para tomarem chá. Passavam juntas pela mercearia na esquina e compravam dois pastéis doces. Sófia Petrovna preparava o chá na chaleira com quadrados e ligava o rádio. Natasha levava seu bordado. Nos últimos tempos, por conselho de Sófia Petrovna, ela vinha tomando levedo de cerveja com assiduidade, mas a cor de seu rosto não melhorava.

Numa dessas noites, ao sair da casa de Sófia Petrovna, Natasha, de repente, pediu-lhe para dar-lhe uma fotografia recente de Kólia. – Senão, no meu quarto só tem a fotografia de mamãe e de mais ninguém – explicou ela. Sófia Petrovna deu-lhe uma de Kólia bonito, com olhos grandes, de gravata e colarinho. O fotógrafo captara seu sorriso de modo admirável.

Certa vez, ao voltarem do trabalho, elas entraram no cinema – e desde então, o cinema tornou-se sua distração preferida. Ambas gostavam muito de filmes de aviadores e guardas-fronteira. Sófia Petrovna achava os aviadores de dentes brancos, que realizavam proezas, parecidos com Kólia. Ela gostava das novas canções que ressoavam das telas – especialmente “Obrigado, coração!” e “Se o país mandar – Seja herói”, gostava da palavra “pátria”. Essa palavra escrita com letra maiúscula fazia seu coração sentir um gosto doce e solene. E quando o melhor

aviador ou o mais corajoso guarda-fronteira tombava atingido pelas balas do inimigo, Sófia Petrovna apertava a mão de Natasha, assim como na juventude apertava a mão de Fiódor Ivánovitch, quando Vera Kholódnaia²⁹, tirava inesperadamente um pequeno revólver de mulher de seu enorme regalo de pele, e levantando-o devagar apontava para testa do canalha.

Natasha apresentara novamente o pedido de ingresso na *Komsomol* que fora novamente recusado. Sófia Petrovna solidarizou-se com a dor de Natasha: a pobre moça precisava tanto de companhia, e, por que, propriamente, não a admitiam? Uma moça trabalhadora devotada ao poder soviético. Em primeiro lugar, ela trabalhava admiravelmente, sem sombra de dúvida, melhor que qualquer um; em segundo lugar, era politicamente consciente. Ela não era como Sófia Petrovna, não passava um dia sem ler o *Pravda*³⁰ de cabo a rabo. Natasha entendia de tudo tão bem quanto Kólia e Álik, tanto da situação internacional quanto das obras do Plano Quinquenal. E como ela se afligira quando os gelos esmagaram o *Tcheliuskin*³¹ não se afastava do rádio. Recortava, de todos os jornais, as fotografias do capitão Vorónin, do chefe do navio, Shimit, depois dos aviadores. Quando noticiaram as primeiras pessoas resgatadas, ela chorou sobre a máquina de escrever, as lágrimas de felicidade caíam no papel, ela estragou duas folhas. “Eles não vão deixar, não vão deixar as pessoas morrerem” – repetia ela, enxugando as lágrimas. Uma moça tão sincera, tão sensível! E eis, que agora novamente tinha sido recusada na *Komsomol*. Que injustiça. Sófia Petrovna até escrevera a Kólia sobre injustiça sofrida por Natasha. Mas, Kólia respondeu que a injustiça é um conceito de classe e a vigilância política era indispensável. De qualquer modo, Natasha vinha de família burguesa, proprietária de terra. Os infames mercenários fascistas que tinham

²⁹ Vera Kholodnaia (1893-1919) atriz que ficou popular na década de 1910. Em apenas um ano ela filma 13 filmes, tornando-se a atriz mais popular da Rússia.

³⁰ Pravda foi fundado ainda no período czarista, mas devido ao seu conteúdo foi fechado diversas vezes. Apenas, depois da Revolução, em 1917, o jornal volta a circular e torna-se o principal jornal da União Soviética.

³¹ Em fevereiro de 1934, o navio a vapor Cheliuskin que completava uma viagem pioneira através do oceano Ártico, de Leningrado para o estreito de Bering, acabou sendo esmagado pelo gelo e afundou no mar Chukchi. A tripulação acampou em um iceberg e foi resgatada por aviões soviéticos e levados a Moscou. O fato ganhou grande repercussão na imprensa e a história transformou-se num ato heroico que foi explorada como propaganda política para exaltar o governo soviético.

assassinado o camarada Kírov³², ainda não tinham sido completamente extirpados de todo país. A luta de classes continuava e por isso, era necessário ser rigoroso no processo de admissões do Partido e da *Komsomol*. Mas ele acrescentava que dentro de alguns anos, Natasha, provavelmente, seria aceita e recomendava que ela resumisse as obras de Lênin, Stálin, Marx, Hegel.

– Dentro alguns anos! – sorriu amargamente Natasha. – Nikolai Fiódorovitch se esquece de que logo vou fazer vinte e quatro anos. Então, você será imediatamente aceita no partido, – disse consolando-a Sófia Petrovna. – E o que são vinte e quatro anos? É a primeira juventude. – Natasha não respondeu nada, mas ao ir para casa essa noite, emprestou de Sófia Petrovna um volume das obras de Lênin pertencente a Kólia.

As cartas de Kólia chegavam regularmente, uma vez por semana, as vésperas o dia de descanso. Que filho maravilhoso – não esquecia que a mamãe ficava preocupada, e lá ele devia ter tanta coisa para fazer! Ao voltar do trabalho para casa, Sófia Petrovna ainda na escada, no térreo tirava a chavinha da bolsa, subia a escada correndo, alcançando, finalmente, o quarto andar, ofegante, abria a caixa de correspondência azul. A carta no envelope amarelo já a esperava. Sem tirar o casaco, ela sentava-se junto à janela e alisava cuidadosamente as folhas dobradas do bloco. “Olá, mamãe! – começava cada carta. – Espero que você esteja bem. Eu também estou bem. A produção na nossa fábrica, na última semana, atingiu...” As cartas eram longas, falavam cada vez mais sobre a fábrica, sobre o crescimento do movimento *stakhanovista*³³, já sobre si mesmo, sobre sua vida – nenhuma palavra. “Veja só, – escreveu Kólia em sua primeira carta, – tanto as engrenagens helicoidais, quanto as freses, até mesmo as presilhas, - são importadas, tudo pago a preço de ouro aos capitalistas, ao passo que nós mesmos ainda não estamos conseguindo desenvolvê-los.” Mas, Sófia Petrovna não estava interessada em freses. Ela queria saber como ele e Álik se alimentava lá; se era honesta a lavadeira. Se o dinheiro estava dando. Quando é que estudavam, se de madrugada ou não. A todas essas perguntas, Kólia respondia de modo totalmente

³² Serguei Kírov (1886-1934) era membro do Partido e considerado o possível sucessor de Stálin por alguns membros do Partido. Foi assassinado em primeiro de dezembro de 1934 em Leningrado.

³³ Movimento inspirado no mineiro de carvão Stakhanov (1905-1977) que quebrou recorde de produção. Assim, a partir de 1935 os trabalhadores que cumpriam ou superavam sua produção e mantinham a disciplina recebiam bonificação salarial.

superficial e confuso. Sófia Petrovna queria tanto ter uma ideia do quarto deles, do seu dia a dia, de suas refeições, que ela, a conselho de Natasha, escreveu uma carta a Álik.

A resposta chegou dali alguns dias.

“Prezada Sófia Petrovna! – escrevia Álik. – Desculpe meu atrevimento, mas você³⁴ está se preocupando à toa com saúde de Nikolai. Nós comemos muito bem. No fim da tarde, compro linguiça e de manhã, eu a frito na manteiga. Nós almoçamos no refeitório, três pratos; nada mal. A geleia que mandou para nós, decidimos usá-la apenas com o chá da noite, e desse modo, ela vai durar mais tempo. A roupa para a lavadeira eu entrego depois de conta-las. Para o estudo separamos especialmente algumas horas todo dia. Você pode acreditar em mim totalmente quando digo que tenho feito tudo por Nikolai, como seu amigo e camarada e, que me esforço totalmente em fazê-lo.”

A carta terminava assim: “Nikolai está desenvolvendo com sucesso um método de fabricação das cremalheiras Fellow na nossa oficina de ferramentas. No *partikom*³⁵ da fábrica estão dizendo que ele é uma futura águia em ascensão”.

Naturalmente, o que ascendia eram os astros e não uma águia, Sófia Petrovna não entendia decididamente o que vinha a ser uma cremalheira Fellow, - mas, mesmo assim, com essas linhas, seu coração encheu-se de orgulho e admiração.

Sófia Petrovna guardava cuidadosamente as cartas de Kólia numa caixa embaixo do bloco de papel de cartas. Lá ela guardava as cartas de noivado de Fiódor Ivánovitch, as fotografias de Kólia pequeno e a fotografia do bebê Karina, nascida na *Tcheliuskin*. Foi lá também que Sófia Petrovna guardou a carta de Álik. Sentia ternura por ele: era, sem dúvida, muito dedicado a Kólia e sabia entendê-lo como ninguém!

Certa vez, já uns dez meses após a partida de Kólia, Sófia Petrovna recebeu pelo correio uma caixa enorme de madeira compensada. De Sverdlovsk. De Kólia. A caixa era tão pesada que o carteiro teve dificuldade em carregá-la até quarto e exigiu um rublo de gorjeta. “Uma máquina de costura? – pensou Sófia Petrovna –

³⁴ Em russo é usado a segunda pessoa do plural (*Vi*) como forma de respeito com o interlocutor. Entretanto, a variante equivalente no português do Brasil não cabe na tradução, pois poderia ser usado o pronome de tratamento senhora, porém no período soviético foram abolidas todas as formas de tratamento do antigo regime, por isso preferiu-se traduzir o *vi* por você.

³⁵ *Partikom*: *Partiinii Komitét* (Comitê do Partido Comunista).

Seria bom!” Ela tinha vendido a sua nos anos difíceis. O carteiro foi embora. Sófia Petrovna pegou um martelo e uma faca para abrir a caixa. Na caixa descobriu um objeto escuro, incompreensível, de aço. Estava cuidadosamente coberto de serragens. Roda não era, boca de arma de fogo também não, só Deus sabe o que era. Finalmente, atrás do estranho objeto escuro, Sófia Petrovna descobriu uma etiqueta escrita com a letra de Kólia: “Mãezinha, estou enviando a você a primeira roda de engrenagem cortada pela cremalheira Fellow produzido em nossa fábrica pelo meu método.” Sófia Petrovna pôs-se a rir, deu uma palmada por trás da roda de engrenagem e ofegando, colocou-a no peitoril da janela. Ficava alegre toda vez que olhava para o objeto.

Dali alguns dias, de manhã, quando Sófia Petrovna acabava de tomar o chá, apressando-se para o trabalho, de repente, Natasha entrou correndo em seu quarto. Seus cabelos estavam molhados da neve, despenteados, uma das galochas estava desabotoada. Ela estendeu a Sófia Petrovna um jornal molhado.

– Olhe... Acabei de comprar na esquina... estava lendo a toa ... e de repente eu vejo: Nikolai Fiodórovitch. Kólia.

Na primeira página do *Pravda*, Sófia Petrovna via o rosto sorridente de Kólia, com seus dentes brancos. A fotografia não era muito fiel e o tornava um pouco mais velho, mas sem qualquer dúvida, era ele, seu filho, Kólia. Embaixo do retrato estava escrito: “O entusiasta da produção, membro da *Komsomol* Nikolai Lipátov, criador do método de fabricação da cremalheira Fellow na fábrica de máquinas pesadas nos Urais.”

Natasha abraçou Sófia Petrovna e deu-lhe um beijo na bochecha.

– Sófia Petrovna, minha querida! – disse ela em tom de súplica – por favor, vamos mandar um telegrama para ele!

Sófia Petrovna nunca havia visto Natasha tão animada. Aliás, ela mesma estava com as mãos trêmulas e não conseguia achar sua bolsa em lugar nenhum. Elas redigiram o telegrama no trabalho, no horário do almoço e, o enviaram depois do expediente. Todos parabenizaram Sófia Petrovna; no trabalho até Erna Semenóvna a parabenizou por ter um filho desses; e, em casa, até a enfermeira. À noite, ao deitar-se na cama, feliz e cansada, ocorreu a Sófia Petrovna pela primeira vez, que Natasha, com certeza, devia estar apaixonada por Kólia. Como ela não tinha adivinhado isso antes! Uma moça boa, educada, trabalhadora, só que feia e mais velha do que ele. Enquanto pegava no sono Sófia Petrovna tentava a imaginar

a moça que Kólia se apaixonaria e que tornaria sua mulher: alta, viçosa, rosada, com olhos claros e o cabelos brilhantes – muito parecida com a de um cartão postal inglês, só que com o distintivo do *KIM*³⁶ no peito. Nata? Não, melhor Svetlana. Ou Liudmila: Milotchka.

³⁶ KIM: Internacional Comunista da Juventude.

6

Aproximava-se o ano novo: 1937. O *mestkom* decidiu montar uma árvore de ano novo³⁷ para os filhos dos funcionários da editora. A organização da festa ficou confiada a Sófia Petrovna. Ela escolheu Natasha como auxiliar e elas puseram a mão na massa. Telefonaram para os apartamentos dos empregados para saber o nome e a idade das crianças, datilografavam os convites; percorriam as lojas comprando maria-mole, pão de mel, bolas de natal e festões; bateram muita perna para encontrar neve artificial. O mais importante e o mais difícil de decidir, qual presente dar a cada criança, sem ultrapassar certos limites e, ao mesmo tempo, deixar a todos satisfeitos. Sófia Petrovna e Natasha chegaram até a se desentender quanto ao presente para a filha do diretor. Sófia Petrovna queria comprar-lhe uma boneca grande, maior do que a das outras meninas, mas Natasha achou que seria inconveniente. Elas chegaram a um acordo sobre uma gaita bonitinha com um pompom felpudo. Finalmente, faltava comprar apenas o pinheiro. Elas compraram um alto, que ia até o teto, com galhos largos e grossos na base. Natasha, Sófia Petrovna e a ascensorista, Maria Ivánovna decoraram a árvore de manhã até às duas horas da tarde do dia da festa. Maria Ivánovna as distraiu falando sobre a mulher do diretor, ao se referir ao diretor, ela falava como no passado: “sua excelência”. A ascensorista passava as bolas, as serpentinas, as caixinhas de

³⁷Na União Soviética, o calendário religioso foi substituído pelo “calendário vermelho”,desse modo, os símbolos e feriados ortodoxos não são mais usados, como, por exemplo, a árvore de natal. Mas, em 1935, Pavel Postyshev publica uma carta no *Pravda* pedindo a reintegração da árvore. O governo autoriza seu uso, porém a árvore de natal é substituída pela árvore de ano novo.

correio, barquinhos prateados, que eram pendurados por Natasha e Sófia Petrovna no pinheiro. Não demorou e as pernas de Sófia Petrovna doeram, ela sentou-se numa poltrona onde ficou colando nos saquinhos de confeitos papeizinhos com os dizeres: “Obrigado, camarada Stálin, pela infância feliz”³⁸, sozinha, Natasha continuava a enfeitar a árvore. Ela tinha mãos habilidosas e muito bom gosto; instalou o *Died Moroz*³⁹ obtendo um efeito admirável. Depois, Sófia Petrovna colou a cabeça anelada de Lênin, ainda criança, no meio de uma enorme estrela vermelha de cinco pontas, Natasha prendeu a estrela no topo da árvore e tudo ficou pronto. Elas tiraram da parede o retrato de Stálin de corpo inteiro e substituíram por outro: Stálin sentado com uma menininha nos joelhos⁴⁰. Esse era o retrato preferido de Sófia Petrovna.

Três horas. Hora de ir para casa, deitar um pouco, almoçar e trocar de roupa para festa.

A festa correu às mil maravilhas. Apareceram todas as crianças e quase todos os pais. A mulher do diretor não foi, mas o diretor foi e levou sua pequena filha, uma pequerrucha encantadora de cabelos loiros. As crianças se alegraram com os presentes e os pais se extasiavam em voz alta ao ver o pinheiro. Apenas, Anna Grigórevna, presidente do *mestkom*, estava ofendida porque tinham dado ao seu filho um tambor e não soldadinhos de chumbo, como o do filho do *partog*: os soldadinhos eram mais caros. Ela estava com um vestido verde de seda decotado. Seu filho, um magricela, desagradável, assobiou e dando um murro no tambor arrebentou-o ostensivamente. Mas, todos os outros estavam satisfeitos. A filhinha do diretor tocava sua gaita sem parar, saltitando entre as pernas do pai, apoiando-se com a mãozinha rechonchuda em seu joelho, e atirando a cabeça para trás para ver o pinheiro.

³⁸ No período stalinista, a manipulação da propaganda do governo soviético, reforçava a figura de Stálin, todos os símbolos e mensagens remetiam ao líder.

³⁹ *Die Moroz* (Vovô do Gelo): é uma tradição antiga eslava, como *Pozvzd* (Deus do vento), *Zimnik* (Deus do inverno) e *Korochun* (Deus de geadas), hoje *Died Moroz* (Vovô do Gelo). Na lenda ele usava o saco para transportar as crianças que raptava antes de transformá-las em gelo, assim as famílias das crianças davam-lhe presentes para resgatá-las. No final do século XIX, tornou-se relacionado com a neve, e a menina da neve, sua neta (*Snegurochka*) começou a acompanhá-lo, devido à influência da peça de teatro de Aleksandr Ostrovsky, com o mesmo nome e libreto de Rimsky-Korsakov, baseado na peça *Snegurochka*. Enquanto ele mudava de nome na Rússia Imperial de *Died Moroz* para *Moroz*, *Morozko* e *Ded Treskun*, a literatura e música transformou-o em uma alma benevolente, barbuda e avuncular.

⁴⁰ No período stalinista, para cada tipo de celebração, havia uma foto especial de Stálin.

Sófia Petrovna sentia-se a verdadeira anfitriã do baile. Ela fazia a vitrola funcionar, ligava o rádio, mostrava com os olhos à ascensorista a quem oferecer a travessa de maria-mole. Ela sentia pena de Natasha, que permanecia timidamente encostada à parede pálida e acinzentada, metida em uma elegante blusa, que ela fizera com as suas próprias mãos. O diretor, curvado, conduzia a filha ao redor da árvore e pregava-lhe sustos com o *Died Moroz* Sófia Petrovna observava a cena com enternecimento: ela queria que Kólia se parecesse como o diretor. Quem sabe, talvez, dali a dois anos, ela também teria uma netinha tão encantadora. Ou um neto. Ela convenceria Kólia a chamá-lo de Vladlen⁴¹ - um nome muito bonito! – e a neta de Ninel – um nome elegante, que parecia francês, e ao mesmo tempo se lido ao contrário, dava Lenin.

Cansada, Sófia Petrovna, deixou-se cair numa poltrona. Era hora de ir para casa, sua enxaqueca tinha começado. O bem apessoado contador aproximou-se dela inclinando-se educadamente, relatou-lhe uma estranha notícia: tinham sido presos muitos médicos na cidade. O contador conhecia pessoalmente todas as unidades médicas do lugar: nenhum tratamento dava conta de seu eczema, apenas o falecido Fiódor Ivánovitch conseguiu eliminá-lo. (“Esse sim é que era médico! Todos os outros receitam de tudo para tomar e passar, sem que se tenha qualquer proveito...”) Entre os detidos, o contador citou o doutor Kiparíssov, colega de Fiódor Ivánovitch, padrinho de Kólia.

- Como? Doutor Kiparíssov? ... Não pode ser! Mas o que aconteceu? Novamente... outra... fatalidade?... – perguntou Sófia Petrovna sem se decidir a pronunciar a palavra “assassínio”. O contador ergueu os olhos pra o céu e afastou-se nas pontas dos pés. Dois anos antes, depois do assassinato de Kírov (Oh! Que dias sombrios! Patrulhas percorriam as ruas... e a espera da chegada do camarada Stálin, a praça da estação ferroviária estava cercada por cordões de soldados... as ruas e as travessas interditadas... não dava para passar nem a pé nem de condução), depois do assassinato de Kírov tinha havido também muitas prisões, então, pegaram inicialmente alguns opositores e, depois as pessoas do “antigo regime”⁴², e barões *von* isso e *von* aquilo. E agora eram os médicos. Após o assassinato de Kírov, madame Nejéntseva, uma velha amiga de Sófia Petrovna, –

⁴¹ A combinação de Vladimir Lenin. Vladlen e Ninel eram nomes populares na época.

⁴² Em russo: *Bivshkh*, eram pessoas da nobreza russa, depois da Revolução ficaram marcados, sendo até excluídos socialmente.

elas tinham feito juntas o ginásio – tinha sido deportada por ser nobre. Sófia Petrovna tinha ficado atônita: que ligação madame Nejéntseva poderia ter com o assassinato? Ensinava francês na escola e vivia como todo mundo. Mas Kólia explicou que era indispensável limpar Leningrado de elementos duvidosos. E quem é propriamente essa sua madame Nejéntseva? Você mesma se lembra mãe, de que ela não reconhecia o valor de Maiakóvski e sempre falava que nos velhos tempos tudo era mais barato. Ela não é uma verdadeira soviética... Certo, vai lá, mas e os médicos? Que culpa tinham eles? Imagine só, Ivan Ignatievitch Kiparíssov! Um médico tão respeitado!

A criançada estava fazendo algazarra no vestiário. Sófia Petrovna, na qualidade de anfitriã, ajudou os pais a encontrar as calças cumpridas de lã e as botas. O diretor com sua filhinha nos braços foram até ela se despedir. Ele agradeceu ao *mestkom* pela magnífica festa. – Eu vi a fotografia de seu filho no *Pravda*, – disse-lhe sorrindo. – É uma boa geração que nos substituirá... – Sófia Petrovna olhava para ele com adoração. Ela tinha vontade de dizer que ele ainda não tinha direito de falar em substituição, – o que são trinta e cinco anos? A flor da idade! – mas ela não ousou. Ele mesmo vestiu a filha envolvendo-a com um xale brando e felpudo. Ele fazia as coisas direitinho, era inteligente. Uma mãe podia confiar-lhe tranquilamente sua criança. Logo se via que era um pai de família.

7

Os jornais nada diziam sobre os médicos, e sobre o doutor Kiparíssov. Sófia Petrovna tinha intenção de visitar madame Kiparíssova, e nunca se decidia. Não tinha tempo e, além disso, era embaraçoso. Fazia três anos que não a via. Como ela iria visitá-la sem mais nem menos?

Em janeiro, começou a aparecer nos jornais artigos sobre um novo processo iminente. O processo de Kámeniev e Zinóviev tinha afetado muito a imaginação de Sófia Petrovna, mas ela, por falta de hábito em ler jornais, não os acompanhara diariamente. Mas já dessa vez, Natasha envolveu-a com a leitura dos jornais e todos os dias elas liam juntas os artigos sobre o novo processo. Só se falava de espões fascistas, os terroristas, sobre as prisões... Imagine só, esses canalhas queriam matar nosso bem amado Stálin. Pelo visto tinham sido eles a assassinar Kírov. Eles organizavam atentados nas minas. Provocavam descarrilharam de trens. E tinham homens seus praticamente em cada instituição.

No escritório, uma datilógrafa, que acabara de voltar da colônia de férias, contou que o quarto vizinho ao seu quarto era ocupado por um jovem engenheiro, ela tinha até passeado algumas vezes com ele no parque. Certa vez de madrugada, um carro chegou de repente e ele foi preso: tratava-se de um sabotador. E parecia tão decente, ninguém diria.

No prédio de Sófia Petrovna, no apartamento 45, em frente ao seu, também tinham prendido alguém, um comunista. O quarto dele foi fechado com lacre vermelho⁴³. O administrador do prédio tinha contado a Sófia Petrovna.

À noite, Sófia Petrovna colocava seus óculos, sua hipermetropia tinha se acentuado nos últimos tempos, e lia em voz alta o jornal para Natasha. A toalha de mesa já estava acabada, Natasha agora bordava uma colcha para Sófia Petrovna pôr na cama. Elas falavam como Kólia deveria estar indignado. Aliás, não só Kólia: todas as pessoas honestas estavam indignadas. Afinal, nos trens, descarrilhados pelos sabotadores, poderiam ter criancinhas! Que desumanidade! Monstros! Não era à toa que os trotskistas estavam estritamente ligados a Gestapo⁴⁴: eles não eram melhores do que os fascistas que matavam crianças na Espanha⁴⁵. E seria possível, seria possível que o doutor Kiparíssov participasse dessa corja de bandidos? Ele tinha sido convidado várias vezes para fazer parte de juntas médicas com Fiódor Ivánovitch. Depois, Fiódor Ivánovitch o trazia para casa, para uma xícara de chá e para bater um papo. Sófia Petrovna o tinha visto de perto, como nesse momento estava vendo Natasha. E agora ele entrou para a corja dos bandidos. Quem poderia imaginar? Um senhor tão respeitável.

Numa noite, depois de ter lido no jornal a lista dos crimes cometidos pelos acusados e depois de ouvir essa mesma lista pelo rádio, ela e Natasha ficavam imaginando braços e pernas decepados, montanhas de cadáveres mutilados, com tal nitidez que Sófia Petrovna teve medo de ficar sozinha em seu quarto e, Natasha de andar sozinha na rua. Nessa noite, Natasha pernitoou no sofá de Sófia Petrovna.

Em todos os lugares, em todas as empresas, em todas as repartições, estavam sendo organizados comícios, e na editora delas também aconteceu um dedicado ao processo. A *predmestkom* percorreu com antecedência todas as salas e, advertindo que se tivesse algum alienado que quisesse ir embora antes da reunião, então, devia saber: a porta estaria trancada. Compareceram, à reunião, todos sem exceção, até mesmo os funcionários da redação, que costumavam faltar.

⁴³ Durante o Terror, quando alguém era preso, todos os seus bens eram confiscados e seu quarto ficava lacrada até o NKVD pegarem todas as provas e, em geral, os cidadãos eram culpados e perdiam sua moradia.

⁴⁴ Na década de 1930 na URSS, a ascensão do nazismo e do fascismo foi relacionada ao simpatizantes de Trótski e explorada como ideologia subversiva e antissoviética pelos meios de comunicação.

⁴⁵ Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a União Soviética apoiou os republicanos, mas manteve, ao mesmo tempo, um jogo político com as potências do Ocidente. Usaram essa guerra como propaganda ideológica.

O diretor tomou a palavra expondo as informações dos jornais de modo resumido, seco e preciso. Depois dele, falou o *partog*, o camarada Timoféiev. Detendo-se a cada duas palavras, ele disse que os inimigos do povo agiam por toda parte, que eles poderiam infiltrar-se em nossa repartição e, por isso, era indispensável a todos os trabalhadores honestos redobrar sem falta sua vigilância política. A seguir, a palavra foi dada à presidente do *mestkom*, Anna Grigorievna.

– Camaradas! – proferiu ela baixando as pálpebras e fazendo uma pausa. – Camaradas! – ela dobrava seus dedos finos de unhas cumpridas. – o inimigo infame colocou suas patas imundas também na nossa repartição. – Todos gelaram. O camafeu subia e descia no peito opulento de Anna Grigorievna. Ontem à noite foi preso Gerassímov o ex-chefe da nossa tipografia, hoje desmascarado como inimigo do povo, Gerassímov. Descobriu-se que era sobrinho de um Gerassímov de Moscou desmascarado no mês passado. Graças à conivência da nossa cédula do Partido, que sofre, segundo a acertada expressão do camarada Stálin, a doença idiota da negligência, Gerassímov continuou a “trabalhar”, se é que se pode dizer assim, em nossa tipografia, mesmo depois de seu tio, o Gerassímov de Moscou ter sido desmascarado.

Ela sentou. O seu peito subia e descia.

– Alguma pergunta? – indagou o diretor, que presidia a reunião.

–E o que foi que eles... fizeram... na nossa tipografia? – perguntou timidamente Natasha.

O diretor acenou com a cabeça para a *predmestkom*.

– O que fizeram? – retrucou ela com voz aguda levantando-se. – Tenho impressão, camarada Frolenko, que acabei de explicar claramente aqui em russo, o que Gerassímov, nosso ex-chefe da tipografia era sobrinho do outro Gerassímov de Moscou. Ele mantinha contato familiar diário com o seu tio... solapava o movimento *stakhanovsta* na tipografia... promovia o fracasso do plano⁴⁶... Seguindo as instruções do tio. Com a conivência criminosa da nossa célula do Partido.

Natasha não fez mais perguntas.

Ao voltar para casa depois da reunião, Sófia Petrovna escreveu uma carta a Kólia. Ela escreveu-lhe que tinham sido descobertos inimigos na tipografia. E em

⁴⁶ O plano mencionado é o planejamento de metas para o Plano Quinquenal.

Uralmash? Estava tudo bem? Como um leal membro da *Komsomol*, Kólia tinha obrigação de ser vigilante.

Na editora, percebia-se, claramente uma estranha agitação. O diretor era convocado diariamente ao Smolni⁴⁷. O taciturno *partog* entrava toda hora na seção abrindo a porta com sua própria chave mestra, e convocava Erna Semenóvna para a *spetstchast*. O polido contador, que, sabe-se lá como, estava sempre a par de tudo, contou a Sófia Petrovna que a organização do partido agora estava se reunindo todas as noites.

– Brigas de namorados⁴⁸, – disse ele dando uma risadinha significativa. – Anna Grigorievna acusava o *partog* de tudo, e o *partog* acusava o diretor. Pelo que entendo, logo terá uma troca de gabinete.

– Eles acusam de que? – perguntou Sófia Petrovna.

– Pois bem... eles não conseguem chegar a um acordo sobre qual deles deixou passar Gerassímov.

Sófia Petrovna não entendeu patavina e saiu da editora nesse dia com uma vaga inquietação. Na rua, chamou-lhe a atenção uma senhora idosa bem alta, com um lenço sobre o gorro, com botas de feltro, galochas e uma bengala nas mãos. A velha caminhava procurando com a bengala onde não escorregasse. Seu rosto parecia familiar a Sófia Petrovna. Mas, era Kiparíssova! Será que era ela mesma? Meu deus, como ela estava mudada!

– Mária Erástovna! – gritou-lhe Sófia Petrovna.

Kiparíssova deteve-se, levantou seus grandes olhos pretos e com visível esforço armou um mostrar sorriso afável no rosto amável.

– Olá, Sófia Petrovna! Há quanto tempo! Seu filho, com certeza, já é um homem? – Ela permanecia plantada ali segurando a mão de Sófia Petrovna, mas não olhava para seu rosto. Seus olhos enormes desviavam-se para os lados com apreensão.

– Mária Erástovna, – disse calorosamente Sófia Petrovna. – Eu estou contente por encontrá-la. Ouvi dizer, que a senhora teve aborrecimentos... com Ivan Ignátievitch... Escute, afinal somos amigos... Ivan Ignátievitch é padrinho do Kólia...

⁴⁷ Edifício originalmente destinado a educação de moças da nobreza, serviu a partir de outubro de 1917 de Quartel general dos bolcheviques, tornam-se posteriormente, sede das seções regionais do Partido Comunista.

⁴⁸ No original, *Milie braniatsia* é uma citação parcial do ditado popular: *Milie braniatsia tolka teshastsia* (os amados brigam só para se consolar).

claro, hoje em dia isso não conta mais, mas nós somos de outros tempos. Diga, Ivan Ignátievitch é acusado de algo sério? Será que essas acusações têm algum fundamento? Simplesmente não consigo, não consigo acreditar. Um médico tão bom, tão respeitável! Meu marido sempre o respeitou e, como clínico, considerava-o melhor do que ele.

– Ivan Ignátievitch nada fez contra o poder soviético, – disse Kiparíssova com ar soturno.

– Era o que eu pensava! – exclamou Sófia Petrovna. – Não duvidei disso nem um minuto, foi isso que eu disse a todo mundo...

Kiparíssova olhava sombriamente com seus enormes olhos negros.

– Até a vista, Sófia Petrovna, – disse ela sem sorrir.

– Quando Ivan Ignátievitch voltar ligue para mim, para comemorarmos, – falou Sófia Petrovna. – Mas o que é isso, por que esse abatimento todo? Já que Ivan Ignátievitch não é culpado – então, tudo ficará bem. Em nosso país, nada pode acontecer com as pessoas honestas. É apenas um mal entendido. Vamos, coragem... Passe em casa um dia desses para tomar um chá!

Kiparíssova pôs-se a caminhar pela calçada, batendo a bengala no gelo.

“Será que eu também envelheci tanto assim? – pensava Sófia Petrovna. – O rosto sombrio, coberto de rugas. Não, não é possível, eu ainda não estou assim. Ela apenas se descuidou muito: botas de feltro, bengala, xale... Para uma mulher é muito importante não relaxar, deve cuidar-se bem. Quem é que usa botas de feltro hoje em dia? Não estamos mais em 1918⁴⁹. É por isso que ela parece ter sessenta e cinco anos, – quando não tem mais do que cinquenta... Que bom, Kiparíssov não é culpado. E se há alguém que deva saber disso é a sua mulher. Era o que eu pensava, assim penso, um simples mal entendido e mais nada.”

⁴⁹ Durante a Revolução até meados dos anos 1930, o pensamento feminista era corrente. As mulheres tinham liberdade sexual, não mais cuidavam da aparência como do período Imperial, preocupavam-se com a formação intelectual e o trabalho, desse modo constituir família não era mais uma prioridade. Porém, com ascensão de Stálin ao poder, os valores tradicionais são resgatados e, as conquistas feministas condenadas.

8

No dia seguinte, a seção de datilografia devia terminar o relatório semestral. Todos sabiam que à noite, o diretor iria pegar o “Flecha”⁵⁰ para Moscou, a fim de apresentar, no dia seguinte, relatório semestral da editora ao departamento de publicações do CC do Partido⁵¹. Sófia Petrovna apressava as datilógrafas. Natasha escreveu sem parar durante o horário do almoço.

Às três horas, o relatório em quatro exemplares estava diante de Sófia Petrovna e, ela o repartia em quatro pilhas iguais. Sem economizar grampos, ela arrumava as folhas de modo uniforme...

Mas a secretária do diretor não vinha nunca buscá-lo. Sófia Petrovna decidiu levá-lo ela mesma em seu gabinete.

Diante da porta entreaberta do gabinete do diretor, ela topou com *partog*. – É proibido entrar aqui! – disse ele, sem cumprimentá-la e, mancando, foi para outra sala. Estava todo despenteado.

Sófia Petrovna deu uma espiada pela porta entreaberta. Em frente à escrivaninha havia um homem desconhecido de joelhos que estava tirando papéis das gavetas. Todo o tapete do gabinete estava coberto de papéis.

– Que horas o camarada Zakhárov virá aqui hoje? –perguntou Sófia Petrovna à idosa secretária.

– Ele foi preso, – apenas os lábios sem voz, respondeu-lhe a secretária. – Essa noite.

⁵⁰ *Streloi*: trem expresso noturno para Moscou.

⁵¹ CC: Comitê Central do Partido.

Seus lábios estavam azulados.

Sófia Petrovna levou o relatório de volta à seção. Quando ela chegou à porta sentiu seus joelhos dobrarem. O estrondo das máquinas era ensurdecedor. Elas sabiam ou não sabiam. Elas datilografavam como se nada tivesse acontecido. Se tivessem lhe comunicado que o diretor tinha morrido, ela não teria ficado tão aturdida. Ela sentou em seu lugar e começou a tirar maquinalmente os grampos das folhas. Timoféiev entrou, abriu a porta com sua própria chave. Sófia Petrovna reparou pela primeira vez, que embora manco, o *partog* mantinha-se bastante ereto e andava com passo cadenciado. “Perdão!” disse ela assustada, quando ele ao passar, bateu sem querer em seu ombro.

Às quatro e meia, a campainha tocou, finalmente. Sófia Petrovna desceu as escadas em silêncio, vestiu-se em silêncio e saiu à rua. A neve estava derretendo. Sófia Petrovna estacou diante de uma poça, refletindo sobre o modo de contorná-la. Natasha aproximou-se dela. Natasha já estava a par: Erna Semenóvna tinha lhe contado.

– Natasha, – começou Sófia Petrovna, quando elas chegaram à esquina, onde costumavam se separar. – Natasha, você acredita de Zakhárov é culpado de alguma coisa? Que nada, isso é bobagem... Natasha, nós sabemos muito bem.

Ela não conseguia encontrar palavras que pudessem expressar sua certeza. Zakhárov, um bolchevique, era o diretor, que elas viam todos os dias, Zakhárov – um sabotador! Isso não era possível, um disparate como dizia antigamente Fiódor Ivánovitch. Mal entendido? Mas ele era um membro do Partido tão em eminência, conhecido no Smolni e em Moscou, ele não poderia ter sido preso por engano. Ele não é um Kiparíssov qualquer!

Natasha permanecia calada.

– Vamos à sua casa, já lhe explico tudo, – disse, de repente, Natasha com extraordinária solenidade.

Foram. Em silêncio tiraram o casaco. Natasha tirou cuidadosamente de sua velha pasta um jornal dobrado. Ela abriu o jornal diante de Sófia Petrovna e apontou-lhe um artigo no meio da página.

Sófia Petrovna colocou os óculos.

– Você entende, minha querida, ele pode ter se deixado envolver, – sussurrou Natasha. – Por uma mulher...

Sófia Petrovna pôs-se a ler.

O artigo falava de certo cidadão soviético, A, membro leal do Partido que foi mandado pelo governo soviético numa missão na Alemanha para estudar as aplicações de um novo produto químico recém-descoberto. Na Alemanha, ele tinha cumprido honestamente seu dever, mas logo foi atraído por uma certa S, mulher jovem e elegante que se fazia passar por simpatizante do governo soviético. S visitava com frequência o cidadão A em seu apartamento. E, eis que um dia, o cidadão A descobriu que importantes documentos políticos tinham desaparecido de seu escritório. A senhoria do apartamento informou-lhe que a cidadã S tinha passado lá em sua ausência. O cidadão A teve a coragem de romper imediatamente com S, mas não teve coragem o suficiente de comunicar seus camaradas sobre os documentos desaparecidos. Ele retornou a URSS esperando expirar seu crime contra a Pátria com mediante trabalho honesto como engenheiro soviético. Tinha trabalhado tranquilamente durante todo um ano e já estava começando a esquecer seu crime. Mas, agentes disfarçados da gestapo, infiltrados no nosso país, começaram a chantageá-lo. Aterrorizado, A entregou-lhes planos secretos da fábrica, na qual trabalhava. Valorosos *chekistas*⁵², desmascaram os agentes fascistas: o curso da investigação levou ao infeliz A.

– Você está entendendo? – sussurrou Natasha. – O curso das investigações... Nosso diretor, evidentemente, é um homem de bem, um membro leal do Partido. Mas, o cidadão A, assim como está escrito aqui, também era inicialmente um membro leal do Partido... Qualquer membro leal do Partido pode ser enredado por uma bela mulher.

Natasha não conseguia tolerar mulheres bonitas. Ela só admitia a beleza austera e não a encontrava em ninguém.

– Dizem que nosso diretor esteve no estrangeiro, – lembrou Natasha. – Também em missão. Lembra, que a ascensorista Maria Ivánovna contou que ele tinha trazido, de Berlim, um conjunto de tricô azul para sua mulher?

O artigo deixou Sófia Petrovna profundamente chocada, mas mesmo assim ela não conseguia acreditar. Ali se tratava de um certo A, enquanto no caso delas

⁵² Segundo o Montefiore, a polícia secreta soviética foi inicialmente chamada de Comissão Extraordinária para Combater a Contrarrevolução e a Sabotagem, conhecida como Tcheca. Em 1922, tornou-se a Administração Política do Estado (GPU), depois GPU Unida: OGPU. Em 1934, foi absorvida no Comissariado Popular de Assuntos Internos (NKVD). Porém, os membros da polícia secreta ainda eram conhecidos como “tchequistas” e a própria polícia secreta como “Os Órgãos”. Em 1941 e 1943, a Segurança do Estado foi separada em seu Comissariado próprio, o NKGB. De 1954 a 1991, levou o nome de Comissão de Segurança do Estado, a KGB.

tratava-se de Zakhárov. Um membro comedido do Partido, ele que informava pessoalmente dos processos. E sob sua direção, a editora sempre cumpria o plano com antecedência.

– Natasha, tudo isso sabemos muito bem, – disse com cansaço Sófia Petrovna.

– O que é que nós sabemos? – retrucou Natasha com arroubo. – Sabemos que ele era o diretor da nossa editora, mas, além disso, nós não sabemos absolutamente nada. Por acaso você tem conhecimento de toda a vida dele? Por acaso você pode pôr a mão no fogo por ele?

E de fato, Sófia Petrovna não tinha a menor ideia sobre do que fazia o camarada Zakhárov, quando não estava presidindo as reuniões da editora ou conduzindo a filha ao redor da árvore de ano novo. Os homens, todos sem exceção, são loucos por mulheres bonitas. Qualquer arrumadeira atrevida é capaz de manipular um homem, até um homem honesto. Se Sófia Petrovna não tivesse dispensado Fania a tempo, não se sabe como acabaria seu flerte com Fiódor Ivánovitch.

– Vamos tomar o chá, – disse Sófia Petrovna.

Durante o chá, elas lembraram que a figura de Zakhárov distinguia-se por sua postura militar. Coluna reta, ombros largos. Não teria ele, antigamente, sido um oficial branco. Pela idade poderia muito bem ter sido.

Elas tomaram chá sem comer nada. Ambas estavam tão esgotadas que não tiveram forças para descer até a venda, comprar pão ou doce. “Amanhã será difícil na editora, – pensou Sófia Petrovna. – Como se houvesse um defunto em casa. Diga o que quiser, mas tenho pena do diretor.” Lembrou-se da porta entreaberta do gabinete e do homem ajoelhado diante da escrivaninha. Só então ela entendeu que aquilo se travava de uma busca.

Natasha se preparava para ir embora. Ela dobrou cuidadosamente o jornal e o escondeu na pasta. Depois despejou um pouco de água quente em seu copo, e antes de sair, pôs-se a aquecer suas mãos grandes e vermelhas em torno do copo. Elas tinham se congelado na infância e ficavam sempre geladas desde então.

De repente soou a campainha. E soou de novo. Sónia Petrovna foi abrir. Dois toques de campainhas⁵³ era para ela. Quem poderia ser tão tarde?

Do outro lado porta estava Álik Finkelstein.

Ver Álik sozinho, sem Kólia, não era normal.

–Kólia?! – gritou Sónia Petrovna, agarrando Álik pela ponta pendente de seu cachecol. – Está com tifo?

Álik, sem olhar para ela, tirou vagorosamente as galochas.

– Pssiii! – disse finalmente. – Vamos passar para o seu quarto.

E ele seguiu pelo corredor, na ponta dos pés, escarranchando comicamente suas pernas curtas.

Fora de si, Sónia Petrovna, seguia atrás dele.

– Não vá se assustar, pelo amor de Deus, Sónia Petrovna, – disse ele, quando ela fechou a porta, – Calminha, por favor, Sónia Petrovna, não há porque se assustar, verdade. Não há nada de terrível. Antes, de ante, anteontem... Ou quando é que foi? Bom, antes do dia de folga... Kólia foi preso...

Ele sentou-se no sofá, desamarrou o cachecol com dois puxões, jogou-o no chão e pôs-se a chorar.

⁵³ Nos apartamentos comunais, os moradores tinham algumas regras e códigos que desenvolveram para dividirem o mesmo apartamento. Uma delas é o toque da campainha, cada número de toques designava uma família, assim, os moradores sabiam quem deveria ir abrir a porta.

9

Era preciso correr imediatamente a algum lugar e esclarecer esse monstruoso mal entendido. Era preciso ir nesse mesmo minuto para Sverdlovsk e colocar de prontidão advogados, procuradores, juízes, investigadores. Sófia Petrovna vestiu o casaco, o chapéu, as botas e tirou dinheiro de uma caixinha. Não esquecer o passaporte⁵⁴. E ir imediatamente à estação comprar uma passagem.

Mas Álik, após secar o rosto com o cachecol, disse que em sua opinião ir agora a Sverdlovsk, decididamente, não fazia nenhum sentido. Como leningradense nato e residente a pouco em Sverdlovsk, Kólia, muito provavelmente, seria trazido para Leningrado. Não seria melhor, ela esperar um pouco antes de ir a Sverdlovsk? E se eles se desencontrassem? Sófia Petrovna tirou o casaco, jogou o passaporte e o dinheiro na mesa.

– As chaves? Você deixou as chaves lá? – gritou ela, aproximando-se de Álik.
– Você deixou as chaves com alguém?

– Chaves? Que chaves? – perguntou Álik perplexo.

– Meu Deus, como você é tonto! – disse Sófia Petrovna e, de repente, desatou a chorar a plenos pulmões. Natasha correu e colocou seus braços em torno dos ombros dela. – Mas as chaves... do quarto... de vocês, no seu... como é mesmo, alojamento...

⁵⁴ O passaporte era usado comumente como documento de identidade durante o *tsarismo* e abolido em 1917. Foi restabelecido em 27/12/1932, com o objetivo de controlar o deslocamento da população urbana. A população rural não possuía passaporte, ficando privada do direito de se deslocar.

Eles não estavam entendendo e olhavam para ela com olhar apalermado. Que idiotas! A garganta de Sófia Petrovna tinha um nó e não conseguia falar. Natasha serviu um copo d'água e estendeu para ela.

– Mas ele... mas ele... – falava Sófia Petrovna empurrando o copo, – mas ele... com certeza... já foi solto... devem ter visto que não era ele..... e soltaram... ele voltou para casa e você não está lá... e ele está sem chave...Agora, na certa, vai chegar um telegrama dele.

Sófia Petrovna jogou-se na cama sem tirar as botas. Ela chorava, a cabeça enterrada no travesseiro, chorou muito tempo, até que suas faces e o travesseiro ficassem molhados. Quando ela levantou doía-lhe o rosto e o coração parecia querer saltar-lhe do peito.

Natasha e Álik cochichavam junto à janela.

– Vamos fazer o seguinte – disse Álik, olhando compadecido para ela através dos óculos, com seus olhos bondosos – já combinamos Natália Sergéievna e eu. Deve ir dormir agora e de manhã, sem fazer alarde, vá à procuradoria. Natália Sergéievna dirá amanhã na editora que você está indisposta... ou qualquer coisa assim... que teve uma intoxicação à noite com o gás do aquecimento... sei lá!

Álik foi embora. Natasha queria passar a noite ali, mas Sófia Petrovna disse que não precisava de absolutamente nada. Natasha deu-lhe um beijo e saiu. Aparentemente ela também tinha chorado.

Sófia Petrovna lavou o rosto com água fria, despiu-se e deitou. Na escuridão, as faíscas dos bondes iluminavam o quarto como relâmpagos. Um quadrado branco de luz, como uma folha dobrada ao meio aparecia na parede e no teto. No quarto da enfermeira, Vália ainda gania e ria. Sófia Petrovna imaginava como Kólia tinha sido escoltado pelos investigadores. O investigador, um belo militar, coberto de correias e de bolsos. “Você é Nikolai Fomitch Lipátov?” – pergunta o militar para Kólia. – “Eu me chamo Nikolai Fiódorovitch Lipátov”, – responde Kólia com dignidade. O investigador reprende severamente a escolta e representa suas desculpas a Kólia. “Mas é claro!” – diz ele, – como eu não o reconheci de imediato? Sim, você é o jovem engenheiro, cuja fotografia vi recentemente no *Pravda*! Desculpe, por favor. O caso é que seu homônimo é o mesmo que o de Nikolai Fomitch Lipátov, trotskista, sicário do fascismo, um sabotador...”

Sófia Petrovna passou a noite inteira à espera de um telegrama. Voltando para o alojamento, e tomando conhecimento de que Álik tinha ido a Leningrado,

Kólia enviaria imediatamente um telegrama, para tranquilizar sua mãe. Às seis horas da manhã, quando os bondes estavam novamente tinindo, Sófia Petrovna adormeceu. E foi acordada com o toque estridente da campainha, que parecia ter-lhe atravessado o coração. Um telegrama? Mas não houve um segundo toque da campainha.

Sófia Petrovna vestiu-se, lavou-se, forçou-se a tomar chá e a arrumar o quarto. E saiu à rua na penumbra. A neve derretia, mas durante a noite as poças d'água ficavam cobertas por uma fina camada de gelo.

Após alguns passos, Sófia Petrovna parou. Aonde, propriamente, ela deveria ir?

Álik tinha dito: à procuradoria. Mas, Sófia Petrovna não sabia bem o que era uma procuradoria e nem sabia onde ela ficava. E perguntar a algum passante onde ficava o lugar parecia-lhe vergonhoso. E ela foi, não à procuradoria, mas à prisão, porque por acaso sabia que a prisão ficava na Shpalernaia.

Junto aos portões de ferro, havia um sentinela armado de fuzil. Diante dos portões de ferro, havia uma pequena porta que estava fechada. Sófia Petrovna empurrou-a em vão, com as mãos e o joelho. E, em nenhum lugar, havia qualquer tipo de informação.

O sentinela aproximou-se dela.

– Poderá entrar às nove horas, – disse ele.

Eram vinte para às oito. Sófia Petrovna resolveu não voltar para casa. Ela pôs-se a andar para frente e para trás em frente à prisão, levantando a cabeça, lançado olhares para as grades de ferro.

Será possível que Kólia esteja aqui, nesse prédio, atrás dessas grades?

– É proibido andar aqui, cidadã, – disse o sentinela.

Sófia Petrovna atravessou a rua e pôs-se a maquinalmente. À esquerda ela avistou o largo e Nevádo deserto do Nevá⁵⁵.

Ela virou à esquerda e desembocou no cais.

Já estava completamente claro. Sem um ruído e com uma surpreendente unanimidade, as luzes se apagaram na ponte Liteini. O Nevá estava repleto de neve suja, amarelada. “Provavelmente, trazem para cá toda a neve da cidade”, – pensou Sófia Petrovna. Ela voltou atenção a uma grande multidão de mulheres no meio da

⁵⁵ Nevá é o principal rio de São Petersburgo.

rua. Umas estavam com o cotovelo apoiado no parapeito do cais, outras passeavam devagar pela calçada e pela ponte. Sófia Petrovna surpreendeu-se de ver que todas estavam muito bem agasalhadas: xales por cima dos casacos, quase todas com botas de feltro e galochas. Elas batiam os pés e sopravam as mãos. “Pelo visto, vê-se que já estão aqui há muito tempo, para estarem com esse frio, – refletiu Sófia Petrovna, já que não tinha nada para fazer, – mas não faz tanto frio, a neve já começou a derreter”. Todas essas mulheres davam a impressão de estarem horas seguidas numa estaçõzinha à espera do trem. Sófia Petrovna examinou com atenção uma casa, na frente da qual, muitas mulheres se aglomeravam; uma casa comum, nela não havia nenhuma placa. O que elas estavam esperando aqui? Na multidão havia damas com casacos elegantes assim como mulheres simples. Sem ter o que fazer, Sófia Petrovna passou umas duas vezes pela multidão. Uma mulher estava com uma criança no colo e segurava outra com o cachecol cruzado no peito. Encostado na parede da casa havia um homem sozinho. Todos os rostos pareciam esverdeados, talvez fosse a bruma da manhã que os deixavam assim?

De repente, aproximou-se de Sófia Petrovna uma velhinha pequena de aspecto asseado com uma bengala. Por baixo do seu gorro de pele de lobo-marinho afundado na cabeça, brilhavam cabelos prateados e olhos negros de judia.

– Você está na lista? – perguntou amistosamente a velhinha, à entrada do prédio 28.

– Que lista?

– Para o “L” e “M”... Ah, desculpas, cidadã! Você está andando por aqui de modo que pensei que estivesse à procura de algum preso

– Sim, de meu filho... – respondeu embaraçada Sófia Petrovna.

Dando as costas à velha, cuja perspicácia deixara-a desagradavelmente surpresa, Sófia Petrovna pôs-se a procurar a entrada do prédio 28. Imaginar que todas essas mulheres tinham vindo ali pela mesma razão, pela mesma coisa que ela, algo atravessou confusamente o seu espírito. Mas, por que elas estavam ali no cais, e não ao lado da prisão? Ah, sim, ao lado da prisão o sentinela não permitia.

O número 28 era uma casa com a pintura descascada, quase junto à ponte. Sófia Petrovna entrou no suntuoso átrio, mas sujo, com uma lareira, um grande tremo quebrado e um cupido de mármore sem uma asa. No primeiro degrau de uma escada imponente, havia uma mulher deitada em cima de jornais e a cabeça pousada numa velha pasta.

– Quer se inscrever? – perguntou ela levantando a cabeça. Depois, sentou-se e tirou da pasta um lápis e um papelzinho amassado.

– Sim, para dizer a verdade não sei, – pronunciou desconcertada Sófia Petrovna. – Vim perguntar sobre meu filho, que foi detido por engano em Sverdlovsk... Sabe, deve tratar-se simplesmente de um homônimo...

– Fale, mais baixo, por favor – a mulher interrompeu irritada. Tinha um rosto inteligente, cansado. – As listas podem ser confiscadas e, além disso, aliás... qual o sobrenome?

– Lipátov, – respondeu timidamente Sófia Petrovna.

– 344, – disse a mulher anotando. – Seu número é o 344. Agora saia daqui, por favor.

– 344, – repetiu Sófia Petrovna e novamente voltou para o cais.

A multidão não parava de crescer. – Qual o seu número? – perguntavam a Sófia Petrovna a todo momento. – Bem, hoje você não conseguirá, – disse-lhe uma mulher com um lenço amarrado na cabeça à moda camponesa. – Nós nos inscrevemos ainda ontem à noite... – Onde está a lista? – perguntou outra cochichando... Já está claro: amanheceu o dia.

De repente, toda a multidão começou a correr. Sófia Petrovna correu junto. Um menino amarrado com o cachecol começou a chorar aos berros. Ele tinha pernas tortas e não conseguia acompanhar a mãe. A multidão dobrou a rua Shpalernaia. Sófia Petrovna viu de longe que a pequena porta ao lado do portão de ferro já estava aberta. As pessoas se enfiavam à força nela, como nas portas dos bondes. Sófia Petrovna também se meteu lá à força. E logo parou: não tinha como seguir adiante. As pessoas se aglomeravam no saguão mergulhando na penumbra e numa pequena escada de madeira. A multidão agitava-se levemente. Todos desenrolavam seus xales, abriam as golas, todos entravam num lugar: cada um procurando o número anterior ao seu. E atrás as pessoas se empurravam cada vez mais para entrar. Sófia Petrovna era empurrada como um pedaço de pau. Ela desabotoou o casaco e enxugou a testa com o xale.

Controlou a respiração e acostumou-se com a penumbra. Sófia Petrovna também precisava encontrar os números 343 e 345. O 345 era um homem, e o 343 era uma velha toda curvada. “O seu marido também é letão?” – perguntou a velha, levantando para Sófia Petrovna seus olhos turvos. “Não, por quê? – respondeu Sófia Petrovna. – Por que letão? Meu marido morreu há muito tempo, mas ele era russo.”

– Diga, por favor, você já tem *putiovka*⁵⁶? – perguntou à Sófia Petrovna a senhora judia de cabelos prateados – a mesma que havia conversado com ela no cais.

Sófia Petrovna não respondeu. Ela não estava entendendo nada. Uma mulher deitada na escada, depois de umas perguntas idiotas sobre letões e *putiovka*. O que é que a *putiovka* tinha haver? Ela tinha impressão de não estar em Leningrado, mas em uma cidade desconhecida, estrangeira. Era estranho pensar que a trinta minutos de caminhada ficava seu escritório; na editora, Natasha estava batendo à máquina.

Ao encontrar seus vizinhos de números, as pessoas ficavam calmas. Sófia Petrovna examinou o lugar: a escadinha levava a uma sala, na qual a multidão de pessoas também fazia fila e, aparentemente, depois dessa sala também havia outra. Sófia Petrovna, olhou discretamente ao seu redor. Eis a mulher com a pasta, usando meias de lã sobre as meias com sapados estranhos – essa é a mesma que estava deitada na escada. Aproximavam-se dela a toda hora para se inscreverem, mas ela não os inscrevia mais: era muito tarde. Em pensar, que todas essas mulheres eram mães, esposas, irmãs de sabotadores, terroristas, espiões! E o homem era marido ou irmão... E todos eles pareciam pessoas comuns, como nos bondes ou nas lojas. Só que tinham uns rostos cansados envelhecidos. “Imagino a infelicidade que deve ser para uma mãe saber que seu filho é um sabotador”, – pensou Sófia Petrovna.

De vez em quando, esgueirando-se com dificuldade na multidão, descia uma mulher pela escadinha estreita e rangente. – Entregou? – perguntava-lhe para ela embaixo. “Entreguei”. Ela mostrava um papel rosa. Mas uma delas, com aparência de leiteira, segurando um bidão, responde – deportado! – e posando o bidão no chão, apoiando sua cabeça no umbral da porta, ela desatou a chorar. Seu xale escorregou, descobrindo os cabelos ruivos e os brincos pequenos nas orelhas. “Silêncio! – gritaram-lhe de todos os lados. – Ele não gosta de barulho, fecha o guichê e aí, acabou-se. Silêncio!”

A leiteira arrumou o xale e saiu com lágrimas no rosto.

Ouvindo as conversas, Sófia Petrovna entendeu que a maior parte das mulheres estava lá para enviar dinheiro aos maridos e filhos presos e, algumas para perguntar se seu marido ou filho estavam ali. Sófia Petrovna tinha vertigem por causa do ar viciado e do cansaço. Ela estava com muito medo de que o misterioso

⁵⁶ *Putiovka*: talão de encaminhamento. Era usado para dar férias aos funcionários, mas passou a ser usado, também, para deportação das famílias dos condenados.

guichê, do qual todos queriam se aproximar, se fechasse antes que ela conseguisse chegar. “Se hoje for só até às duas, nós não vamos conseguir”, – disse-lhe o homem. “Até às duas? Será que ainda estarei aqui até às duas? – pensou desesperada Sófia Petrovna. – Ainda não são nem dez.

Ela fechou os olhos se esforçando para superar a vertigem. Frases lacônicas pronunciadas em voz baixa ressoavam ao seu redor. “Quando foi que pegaram o seu?” – “Já faz três meses.” – “O meu faz duas semanas.” – “Diga, você não saberia dizer onde consigo informação?” – “Na procuradoria. Mas eles não dizem nada, em nenhum lugar.” – “Você esteve na Tchaikóvskii e na Herzen?” – “Na Herzen é para os militares.” – “E o seu quando foi preso?” – “Foi a minha filha.” – “Dizem que na praça do Arsenal eles recebem roupas⁵⁷.” – Vocês por acaso são da Letônia?” – “Não, somos poloneses.” – “E o seu, quando foi preso?” – “Já faz meio ano.” – “Em que número está? Ainda no vinte apenas? Senhor, meu Deus, tomara que ele não feche às duas! Da última vez ele bateu o guichê exatamente às duas!”

Sófia Petrovna repetia para si mesma o que queria perguntar: Kólia tinha sido transferido para Leningrado? Quando se poderia ver o juiz, ou quem de direito, um investigador? E não poderia ser hoje? E não poderia fazer imediatamente uma visita a Kólia?

Ao fim de duas horas, Sófia Petrovna pôs o pé no primeiro degrau da escada de madeira atrás da velhinha. Ao fim de três horas, estava na primeira sala. Ao fim de quatro horas, na segunda e ao fim de cinco horas – seguindo a fila, que serpenteava, novamente na primeira sala. Por cima das costas ela observava o guichê quadrado de madeira e, nesse guichê, os ombros e as mãos grandes de um homem obeso. Eram três horas. Sófia Petrovna contou 59 pessoas na sua frente.

As mulheres, diziam o sobrenome, e estendiam o dinheiro timidamente. O menino das pernas tortas soluçava e lambia as próprias lágrimas. “Bem, eu vou falar com ele, – pensava impaciente Sófia Petrovna. – Que me encaminhe agora mesmo ao investigador, ao procurador, ou sei lá quem... Como ainda é incivilizado nosso modo de vida! Que ambiente abafado, não se providencia ventilação. Seria preciso escrever uma carta ao *Pravda de Leningrado*.”

E eis, que finalmente, na frente de Sófia Petrovna estavam apenas três. Por precaução, ela também tinha separado um dinheiro: contando que Kólia não

⁵⁷ Na praça do Arsenal ficava a prisão Kresty.

passasse por apertos. A velhinha corcunda tinha dado com a mão trêmula trinta rublos no guichê e recebido um comprovante rosa. Olhava fixamente para o recibo com os olhos cegos. Sófia Petrovna ocupou apressadamente o lugar da velha. Ela viu um jovem obeso com o rosto inchado e branco, de olhos pequenos e sonolentos.

– Eu queria saber, – começou Sófia Petrovna, debruçando-se para ver melhor o rosto da pessoa que estava do outro lado do guichê, – eu queria saber se o meu filho está aqui? O fato é que ele foi preso engano...

– Sobrenome? – interrompeu o homem.

– Lipátov. Ele foi preso por engano e já faz alguns dias que estou sem saber...

– Silêncio, cidadã, – disse-lhe o homem, inclinando-se sobre uma gaveta cheia de fichas. – Lipátov ou Lepátov?

– Lipátov. Eu queria ter uma entrevista hoje mesmo com o procurador ou com quem de direito...

– Letras?

Sófia Petrovna não entendeu.

– Como ele se chama?

– Ah, sua iniciais? Ene, efe.

– Ne ou me?

– Ene, de Nikolai.

– Lipátov, Nikolai Fiódorovitch, disse o homem, tirando uma ficha da gaveta. – Está aqui.

– Eu queria saber...

– Não damos informação. Chega de conversa, cidadã. O próximo!

Sófia Petrovna apressou-se a estender os trinta rublos pelo guichê.

– Ele não tem direito, – disse o homem afastando o dinheiro, – Próximo! Afaste-se cidadã, não atrapalhe o serviço.

– Vá embora! – murmuraram atrás de Sófia Petrovna. – Senão ele bate o guichê e não atende mais.

Sófia Petrovna retornou para casa por volta das seis horas. Lá encontrou Álik e Natasha. Deixou-se cair numa cadeira e por uns minutos não teve forças para tirar o casaco e as botas. Álik e Natasha olhavam para ela com ar interrogativo. Ela contou que Kólia estava na cidade, na prisão da rua Shpalernaia, mas não conseguiu explicar-lhes porque não ficara sabendo o motivo de sua prisão e quando poderia fazer-lhe uma visita.

10

Sófia Petrovna pegou duas semanas de licença na editora por sua conta. Enquanto, Kólia estava na prisão, como é que ela poderia pensar em papéis, documentos ou em Erna Semenóvna! E além do mais, ela nem teria tempo para trabalhar: de manhã até à noite e de noite até amanhecer, ela tinha que ficar na fila. Ela apresentou o requerimento ao *partog* manco: depois da prisão de Zakhárov, ele fora nomeado, provisoriamente, para a função de diretor. Ele ocupava o gabinete, que tinha sido de Zakhárov atrás daquela mesma mesa com telefones; ele não usava mais a sua camisa russa, mas um terninho cinza das *Roupas de Leningrado*, gravata, colarinho e, mesmo assim parecia desengonçado. Sófia Petrovna disse precisar de licença por motivos familiares. Sem olhar para ela, Timoféiev permaneceu um bom tempo escrevendo um longo atestado com tinta vermelha. Ele disse a Sófia Petrovna que dessa vez ela seria substituída por Erna Semenóvna e ordenou que lhe passasse o serviço. “Por que não a Frolenko? – admirou-se Sófia Petrovna. – Pois, Erna Semenóvna é semianalfabeta, escreve com erros...” – O camarada Timoféiev não respondeu nada e levantou-se. Ah, o que isso importava! Sófia Petrovna saiu do gabinete. Tinha pressa de voltar à fila.

Atualmente, ela não passava mais seus dias e suas noites no trabalho ou em casa, mas num mundo novo: o das filas. Ela fazia fila no cais do Nevá, ou na rua Tchaikóvskii – lá havia bancos e era possível sentar-se ou numa sala enorme da Grande Casa⁵⁸, ou ainda na escada da procuradoria. Voltava para casa só para

⁵⁸ Grande Casa (*Bolshovo Doma*): sede do NKVD, na esquina da Pervskt Letienii com a Tchaikóvskii.

lambiscar algo ou tirar um cochilo, quando Natasha ou Álik iam substituí-la. (O diretor tinha dado permissão a Álik para passar apenas uma semana em Leningrado, mas, dia após dia, ele adiava sua volta a Sverdlovsk, esperando retornar junto com Kólia). Sófia Petrovna aprendeu bastante coisa durante essas duas semanas – ela aprendeu que devia se inscrever numa fila a partir das onze horas ou meia noite, e apresentar-se à chamada a cada duas horas, mas que o melhor era não afastar-se absolutamente para não ser riscado da lista; era indispensável levar um xale bem quente, calçar botas de feltro, porque mesmo na época do degelo, entre três e seis horas da manhã, as pernas gelavam e um ligeiro tremor tomava conta de todo o corpo; ela aprendeu que os funcionários do NKVD confiscavam as listas e, levavam para à delegacia aqueles que as faziam; e devia ir à procuradoria no primeiro dia da semana e que lá atendiam as pessoas sem levar em conta a ordem alfabética, enquanto na rua Shpalernaia, sua letra era nos dias sete e vinte (na primeira vez ela tinha vindo no dia da sua letra por pura sorte); que as famílias dos condenados eram exiladas de Leningrado e, *putiovka* não era uma autorização para uma colônia de férias, mas para o degredo; que na rua Tchaikóvskii as informações eram dadas por um velho de cara vermelha e um bigode felpudo de gato, mas na procuradoria era uma moça de cabelo frisado e de nariz pontudo; mas na Tchaikóvskii era necessário apresentar passaporte, e na Shpalernaia não; aprendeu que entre os inimigos desmascarados havia muitos letões e poloneses, e era por isso que havia na fila tantas letãs e polonesas. Ela aprendeu a adivinhar ao primeiro olhar, quem na rua Tchaikóvskii não era um simples pedestre, e sim um dos que ficavam na fila, mesmo no bonde, pelo olhar, ela sabia qual das mulheres estava a caminho dos portões de ferro da prisão. Ela aprendeu a orientar-se em todas as recepções e nas entradas de serviço do cais e, não tinha a menor dificuldade em encontrar a mulher da lista, onde quer que esta se escondesse. Ela já sabia, que ao sair de casa depois de um cochilo, na rua, na fila, no corredor, na sala – na Tchaikóvskii, no cais, na procuradoria, por toda a parte – haveria mulheres, mulheres, mulheres, velhas e moças, com xales e chapéus, com bebês de colo, com crianças de três anos ou sem crianças, crianças chorando de cansaço e, mulheres silenciosas, aterrorizadas taciturnas, e do mesmo modo, que outrora, em sua infância, após um passeio na floresta, ela via desfilar diante dos seus olhos bagas, bagas, e mais bagas, e agora quando fechava os olhos, ela via rostos, rostos, rostos...

Só uma coisa ela não ficou sabendo durante essas duas semanas: o motivo da prisão de Kólia? Quem e quando iria julgá-lo? E do que era acusado? E quando, finalmente, acabaria esse mal entendido estúpido e ele voltaria para casa? No escritório de informação na rua Tchaikóvskii, o velho de rosto vermelho com bigodes de gato examinava o seu passaporte e perguntava: “Qual é o nome do seu filho? Você é a mãe? E por que a mulher dele não veio? Ele não é casado? Lipátov, Nikolai? A investigação está correndo” –, e jogava seu passaporte pelo guichê, e antes que Sófia Petrovna pudesse abrir a boca, a porta do guichê descia com estrépito e soava a campainha, o que significava: “próximo!”. Com o guichê fechado, Sófia Petrovna nem tinha como falar e, depois de ficar parada um segundo, ela ia embora. Na procuradoria, a moça de cabelos frisados e nariz pontudo assomava-se ao guichê e dizia rapidamente: “Lipátov? Nikolai Fiodórovich? O caso ainda não chegou à procuradoria. Volte daqui a duas semanas”. Na rua Shpalernaia, o homem gordo sonolento recusava sempre o seu dinheiro e declarava: “ele não tem direito”. Isso era tudo que ela sabia sobre Kólia: os outros tinham “direito” de receber dinheiro, mas sabe lá Deus por que ele não tinha esse “direito”. Por quê? Mas, ela já tinha entendido, que perguntar ao sujeito do guichê era inútil.

Em compensação ela interrogava Álik avidamente sobre como tinha sido quando levaram Kólia. E, Álik docilmente contava e recontava, que eles estavam dormindo, que de repente tinham batido à porta e, entrou o diretor do alojamento, e atrás dele o administrador e, atrás desse, um sujeito à paisana e outro de uniforme militar. – Que horas eram? – perguntava Sófia Petrovna. – É, acho, uma e meia, - respondia Álik e prosseguia: – O administrador tinha acendido a luz, e o sujeito à paisana perguntara – qual de vocês é Lipátov, Nikolai? – Kólia se assustou? – interrompia inquieta Sófia Petrovna. – Nem um pouquinho, – respondia Álik. – ele pôs a roupa de baixo, vestiu o terno e pediu para dizer no dia seguinte na fábrica que ele tinha sido detido por engano e que, talvez, fosse faltar alguns dias... Que o substituíssem por Iasha Roitman, um da *Komsomol* que trabalha conosco... – E ele não pegou nada, nada para levar consigo! – dizia Sófia Petrovna erguendo os braços para cima. Álik explicava-lhe que Kólia não tinha querido pegar nem uma troca de roupa, nem toalha, e a lavadeira tinha trazido roupa limpa naquele mesmo dia: “Para que? Eu, amanhã ou depois, estou voltando”. – “Eu o aconselho, seriamente, a levar”, – disse o militar. Mas, Kólia repetiu-lhe, que não tinha por que: ele voltaria no dia seguinte.

– Isso o que é uma consciência limpa! – falava com enternecimento Sófia Petrovna. – Mas será que lá vão dar toalha para ele?

Álik tinha ficado docilmente a espera de Kólia durante um dia, dois, três e, apenas no quarto dia decidira partir para Leningrado para tirar as coisas a limpo. Tinha mentido para o diretor dizendo que sua mãe estava à morte. E, o diretor, um sujeito de bom coração, tinha permitido.

Sófia Petrovna interrogava Álik com cautela: Kólia não teria brigado com algum superior? Não tinha sido grosseiro com alguém? Não tinha se envolvido com alguém que depois tinha se revelado um sabotador? Ou tinha sido envolvido em alguma coisa por alguma mulher?

– Mas, que mulher que nada. – respondia Álik com uma pontada de irritação. – Como se fosse possível envolver Nikolai no que quer que fosse. Não conhece o seu filho? O próprio diretor dizia que ele era o futuro, um engenheiro de nível internacional...

Ah, claro, claro, Kólia era incapaz de fazer algo de mau. Sófia Petrovna sabia melhor do que ninguém, que coração e que cabeça ele tinha, e como era devotado ao poder soviético e ao Partido. Mas, as coisas não acontecem sem um motivo. Kólia ainda era jovem, não estava só no mundo. Tinha se indisposto com alguém lá. Era preciso saber como lidar com as pessoas. E, Sófia Petrovna olhava para Álik com hostilidade: não tinha tomado o devido cuidado. Se Kólia tivesse permanecido em Leningrado, sob a vista de sua mãe, nada lhe teria acontecido. Ela não deveria ter deixado que ele partisse para Sverdlovsk.

Mas, ainda sim, nada de mal devia acontecer, tentava se persuadir. Ela esperava a volta de Kólia de uma hora para outra, de um minuto para o outro. Quando ia para fila, ela sempre deixava a chave de seu quarto no corredor, sobre prateleira, num lugar familiar e combinado de antemão. Até sopa quente ela deixava no forno para ele. E, quando voltava, subia as escadas correndo, sem tomar fôlego, como outrora ao encontro de uma carta: e agora ela entraria em seu quarto, e Kólia estaria lá em casa, perguntando-se onde teria podido ter parado sua mãe?

Na noite anterior, na fila, uma mulher tinha dito a outra e, Sófia Petrovna tinha ouvido: “Você acha que ele vai voltar! Quem cai aqui – não volta”. Sófia Petrovna queria interromper, mas preferiu não se envolver. Em nosso país, inocentes não são presos. Muito menos patriotas soviéticos como Kólia. Iriam tirar aquilo a limpo e ele seria libertado.

Certa noite, Álik depois de ter convencido Sófia Petrovna a deitar-se por uma ou duas horas, vestiu-se com sua jaqueta, enrolou o cachecol no pescoço e despediu-se: eram dezenove horas, ele foi se postar na fila na rua Shpalernaia. – Eu irei o mais tardar às duas horas, – disse-lhe Sófia Petrovna da cama com a voz debilitada, – Sófia Petrovna, ainda que seja às cinco horas, – respondeu ele animado e saiu pela porta. Mas, por algum motivo ele voltou. Aproximou-se de Natasha, ela estava sentada perto da janela com o seu tricô. – O que você acha disso, Natália Sergéievna, – perguntou ele, encarando-a com os olhos brilhantes por trás dos óculos, – lá, na prisão, todos são culpados como Kólia? Todas aquelas mães na fila parecem muito a Sófia Petrovna.

– Não sei, - respondeu Natasha, de acordo com o seu novo hábito.

Já antes, Natasha era calada, mas desde que Kólia tinha sido preso, ela quase tinha perdido completamente a fala. Às perguntas ela respondia “sim”, “não” ou “não sei”. Parecia que se perguntassem seu nome ela responderia “não sei”. No seu tempo livre do trabalho, ela ajudava Sófia Petrovna: preparava o almoço, lavava louça, dava a ela água com valeriana ou ia para fila. E tudo sem abrir a boca.

– O que você está dizendo, Álik, – sussurrou Sófia Petrovna. – Como você pode comparar! É que Kólia foi preso por um mal entendido, mas os outros... Por acaso você não lê os jornais?

– Ah, jornais... – respondeu Álik e saiu.

Nos jornais estavam justamente aparecendo as alegações dos réus no processo. Na véspera, na fila, Sófia Petrovna tinha lido toda uma página por cima dos ombros do homem que estava a sua frente. Doíam-lhe as pernas, doía-lhe o coração, mas o jornal estava tão interessante, que ela esticou o pescoço para ler até o fim. Os réus contavam em detalhes sobre assassinatos, envenenamentos, atentados. E Sófia Petrovna estava tão indignada quanto o promotor. “Que nome dar a isso?” – perguntava o promotor ao réu contendo sua indignação. – “Infâmia!” – respondia com aflição o réu.

Não, não era sem razão, que Sófia Petrovna mantinha distância de suas vizinhas nas filas. Sentia pena delas, claro, como seres humanos, sentia mais pena das crianças, mas qualquer pessoa honesta deveria lembrar-se que todas essas mulheres são mulheres e mães de envenenadores, espiões e assassinos.

11

Passaram-se as duas semanas. Álik voltou para a fábrica em Sverdlovsk. Sófia Petrovna retornou a trabalho na editora – sem ter obtido qualquer informação a respeito de Kólia.

As mulheres na fila tinham lhe explicado que, provavelmente, o caso chegaria à procuradoria e, quando chegasse ela poderia ir ter com o procurador. Ele não recebia através de um guichê, mas atrás de uma escrivaninha e, era possível contar-lhe tudo.

Por enquanto só havia uma coisa a ser feita: ir ao trabalho, contar as linhas, sorrir, distribuir o serviço e, em meio as batidas e tilintar das máquinas, pensava sem cessar em Kólia. Kólia está na prisão, Kólia está preso. Junto com bandidos, espiões e assassinos. Numa cela. Trancafiado.

Quando tentava imaginar uma prisão e Kólia preso, ela sempre via um quadro, representando a princesa Tarakánova⁵⁹: uma parede escura, uma jovem de cabelos desgrehados, encostada contra a parede, água escorrendo pelo chão, ratos... Mas nas prisões soviética, com certeza, tudo era completamente diferente disso.

Álik, ao se despedir, aconselhara-a a não falar a ninguém sobre a prisão de Kólia. “Eu não tenho motivos para me envergonhar de Kólia!” – começou Sófia Petrovna com raiva, mas depois acabou concordando com Álik: os outros não conhecem Kólia e não se sabe o que podem imaginar. Ela não tinha contado nada a

⁵⁹ Refere-se ao quadro de Flavitski, no qual está representado a princesa Tarakánova aprisionada por ordem de Katarina II. Tarakánova é uma personagem histórica, a princesa tentou passar-se por filha da imperatriz Lisavieta com a intensão de sucedê-la no trono.

ninguém, nem no trabalho, nem no apartamento, – somente à mulher de Degtiarenko, que uma vez, encontrou-a chorando no banheiro. A mulher de Degtiarenko suspirou de compaixão. “Para que ficar chorando, pode ser que ele ainda volte, – disse ela. – Sim, tenho visto você correr dia e noite, anda tão abatida!”

Passaram-se cinco meses desde a prisão de Kólia, o inverno já cederia lugar à primavera e, a primavera em junho era impiedosamente quente e, ainda por cima Kólia continuava sem aparecer. Sófia Petrovna estava esgotada por causa do calor, da espera, das filas noturnas. Cinco meses, três semanas e quatro dias, cinco dias, seis dias... cinco meses e quatro semanas. E Kólia que não voltava de jeito nenhum, ele continuava “sem direito” de receber dinheiro, e no trabalho de Sófia Petrovna, de repente, começaram os aborrecimentos. Um dessabor atrás do outro.

A culpada disso era Erna Semenóvna.

Quando Sófia Petrovna voltou ao trabalho, depois de duas semanas de licença, Erna Semenóvna tornou-se sua auxiliar para conferir os manuscritos datilografados. Sófia Petrovna achava que ela não lhe seria de grande ajuda: ela era semianalfabeta! Como ela poderia corrigir os erros dos outros? Mas, não era possível opor-se às decisões de Timoféiev. E, Erna Semenóvna corrigia e Sófia Petrovna permanecia calada.

E, eis que um dia, o camarada taciturno Timoféiev, fazendo tilintar as chaves – ele agora carregava sempre consigo todas as chaves de todas as salas, – deteve Sófia Petrovna no corredor e mandou-lhe que lhe enviasse Frolenko. Sófia Petrovna mandou-lhe Natasha e ficou a sua espera no vestibulo, perguntando-se, sem entender, o que poderia o camarada Timoféiev querer com Natasha.

Natasha voltou sem demora. Ela estava com rosto acinzentado, estava impassível, apenas seus lábios tremiam um pouco. “Serei demitida”, – disse ela, quando saíram à rua.

Sófia Petrovna estacou.

– Erna Semenóvna mostrou ao *partog* o meu trabalho de ontem. Lembra, era um longo artigo sobre o Exército Vermelho. Num certo trecho eu dei espaço no “lho”.

– Mas espere, – disse Sófia Petrovna, – isso é apenas um lapso. De onde você tirou que vai ser despedida amanhã? Todos sabem muito bem que você é a melhor datilógrafa da seção.

– Ele disse: demitida por falta de vigilância. – Natasha continuou. O sol batia diretamente em seus olhos, mas ela não os baixava.

Sófia Petrovna levou-a para sua casa e serviu-lhe chá. Kólia não estava. Antes, quando Kólia vivia tranquilamente em Sverdlovsk, Sófia Petrovna não se atormentava com o fato dele não estar ali. E, só ficava aborrecida. Mas agora, cada objeto no quarto gritava-lhe na cara que Kólia não estava. Sua engrenagem pretejava no parapeito.

– Amanhã eu ainda irei à editora, mas pela última vez, - disse Natasha, despedindo-se.

– Não diga bobagens! – disse-lhe Sófia Petrovna levantando a voz. – Isso não pode ser.

Mas verificou-se que era possível. No dia seguinte, a ordem de demissão de N. Frolenko e E. Grigorievna, secretária antiga do diretor, estava fixada na parede do corredor. O motivo da demissão de Frolenko era sua falta de vigilância política no trabalho e, a demissão da secretária era suas ligações com Zakhárov, ex-diretor e inimigo do povo desmascarado.

Ao lado da ordem havia um grande cartaz anunciando que naquele mesmo dia, às cinco horas haveria uma reunião geral dos funcionários da editora. Na ordem do dia: 1) Relatório do camarada Timoféiev sobre sabotagem no *front* editorial. 2) Outros. Presença obrigatória.

Natasha depois de arrumar suas pastinhas, saiu após o sinal dizendo a todos: “Até logo”. “Tudo de bom”, – responderam as datilógrafas em coro, apenas uma, Erna Semenóvna, não respondeu: ela arrumava seu penteado olhando seu reflexo no vidro da janela. Sófia Petrovna sentiu um aperto no coração. Acompanhou Natasha até o vestibulo.

– Apareça à noite, – disse ela ao se despedir.

A *predmestkom* reuniu todos no gabinete do diretor. A ascensorista Maria Ivánovna levou as cadeiras. Sófia Petrovna entrou e sentou-se na primeira fila. Ela se sentia assustada e solitária. Acendram as luzes do teto e puxaram as pesadas cortinas. Os funcionários entravam e tomavam os acentos. Em todos os rostos era perceptível uma espécie de curiosidade ávida e ansiosa. – Então, é preciso mandar um convite especial a vocês ou o que? – gritou a *predmestkom* para o pessoal da redação.

Timoféiev estava em pé diante da mesa, concentrado em folhear os papéis.

A *predmestkom* declarou aberta a reunião. As mãos se ergueram preguiçosamente e ela foi reeleita presidente por unanimidade. O camarada Timoféiev pigarreou.

– Nós, camaradas, estamos aqui reunidos hoje para um assunto importante, – começou ele, – para, cons - ta - tar um relaxamento criminoso da vigilância política em nossa editora e, para pensarmos juntos, como liquidar suas sequelas. – (Dessa vez, ele falou com confiança e fluência, praticamente sem gaguejar.) – “Durante cinco anos inteiros bem debaixo do nosso nariz, se é que se pode falar assim, atuou em nosso coletivo um inimigo do povo já desmascarado, o terrível bandido, terrorista e sabotador, o ex-diretor Zakhárov. Zakhárov já não representa mais perigo algum. Mas, no seu tempo, ele trouxe consigo um bando de gentinha como ele, seu, com o perdão da palavra, “séquito”, que junto com ele construiu um ninho sólido para apoiá-lo de todos os modos em suas sórdidas maquinações trotskista. Para vergonha do nosso coletivo, o séquito de Zakhárov não foi liquidado até hoje. Tenho diante de mim, – ele desdobrou os papéis, – bem aqui na minha frente, há documentos com dados que comprovam sua sórdida atividade contrarrevolucionária.”

Timoféiev calou-se e serviu-se água.

– O que mostram esses documentos? – começou ele novamente, secando a boca com a palma da mão. – Esses documentos mostram, incontestavelmente, que em 1932, por ordem direta do diretor, sem relação com o *mestkom* e com o departamento pessoal, eu repito, por ordem do diretor, foi contratada certa N. Frolenko.

Sófia Petrovna encolheu-se na cadeira, como se ele estivesse falando dela.

– E quem é essa Frolenko? Ela é filha de um coronel, um proprietário de terra dos velhos tempos. Pergunto o que faz em nossa editora soviética a cidadã Frolenko, filha de um elemento estranho, contratada pelo bandido Zakhárov? E isso é outro documento que nos diz. Sob a proteção de Zakhárov, a cidadã Frolenko pôs-se a difamar nosso querido Exército Vermelho de operários e camponeses; a fomentar ataques contrarrevolucionários: Ela trata o Exército Vermelho de Vermes⁶⁰ Vermelhos...

Sófia Petrovna ficou com a boca seca.

⁶⁰ Em russo, há um jogo de palavras: *Krasnaia Armia* (Exército Vermelho) por *Krisinaia Armia* (Exército de Rato).

- E Grigórieva, a antiga secretária de Zakhárov? Uma ajudante fiel do diretor, a qual ele podia confiar tudo a suas, se é que se pode chamar assim, atividades... Como é que pode acontecer de um sabotador e os seus lacaios terem tido, durante cinco anos, o atrevimento de engambelar nossas organizações soviéticas? Isso, camaradas, só pode ter uma explicação: um relaxamento criminoso da vigilância política.

O camarada Timoféiev sentou-se e se pôs a beber água. Sófia Petrovna olhava para água com avidez: ela estava com a boca e a garganta tão secas. A *predmestkom* fez soar a campainha de modo ríspido, embora todos ainda estivessem em silêncio e ninguém se mexesse.

- Alguém quer fazer uso da palavra? – perguntou ela.

Silêncio.

– Camaradas, quem quer fazer uso da palavra? – perguntou mais uma vez a *predmestkom*.

Silêncio.

– Será que ninguém tem nada a dizer sobre uma questão tão candente?

Silêncio. E, de repente, uma voz alta fez-se ouvir perto da porta e todos viraram a cabeça.

Era a ascensorista Maria Ivánovna. Até agora ela nunca havia falado em nenhuma reunião. E, de modo geral, poucos na editora tinham ouvido sua voz.

– Por favor, camarada Ivánovna, tenha a bondade!

A ascensorista acercou-se da mesa com andar pesado.

– Bom, também quero dar minha palavra de proletária. O que foi dito sobre a secretária, isso, cidadãos, é verdade. Era assim cada vez que ela tomava o elevador com suas galochas, ela sujava tudo e, depois, a gente é que ia limpando atrás dela. Ela suja e a gente limpa. E olha que ela não parava de subir e descer. Subia cem vezes por dia e ainda tocava descer para baixo. E, como não levar, se ela não desgrudava do diretor. Aonde ele ia, lá estava ela. Se ele pegava o elevador, ela também pegava, se ele entrava no carro, ela sentava do lado dele. É verdade que eles trabalhavam que era um grude só... Só tem uma coisa que quero dizer para o camarada Timoféiev – do nosso jeito, gente simples, proletária, quantas vezes eu não falei para ele: contenha essa madame aí ! Mas ele não estava nem aí! Não dava a menos atenção, ele dava de ombros e saía andando. Está pensando, camarada Timoféiev, que a ascensorista não é gente, não entende nada? Engano seu! Não

estamos nos velhos tempos! Sob o regime soviético todo mundo é! Todo mundo é gente.

– Correto, camarada Ivánovna, correto – disse Anna Grigórievna. – Quem mais, camaradas, quer fazer uso da palavra?

Silêncio.

– Será que eu poderia? – pediu Sófia Petrovna com delicadeza. Ela se levantou e depois tornou a sentar-se. Gostaria de dizer apenas algumas palavras, sobre Frolenko... Claro, é simplesmente horrível, horrível, o que ela datilografou... mas, todos cometem erros no trabalho, não é mesmo? Ela não escreveu “Vermes”, mas “Verme lho”, simplesmente porque naquela pressa toda, e isso qualquer datilógrafa sabe, a máquina pode pular um espaço. O camarada Timoféiev disse que ela datilografou Exército de V E R M E, mas foi Exército VERME LHO, o que não é a mesma coisa... não tem significado depreciativo. Foi apenas um lapso. Frolenko é uma funcionária altamente qualificada e muito dedicada. Isso foi apenas uma casualidade.

Sófia Petrovna calou-se.

– Você quer responder? – perguntou a *predmestkom* a Timoféiev.

– Os documentos, – respondeu Timoféiev de trás da mesa, batendo com a ponta dos dedos na pilha de papéis. Com documento não se discute, camarada Lipátova, VERME LHO ou VERME pouco importa. É, sem tirar nem por, um ataque de inimiga de classe por parte da cidadã Frolenko.

–Alguém mais quer fazer uso da palavra?... Declaro a reunião encerrada.

As pessoas se dispersaram rapidamente, com pressa de ir para casa. No vestíbulo, junto aos cabides, já se ouviam conversas sobre como o bonde número 5 demora a passar e que na seção infantil da Passaje tinham aparecido excelentes calças compridas de lã. O contador convidava Erna Semenóvna para passear de barco com ele.

– E eu lá quero saber do teu barco! – dizia ela, esticando os lábios na direção do espelho como se fosse um beijo. – Melhor seria ir ao cinema.

Sobre a reunião, sobre as sabotagens – nenhuma palavra.

Sófia Petrovna foi rapidamente para casa, sem notar o caminho. Ela achou que ao entrar em seu quarto e fechar a porta, a sua cabeça pararia de doer, tudo acabaria, ela ficaria bem. Suas têmporas latejavam. Por que a cabeça lhe doía

tanto? – na reunião, ao que parece, não tinham fumado. Pobre Natasha! Não tem sorte na vida! Uma excelente datilógrafa, e de repente...

No quarto, em cima da escrivaninha de Kólia, havia um bilhete:

Prezada Sófia Petrovna! Eu voltei. Iasha Roitman declarou na Komsomol que eu tinha ligações com Nikolai. Eu fui expulso da Komsomol por ter me recusado renegar Nikolai e também fui dispensado do trabalho⁶¹. É muito duro ser excluído das fileiras. Passarei aí amanhã. Seu Aleksandr Finkelstein.

Sófia Petrovna ficou virando o bilhete nas mãos. Meu Deus, quanto aborrecimento de uma só vez! Com Kólia, depois com Natasha, agora com Álik. Mas, com certeza, a culpa era do próprio Álik, ele deve ter segurado a língua em alguma reunião. Ele estava tão ríspido. No dia que partiu, quando ela perguntou-lhe de novo, com jeitinho, se Kólia estava andando em má companhia, ele tinha ficado todo vermelho, tinha se encolhido contra a parede e gritado: “Mas, afinal, você sabe o que está perguntando ou não? Kólia não é culpado de absolutamente nada, você está duvidando ou o que?” Claro que ele não tem culpa nenhuma, era ridículo falar uma coisa dessas, mas Kólia não teria dado algum motivo? ... Agora, com certeza, Álik deve ter dito desaforos aos chefes numa reunião. É lógico que ele devia tomar a defesa de Kólia, mas com cautela, com tato, de modo discreto...

Sófia Petrovna estava com dor de cabeça. Como se para ela a reunião ainda não tivesse acabado. A voz de Timoféiev soava em seus ouvidos. Tinha a impressão de que a voz de Timoféiev comprimia seu peito. Deitar-se? Não, de jeito nenhum. Ela decidiu tomar um banho.

Teve algo nas palavras de Timoféiev que a deixou petrificada. Parecia que se ela tomasse banho, isso logo passaria. Ela mesma ia até a despensa pegava a lenha e acendia o aquecedor. Antes, quem sempre trazia a lenha era Kólia, depois Álik trazia; depois que Álik voltou para Sverlovsk era Natasha quem trazia. Ah, esse Álik! Ele, com certeza, é um garoto bom e leal a Kólia, mas muito truculento. Não se pode dar de ombros daquele jeito. Não será por causa de sua truculência que Kólia está preso? Uma vez na fila, na Shpalernaia, quando ela contou a Álik que o

⁶¹ As pessoas que tinham conhecidos ou familiares presos, acabavam sofrendo com a perda de emprego e da moradia, expulsão das instituições de ensino e políticas e, deportação. A única forma de não sofrer com as punições do Estado, era renegar o preso. Muitos cidadãos renegaram seus pais, filhos, irmãos, parentes e amigos para conseguirem manter sua sobrevivência.

dinheiro do Kólia foi novamente recusado, ele disse alto: “malditos burocratas!” Ele deve ser assim em Sverdlovsk, na fábrica.

Sófia Petrovna despejou a água, despiu-se e entrou na banheira – na larga banheira branca, comprada ainda por Fiódor Ivánovitch. Ela não tinha vontade de se lavar. Ela ficou esticada sem se mexer, de olhos fechados. Como ela ia fazer agora no trabalho sem Natasha? E tudo por causa dessa Erna Semenovna! E pensar que tem gente com tanta inveja e malícia no mundo! Bem, não há de ser nada, Natasha arrumaria outro trabalho, não muito longe, e elas se veriam com frequência. Kólia bem que podia voltar logo.

Ela estava deitada olhando suas mãos deformadas pela água. Será que a secretária do diretor era uma sabotadora? Melhor não pensar nisso. Que dia mais difícil. Só de pensar na reunião sentia um peso no peito. Ela estava deitada com os olhos fechados, no calor e no sossego.

Na cozinha, alguém tinha acendido o primus, e logo se ouviu vozes e barulho de louças. A enfermeira, como de hábito, dizia maldades.

– Ainda não estou louca e nem cega, – dizia ela lentamente. – eu pessoalmente comprei três litros de querosene faz dois dias. E agora sobrou só um pingão no fundo, não dá pra nada. De uns tempos para cá, não se pode deixar nada na cozinha.

– Quem é que ia pegar o seu querosene? – retrucou com voz grave a mulher de Degtiarenko. Pela voz, parecia que estava abaixada – lavando o chão ou acendendo o fogo. – Ninguém precisa do seu querosene. Por acaso está achando que fui eu?

– Não é de você que eu estava falando. Existem outras pessoas nesse apartamento além de você. Se alguém de uma família foi parar na cadeia, pode-se esperar de tudo dos demais. Ninguém vai para a cadeia sem um bom motivo.

Sófia Petrovna gelou.

– E daí que o filho está na cadeia, – disse a mulher de Degtiarenko. – Ele vai ficar lá por um tempo e depois será solto. Ele não é nenhum batedor de carteira, não é ladrão. É um jovem instruído. Hoje em dia estão prendendo todo mundo. Meu marido disse que muita gente honesta está sendo presa. Ele até chegou a sair no jornal. Ele é um famoso *udarnik*⁶².

⁶² *Udarnik* eram os trabalhadores que se destacavam, aqueles que mais produziam.

– *Udarnik*, até parece! Isso não passa de um disfarce, – disse Vália.

– Que carneirinho inocente você está parecendo, – retomou a enfermeira. – Não, você vai me desculpar, mas cá entre nós, ninguém vai parar na cadeia por nada. Pare com isso. Por que não vêm me prender então? E por quê? Porque eu sou uma mulher honesta, uma verdadeira soviética.

Sófia Petrovna ficou completamente congelada no banho. Tremendo toda, enxugou-se, vestiu o roupão e dirigiu-se para o seu quarto na ponta dos pés. Ela meteu-se debaixo das cobertas e colocou um travesseiro em cima das pernas. Mas a tremedeira não passou. Ela estava lá deitada, tremendo, olhando direto para frente na escuridão.

Durante a noite, lá pelas duas horas da madrugada, quando todos já estavam dormindo, ela se levantou, vestiu um casaco por cima da camisola e dirigiu-se à cozinha. Pegou seu querosene, seu primus, suas panelas e levou tudo para o seu quarto.

Só conseguiu pegar no sono quando estava amanhecendo.

12

No dia seguinte, Álik a esperava à porta da editora. Ele e Natasha não lhe disseram nada, para não preocupá-la à toa, desde cedo tinham estado na fila diante da procuradoria. Eles ficaram seis horas na fila revezando-se e há meia hora a moça do guichê disse a eles que o caso de Nikolai Lipátov estava com o procurador Tsvietkov. Então, eles pegaram um lugar na fila para Sófia Petróvna ver o procurador Tsvietkóv. Na sala número 7.

Álik tentou convencer Sófia Petrovna a passar em casa para lambiscar alguma coisa, mas ela estava com medo de perder o lugar na fila e saiu correndo, o mais rápido que podia. Ela ia salvar Kólia. A sorte dele dependia daquilo que ela ia dizer agora ao procurador. Caminhava ofegante, e durante a caminhada, ia preparando o que dizer. Contaria ao procurador que Kólia tinha entrado na *Komsomol* ainda pequeno, quase contra a vontade de sua mãe; como tinha sido um aluno aplicado tanto na escola como no instituto, que era estimado na fábrica, que tinha sido elogiado no *Pravda* pela Ts.O⁶³. Era um engenheiro admirável, um membro honesto da *Komsomol*, um filho atencioso. Como é possível uma pessoa dessas ser suspeita de sabotagem ou de atividades contrarrevolucionárias? Que bobagem, que suposição mais absurda! Ela, sua velha mãe, podia testemunhar diante dos juízes, que isso não era verdade.

Álik abriu a pesada porta e ela entrou.

Nos últimos meses, Sófia Petrovna tinha visto muitas filas, mas nenhuma como essa. As pessoas estavam em pé, sentadas, deitadas em todos os degraus,

⁶³ TsO: Organização Central do Partido.

em todos os patamares, nos parapeitos de todas as janelas de uma gigantesca escadaria de cinco andares. Não era possível subir essa escada sem pisar na mão ou na barriga de alguém. No corredor, perto do guichê e da porta da sala número 7, as pessoas estavam tão apertadas como dentro de um bonde. Esses eram os felizardos que já tinham passado pela espera na escada. Natasha estava lá, toda encolhida, encostada contra a parede, embaixo de um grande cartaz: “Icemos às alturas a bandeira da legalidade revolucionária”. Ao alcançá-la, Sófia Petrovna e Álik pararam e juntos recuperaram o fôlego. Álik tirou seus óculos suados e os secou com os dedos.

– Bem, eu estou indo, – disse imediatamente Natasha, – você está atrás dessa mulher.

Sófia Petrovna queria contar a Natasha sobre a reunião da véspera e, como ela tinha falado em sua defesa, mas as costas de Natasha já estavam longe, perto da escadaria.

– A coisa está feia para Natasha Sergéievna, – disse Álik, apontando o queixo em direção a Natasha, – não a pegam para trabalhar em lugar nenhum. Assim como eu.

De fato, Natasha já tivera tempo de passar em algumas repartições que precisavam de datilógrafas, mas, depois de se informarem em seu antigo trabalho, não a aceitavam em lugar algum. Álik também, logo que chegara, tinha passado num escritório de construção, mas ao saberem que ele tinha sido expulso da *Komsomol*, nem quiseram saber de conversa.

– Nosso passaporte está na lista negra⁶⁴, pelo que eu entendi. Que canalhas! Mas como, de repente, podem ter se juntado tantos canalhas num mesmo lugar? – disse Álik.

– Álik! – repreendeu-o Sófia Petrovna. – Como pode dizer isso? Olha que é por causa dessa truculência que excluíram você da *Komsomol*.

– Não foi por causa da truculência Sófia Petrovna, – respondeu Álik e seus lábios começaram a tremer, – mas porque eu não quis renegar Nikolai.

⁶⁴ Em russo *voltchii pasport*: era uma expressão usada na Rússia tsarista que referia-se a suspeitos de crimes contra o governo. Essas pessoas ficavam marcadas e sem possibilidade de conseguirem emprego. Do mesmo modo que os passaportes voltaram a ser usados na URSS e, esse tipo de controle também é recuperado no período soviético.

– Não, que nada, Álik, – disse com voz mansa Sófia Petrovna roçando sua manga. – Você ainda é jovem, garanto que você está enganado. É tudo uma questão de tato. Ontem na reunião eu defendi Natasha Sergéievna. E daí? Não me aconteceu nada. Acredite, essa história de Kólia está me martirizando. Eu sou a mãe dele. Mas eu entendo que isso é um mal entendido temporário, um exagero, um desajuste... É preciso ter paciência. E logo vem você com: patifes! Canalhas! Lembre-se daquilo que Kólia sempre dizia: ainda temos muitas imperfeições e burocracias.

Álik calou-se. Seu rosto se fixara numa expressão obstinada, irreduzível. Ele estava com a barba por fazer, magro, com olheiras. E seus olhos, por trás dos óculos, tinha uma expressão nova: concentrada e taciturna.

– Eu já apresentei um requerimento ao comitê regional. E se não me readmitirem, irei a Moscou. Diretamente para o comitê Central da *Komsomol*, – disse ele.

“Coitado! – pensou Sófia Petrovna. – Vai ser difícil para ele enquanto estiver sem trabalho. Na certa, sua tia, já deve estar reclamando”. E, Sófia Petrovna inclinando-se para Álik cochichou: “Quando libertarem Kólia, você será readmitido imediatamente”. – E sorriu para ele. Mas, Álik não lhe devolveu o sorriso.

A porta do procurador ainda estava longe. Sófia Petrovna fez a conta: umas quarenta pessoas. Entravam de dois em dois, pois na sala 7 havia não um, mas dois procuradores, e ainda sim a fila movia-se devagar. Ela examinava os rostos – parecia que já tinha visto antes a maioria dessas mulheres: na Shpalernaia, ou na Tchaikóvskii, ou ali na procuradoria mesmo, diante do guichê. Talvez, fossem as mesmas, ou, quem sabe, fossem outras. Todas as mulheres que faziam fila diante das prisões tinham algo comum em seus rostos: cansaço, resignação e, até mesmo, certa dissimulação. Muitas tinham em mãos um papel branco, Sófia Petrovna já sabia que isso era o *putiovka* para o exílio. Nessa fila, faziam-se ouvir, insistentemente três perguntas: “Você vai para onde?” ou “Quando você vai?” ou “Confiscaram seus bens?”

Sófia Petrovna encostou-se à parede e fechou os olhos por um instante. Que criatura desalmada, má e estúpida essa mulher do contador! Imaginar que Kólia era um sabotador! Afinal ela o conhece desde pequeno. Nunca mais, nunca mais, Sófia Petrovna cruzaria o limiar da cozinha, enquanto enfermeira não lhe pedisse desculpas. Dá para imaginar como ela ficaria envergonhada quando Kólia voltasse.

Sófia Petrovna contaria tudo a Kólia a respeito de seus maravilhosos amigos, Natasha e Álik (sem eles, ela jamais teria conseguido se arranjar com as filas) e a respeito dessa víbora, a mulher do contador. Para que ele soubesse como há canalhas na face da terra.

Ao abrir os olhos, Sófia Petrovna notou uma menina pequena acorada junto à parede. A menina estava com o casaco abotoado até o pescoço. “Como a gente acostumou-se a agasalhar sempre as crianças, – pensou Sófia Petrovna, – até mesmo no verão”. E de repente, olhando melhor, reconheceu a menina: era a filhinha do diretor Zakhárov. A menina esfregava as costas na parede e choramingava morta de calor. A mulher alta e esbelta com um casaco claro, atrás da qual Sófia Petrovna e Álik estavam fazia uma hora, era a mulher do diretor, claro, era ela!

– Ainda está inteira a cornetinha? – perguntou carinhosamente Sófia Petrovna, inclinando-se para a criança. – ou você já perdeu o pompom? Lembra-se de mim? Na festa de ano-novo? Deixa eu desabotoar sua gola.

A menina permanecia calada, fitando Sófia Petrovna com seus olhos redondos e puxando a mão da mãe.

– Que modos são esses? Responda à titia! – disse a mulher do diretor.

– Eu conhecia seu marido, – diz Sófia Petrovna voltando-se para ela. – Eu trabalho na editora.

– Ah! – disse a mulher do diretor e seus lábios se crisparam de dor. Ela tinha passado batom, mas ultrapassara o contorno dos lábios. Era sem dúvida uma mulher bonita, mas agora já não parecia a Sófia Petrovna tão elegante e jovem, como há seis meses antes, quando ela dava uma passadinha na editora para ver o marido e respondia amavelmente aos cumprimentos dos funcionários no corredor.

– E seu marido como vai? – informava-se Sófia Petrovna.

– Dez anos em campos distantes.

“Quer dizer que ele era mesmo culpado. Quem diria. Uma pessoa tão gentil”, - pensou Sófia Petrovna.

– E eu estou sendo mandada com ela para o Cazaquistão – para uma aldeia ou um *aui*⁶⁵ como eles lá... Partimos amanhã. Lá vou morrer de fome sem trabalho.

Falava em voz alta, com a voz cortante e todos se voltavam para ela.

⁶⁵ Aul eram aldeias no Cáucaso e na Ásia Central.

– E para onde enviarão seu marido? – perguntou Sófia Petrovna, para mudar de assunto.

– Como quer que eu saiba? Você acha que eles dizem?

– Mas como vocês depois... passado dez anos... quando ele for solto... irão encontrar-se? Você não saberá o endereço dele, e ele não saberá o seu.

– E você acha, – disse a mulher do diretor, – que sequer, alguma dessas mulheres, aqui – ela fez um gesto em direção à multidão de mulheres com *putiovka* –, sabem onde está o seu marido? O marido já foi levado, ou será levado amanhã, ou está sendo levado hoje, a mulher também irá para o quinto dos infernos e não tem a menor ideia de como vai encontrar seu marido depois. Como quer que eu saiba? Ninguém sabe de nada, eu menos ainda.

– É preciso insistir, – respondeu Sófia Petrovna com delicadeza. – Se aqui não dizem, é preciso escrever a Moscou, ou mesmo ir até Moscou. Senão como é que fica? Vocês se perderão de vista.

A mulher do diretor mediu-lhe com os olhos da cabeça aos pés.

– E você está aqui por quem? Seu marido? Seu filho? – perguntou ela com tamanha raiva que Sófia Petrovna aproximou-se instintivamente de Álik. – Pois bem, quando seu filho for deportado, você deverá insistir e procurar endereço dele.

– O meu filho não será deportado, – respondeu Sófia Petrovna com tom de escusa. – O fato é que ele não é culpado. Ele foi preso por engano.

– Há há há! – gargalhou a mulher do diretor, destacando claramente cada sílaba. – Há há há! Por engano! – e de repente as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. – Todos estão aqui por engano, você sabe... Mas fique quieta uma vez por todas! – gritou para a menina inclinando-se em sua direção para esconder as lágrimas.

Entre a porta e Sófia Petrovna estavam cinco pessoas. Sófia Petrovna repetia para si mesma as palavras que diria ao procurador. Ela pensava na mulher do diretor com uma piedade indulgente. Que belos maridos tinham elas! Eles causam a desgraça e as mulheres que sofressem por causa deles. Agora, estava de partida para o Cazaquistão com uma criança... E ainda por cima todas essas filas... Não há como manter o sangue frio.

– Sabe, eu vou entrar junto com você, – disse subitamente Álik. – Na qualidade de colega de trabalho e amigo. Vou contar ao camarada procurador, que Nikolai é uma pessoa de uma pureza cristalina, um bolchevique inflexível. Vou

contar a ele que a nossa fábrica adotou a engrenagem Fellow e que devemos isso exclusivamente à engenhosidade de Nikolai.

Mas, Sófia Petrovna não queria que Álik se encontrasse com procurador. Ela tinha medo de sua truculência: ia dizer desaforos, ia estragar tudo. Não, melhor que ela fosse sozinha. Ela convenceu Álik de que o procurador só recebia familiares.

Finalmente chegou a sua vez. A mulher do diretor abriu a porta e entrou. Atrás dela, Sófia Petrovna entrou com o coração na mão.

Numa grande sala vazia e mal iluminada, havia duas escrivaninhas encostadas junto às paredes, uma diante da outra, e diante delas duas poltronas surradas. À mesa à direita, achava-se um homem corpulento e branquelo de olhos azuis. À da mesa da esquerda, estava um corcunda. A mulher do diretor e sua filha aproximaram-se do branquelo, Sófia Petrovna do corcunda. Ela já ouvira falar nas filas, há muito tempo, que o procurador Tsvetkóv era corcunda.

Tsvetkóv falava ao telefone. Sófia Petrovna deixou-se cair na poltrona.

Tsvetkóv era de baixa estatura, magro e usava um terno azul marinho ensebado. Sua cabeça era pontuda e a corcunda grande, arredondada. Seu punho e seus longos dedos eram cobertos de pelos escuros. Ele segurava o fone não exatamente como um ser humano, mas à maneira de um macaco. De um modo geral, Sófia Petrovna achou que ele parecia de tal modo com um macaco que ela sem querer pensou: se lhe der uma coceira atrás da orelha, certamente, a de se coçar com os pés.

– Fiódorov? – gritava Tsvietkóv ao telefone com uma voz rouca. – É o Tsvietkóv, bom dia. Diga a Panteléiev, que eu já despachei tudo. Que me mande alguém. O que? Estou dizendo – que me mande alguém!

Na outra mesa, o homem corpulento e branquelo com olhos azuis de boneca de porcelana e mãos femininas, pequenas e roliças, falava educadamente com a mulher do diretor.

– Peço para ser mandada para uma cidade qualquer no lugar de uma aldeia, – dizia ela com a voz entrecortada, estava em pé diante da mesa segurando a filha pela mão. – Na aldeia eu não encontrarei trabalho. Não terei como sustentar minha filha e minha mãe. Sou estenógrafa de profissão. Para uma estenógrafa não há o que fazer numa aldeia. Eu solicito ser enviada para uma cidade e não para uma aldeia, mesmo que seja no – como é mesmo? – Cazaquistão.

– Sente-se, cidadã, – disse-lhe o branquelo gentilmente.

– O que deseja? – Tsvetkóv perguntou a Sófia Petrovna, colocando o fone no gancho e olhando para Sófia Petrovna com seus pequenos olhos negros.

– Vim saber do meu filho. O sobrenome dele é Lipátov. Ele foi preso por um mal entendido, por engano. Disseram-me que o caso dele está com o senhor.

– Lipátov? – repetiu Tsvetkóv, tentando se lembrar. – dez anos em ⁶⁶campos distantes. (E ele tornou a tirar o fone do gancho.) – Grupo A? 244-16.

– Como? Então ele já foi julgado?⁶⁷ – gritou Sófia Petrovna.

– 244-16? Chama Morózova.

Sófia Petrovna calou-se, com a mão no peito. Seu coração batia devagar, a longos espaços e forte. A batida ressoava nos ouvidos e nas têmporas. Sófia Petrovna resolveu esperar até que Tsvetkóv acabasse, por fim, de falar ao telefone. Ela contemplava assustada suas mãos peludas e compridas, sua corcunda coberta de caspas, seu rosto amarelo e mal barbeado. Paciência, paciência. E ouvia seu próprio coração bater nas têmporas e nos ouvidos.

E à mesa oposta, o procurador branquelo dizia mansamente à mulher do diretor:

– Está se afligindo à toa, cidadã. Sente-se, por favor. Como representante da lei, é meu dever lembrá-la que a grande Constituição de Stálin⁶⁸ garante o direito ao trabalho a todos, sem distinção. Visto que, ninguém a está privando de seus direitos civis, seu direito ao trabalho está garantido, onde quer que vá viver.

A mulher do diretor levantou-se bruscamente e dirigiu-se à porta. A menina corria atrás dela com passinhos curtos e desiguais.

– Você ainda está aqui? O que você quer? –perguntou com grosseria Tsvietkóv, pondo, por fim, o fone no gancho.

– Eu queria saber, o que meu filho poderia ter feito para ser culpado, – perguntou Sófia Petrovna juntando todas as suas forças para que sua voz não tremesse. – ele sempre foi um *komsomólets* impecável, um cidadão honesto...

⁶⁶ *Morózova*: o nome vem de *moroz*: gelo, frio intenso, aqui há humor negro em relação a Kólia que foi mandado para um campo distante, um *Gulag*.

⁶⁷ Em 1937, as tróikas, que foram usada durante a guerra civil, são reestabelecidas para que não houvesse o procedimento judicial de praxe. Eram formadas por um secretário do Partido local, um procurador e um chefe do NKVD

⁶⁸ Constituição de Stálin: refere-se à Constituição da URSS promulgada por Stálin em 1936. Os direitos dos cidadãos que asseguram emprego está no cap. X – artigo 11, e os direitos da mulher: cap. X - art. 122.

– Seu filho confessou seus crimes. O inquérito tem a assinatura dele. Ele é um terrorista e participou de um ato terrorista. Você entendeu?

Tsvietkóv abria e fechava as gavetas de sua escrivaninha. Puxando-as para fora e batendo-as ao fechar. As gavetas estavam vazias.

Sófia Petrovna tentava desesperadamente lembrar: o que ainda queria a dizer? Mas ela tinha esquecido tudo. E nesta sala, diante desse homem, todas as palavras eram inúteis. Ela levantou-se e dirigiu-se vacilante à porta.

– Como eu faço agora para saber onde ele está? – perguntou ela à porta.

– Isso não é comigo.

O fiel Álik a esperava no corredor. Sem abrir a boca, eles abriram caminho em meio à multidão do corredor, depois da escadaria. Sem abrir a boca, saíram à rua. Na rua, os bondes tilintavam, o sol brilhava, os transeuntes se empurravam. O dia sufocante de verão ainda estava longe de acabar.

– E então Sófia Petrovna? – perguntou Álik aflito.

– Condenado. Dez anos num campo distante.

– Você está brincando! – gritou Álik. – Por que motivo?

– Participação num ato terrorista.

– Kólia – num ato terrorista?! Que delírio!

– O procurador disse: ele mesmo confessou. No inquérito tem a sua assinatura.

As lágrimas roíam copiosamente pelas faces de Sófia Petrovna. Ela deteve-se junto a um muro segurando-se numa calha.

– Kólka Lipátov um terrorista! – falava Álik com a voz estrangulada. – Canalhas, mas que canalhas! Mas isso é para morrer de rir! Sabe de uma coisa Sófia Petrovna, eu comecei a pensar assim: tudo isso é uma enorme sabotagem. Os sabotadores infiltraram-se no NKVD e de lá comandam tudo. Eles é que são os inimigos do povo.

– Mas, Kólia confessou, Álik, ele confessou, entenda Álik, ele confessou... – dizia chorando Sófia Petrovna.

Álik tomou firmemente o braço de Sófia Petrovna e levou-a para casa. À porta do apartamento, ela parou e enquanto ela procurava a chave dentro da bolsa, ele recomeçou:

– Kólia não tem nada a confessar, por acaso você está duvidando, ou o que? Não estou entendendo mais nada, absolutamente nada. Agora só queria uma coisa:

ter uma conversa cara a cara com o camarada Stálin Que ele me explique o que acha de tudo isso.

13

Sófia Petrovna passou a noite inteira deitada de olhos abertos. Quantas noites sem fim e sem fundo tinha passado assim desde a prisão de Kólia? Ela já sabia tudo de cor: o arrastar das solas de sapato embaixo da janela em pleno verão, os gritos na cervejaria vizinha, o estertores dos bondes, depois, um silêncio breve, uma breve escuridão e, já deslizava pela janela a aurora branca, começava um novo dia, um dia sem Kólia. Onde estava Kólia agora, dormindo em que lugar, pensando em que, onde estava, com quem estava? Sófia Petrovna não duvidava nem por um segundo de sua inocência; um ato terrorista? Delírio! – como dizia Álik. Ele deve ter caído nas mãos de um investigador excessivamente zeloso que o tinha enredado e feito perder o rumo. E Kólia não soubera se justificar, ele era tão novo ainda! De manhã, quando novamente raiou o dia, Sófia Petrovna lembrou, finalmente, a palavra que tentara lembrar toda a noite: álibi. Ela tinha lido em algum lugar a respeito disso. Ele simplesmente não tinha conseguido provar seu álibi.

Nas primeiras horas de trabalho ela se sentiu um pouco melhor. O sol brilhava, e a poeira turbilhonava numa réstia de sol, e as máquinas martelavam ativamente e no intervalo, as datilógrafas desciam correndo para rua e depois chupavam intermináveis picolés de nata – tudo era tão familiar... dez anos! De dia à luz do sol, começava a ficar claro que tudo aquilo era um disparate! Ela ficaria dez anos sem ver Kólia! E por que isso? Que absurdo! Não podia ser. Um belo dia, muito em breve, tudo voltaria a ser como antes: Kólia estaria em casa, discutiria, como antes, com Álik sobre carros e locomotivas e faria desenhos; só que dessa vez, por

nada no mundo ela o deixaria ir a Sverdlovsk. Podia muito bem arranjar-se em Leningrado.

No intervalo, ela saiu para dar uma volta no corredor, temia adormecer sentada. No corredor, havia um novo jornal mural. Os funcionários amontoavam-se diante dele. Sófia Petrovna aproximou-se também para ler. Era um exemplar grande, bem feito, com manchetes em grandes letras vermelhas e retratos de Lenin e Stálin dos dois lados do título vermelho vivo “Nosso Rota”⁶⁹. Sófia Petrovna aproximou-se do jornal. “Como foi possível, durante cinco anos, sabotadores terem levado a cabo seus negócios imundos bem diante do nariz das organizações soviéticas?” – leu ela. Era o editorial de Timoféiev. Na coluna ao lado começava o artigo da *predmestkom*. Anna Grigórievna criticava ferinamente Timoféiev pela falta de autocrítica⁷⁰ durante sua fala na reunião. Se o coletivo deixava passar sabotagem, o primeiro que deveria responder a isso era o camarada Timoféiev, o *ex-partog*. Mesmo porque, como se verificara, ele já tinha recebido sinais enviados pela base: com sua intuição proletária, a camarada Ivánovna tinha desconfiado da secretária e o alertara disso. Sófia Petrovna passou à coluna seguinte. E, antes mesmo de ter compreendido o que lia, sentiu um calor no peito. O artigo falava dela, Sófia Petrovna, e de sua intervenção em defesa de Natasha. O autor, oculto sob o pseudônimo de X escrevia:

Na reunião, ocorreu um fato revoltante, que em nossa opinião, não suscitou as devidas reações. A camarada Lipátova fez da sua intervenção um verdadeiro discurso de advogado; e quem ela considerou necessário defender? Frolenko, filha de coronel, que se permitiu um grosseiro ataque antissoviético contra o nosso amado Exército Vermelho de operários e camponeses. É notório, que a camarada Lipátova protegia constantemente Frolenko, dando-lhe trabalhos extras, indo com ela ao cinema e assim por diante. Agora, que a editora deve juntar todas as forças de seus funcionários honestos, de seus bolcheviques, membros do partido ou não, a fim de liquidar o quanto antes as consequências da “gestão” Gerásimov – Zakhárov & Co, é admissível que neste instante crucial encontra-se ainda indivíduos desse tipo nas fileiras dos funcionários da editora? Icemos a bandeira da vigilância

⁶⁹ Jornal mural era comum nas instituições de trabalho da URSS, informava as metas, as resoluções, cartas abertas e artigos dos funcionários.

⁷⁰ Autocrítica era um costume constante, dos membros do Partido, em relação ao trabalho, entretanto, no período stalinista esse exercício era perigoso, pois a autocrítica poderia ser entendida como crítica ao poder soviético, sendo possível a condenação por inimigo do povo.

bolchevique, como nos ensina o genial guia de todos os povos o camarada Stálin! Eliminemos pela raiz todos os sabotadores visíveis ou ocultos e todos aqueles que demonstrem simpatia com eles!

Soou o sinal, indicando o final do intervalo de almoço. Sófia Petrovna voltou para sua seção. Como é que ela não tinha notado antes que hoje todos olhavam para ela de um modo diferente?

Voltando para casa, ela afundou a cabeça no travesseiro, seu último refúgio. E o sono fechou-lhe imediatamente os olhos. Dormiu por muito tempo, e sonhou com Kólia. Ele usava um suéter cinza felpudo. Ele prendia os patins nas botas. E depois, inclinando-se para frente, ele patinava pelo corredor da editora. Quando ela acordou, o crepúsculo azulava à janela e, no quarto, a luz estava acesa. Ao lado da mesa, Natasha costurava. Pelo visto, fazia tempo que ela estava lá costurando.

– Sente-se aqui, mais perto, – disse Sófia Petrovna com a voz fraca, lambendo os lábios que tinha um gosto ruim depois do sono em pleno dia.

Natasha aproximou obedientemente sua cadeira da cabeceira da cama e sentou-se.

– Sabe, Kólia foi sentenciado há dez anos. Álik, com certeza, já deve ter lhe contado?

Natasha assentiu com a cabeça.

– Ah, sim, sabe? – lembrou-se Sófia Petrovna. – Publicaram a meu respeito no jornal mural, que eu defendo sabotadores e que lá não é meu lugar...

– Álik foi preso. Esta noite, – respondeu Natasha.

14

Quando Sófia Petrovna não dormia à noite, todas as horas e minutos do dia pareciam-lhe exatamente iguais. A luz feriam seus olhos, sentia dor nas pernas e no peito. Mas se à noite ela conseguisse adormecer, o pior instante, era incontestavelmente aquele que seguia o despertar. Depois de abrir os olhos, ver a janela, aos pés da cama, seu vestido na cadeira, no primeiro momento ela não pensava em nada, apenas nesses objetos. Reconhecia-os: a janela, a cadeira, o vestido. Mas, no minuto seguinte, em algum lugar de seu peito apareceria uma aflição, semelhante a uma dor, e através da névoa dessa dor, ela de repente lembrava-se de tudo num átimo: Kólia estava condenado há dez anos, Natasha tinha sido demitida, Álik estava preso, tinham escrito que ela simpatizava com sabotadores. Ah, e ainda por cima: o querosene.

No trabalho, ela não conversava com ninguém mais. Até os papéis que lhe eram trazidos para datilografar, ela os depositava diante das datilógrafas sem abrir a boca. E ninguém conversava com ela. Sentada a sua mesa na seção, ela perscrutava os rostos das datilógrafas, tentando adivinhar: quem poderia ter escrito sobre ela no jornal? Só poderia ter sido Erna Semenóvna. Mas será que ela sabia escrever de modo tão fluente? E quando é que ela tinha me visto no cinema com a Natasha? Ela nunca tinha sido vista.

Um dia, perambulando tristemente pelo corredor, ela por pouco não trombava com Natasha. Natasha avançava feito uma sonâmbula como se andasse no escuro.

– Natasha, o que você faz aqui? – perguntou Sófia Petrovna assustada.

– Eu li o jornal. Não converse comigo. Eles podem ver – respondeu-lhe Natasha.

À noite, ela deu uma passada no quarto de Sófia Petrovna. Agora, ela parecia agitada, falava sem parar, pulando de um assunto a outro. Sófia Petrovna nunca tinha ouvido Natasha falar tanto. E dessa vez ela não costurou nem bordou.

– Na sua opinião, Kólia ainda está aqui, na cidade, ou já está longe? – perguntou ela de repente.

– Não sei Natasha, – respondeu Sófia Petrovna com um suspiro. – O dia dele na Shpalernaia é vinte e ainda estamos no dia dez.

– Não, não é disso que estou falando. O que você está sentindo? – Natasha fez um gesto no ar. – Ele ainda está aqui, perto de nós, ou já está longe? Eu acho que está longe. Ontem, de repente, eu senti: agora ele já está longe. Não está mais aqui... E sabe de uma coisa, Sófia Petrovna, a ascensorista recusou-se a me levar no elevador. “Eu não sou obrigada a levar ninguém para cima...” Sófia Petrovna, é indispensável que você saia da editora agora mesmo, amanhã sem falta. Prometa que vai sair. Querida, prometa! Amanhã, está bem?

Natasha ajoelhou-se no sofá onde estava sentada Sófia Petrovna e juntou as mãos em súplica. Depois ela sentou-se à mesa, agarrou uma caneta e ela mesma escreveu uma carta de demissão em nome de Sófia Petrovna. Ela convenceu Sófia Petrovna que era indispensável que saísse por vontade própria, senão seria demitida, com certeza, por sua ligação com sabotadores, ou seja, “comigo” – disse Natasha sorrindo com os lábios descarnados, - e daí ela não seria mais aceita em nenhum outro trabalho. Sófia Petrovna assinou a carta. Ela mesma já tinha pensado em sair. Dava medo ficar na editora. Só de ver o manco Timoféiev com o seu molho de chaves, ela sentia arrepios.

– Não vou conseguir trabalhar em Leningrado, – disse ela tristemente. – Eu serei deportada. Todas as esposas e mães são deportadas.

– O que você acha, - perguntou Natasha, pegando um livro da estante e recolocando imediatamente no lugar. Como se explica que Kólia tenha confessado? É possível embrulhar, confundir uma pessoa, – eu admito, – mas só nos detalhes. Como foi possível confundir Kólia de tal modo que ele confessasse um crime que jamais cometeu? Isso, por mais que faça, eu não consigo entender. E por que todos eles confessam? Pois dizem todas as esposas que seus maridos confessaram... Foram todos embrulhados?

– Ele apenas não conseguiu provar seu álibi, – disse Sófia Petrovna. Você está se esquecendo, Natasha, de que ele ainda é jovem.

– E por que Álik foi preso?

– Ah, Natasha, você não sabe como ele estava sendo truculento na fila. Eu agora sei que a língua dele foi a desgraça de Kólia.

Natasha arrumou-se para ir embora. Ao despedir-se ela abraçou Sófia Petrovna com ímpeto.

– O que você tem hoje? – perguntou Sófia Petrovna.

– Nada... Fique sentada, não levante, não precisa! Como você é parecida com Kólia, aliás, quer dizer, como ele se parece com você... Vai entregar a carta de demissão amanhã mesmo, não é? Não vai mudar de ideia? – perguntava ela olhando Sófia Petrovna nos olhos. – E depois, não esqueça que 30 é “F”, é necessário levar dinheiro para o Álik, ele não tem um tostão, e a tia vai ter medo de entregar... E depois, querida, eu lhe imploro, vá ao médico! Eu imploro! Você está com uma aparência terrível!

– Pouco me importa um médico... Kólia, – disse Sófia Petrovna e baixou os olhos cheios de lágrimas.

Na manhã do dia seguinte, ela entrou no gabinete do diretor e em silêncio colocou a carta de demissão em cima do vidro que cobria a mesa. Timoféiev leu-a e, em silêncio ele também assentiu com a cabeça. Sua demissão foi formalizada com uma rapidez incomum. Em duas horas, o ofício já estava fixado na parede. E, em três horas, o polido contador entregou o seu pagamento completo. “Está nos deixando? Ai, ai, ai, isso não é nada bom! Veja lá, dê uma passada aqui, não esqueça os velhos amigos.”

Pela última vez ela passava por aquele corredor. “Até logo”, – disse ela às datilógrafas depois da campainha, quando todas recolocavam as capas das suas “*underwood*”. “Tudo de bom!” – responderam todas em coro, como tinham recentemente feito para Natasha e uma delas chegou até a se aproximar de Sófia Petrovna e apertar fortemente sua mão. Sófia Petrovna ficou comovida: que moça corajosa e nobre! “Boa sorte!” – gritou alegremente, por fim, Erna Seménovna e Sófia Petrovna não teve mais dúvida de que tinha sido ela que escrevera o artigo e ninguém mais.

Ela saiu à rua, no barulho e no estrondo do verão. E assim o trabalho estava encerrado; encerrado para sempre. Ela estava voltando para casa, mas decidiu

passar para ver Natasha. Em todas as esquinas havia meninos descalços segurando nas mãos suadas maços de campânulas de margaridas. Tudo ia bem, até flores vendiam. Mas, como Kólia estava na prisão, ou a caminho de algum lugar ouvindo o barulho das rodas, o mundo tinha se tornado incompreensível desprovido de sentido.

Depois de subir – Meu Deus, cada dia ficava mais difícil subir escadas! –até ao quarto andar ela tocou a campainha. Uma mulher abriu a porta, a vizinha de Natasha, que estava enxugando as mãos molhadas no avental.

– Natasha Sergéievna foi levada ao hospital de manhã, – disse a mulher sussurrando. – Ela se envenenou. Com *veronal*. Para o Metchnikov.

Sófia Petrovna recuou dela. A mulher bateu a porta.

O bonde 17 estava demorando a passar. Já tinha passado duas vezes o 9, e duas vezes o 22, mas o 17 não tinha passado⁷¹. Depois o 17 foi bem devagar pelo caminho, parando em cada sinal. Sófia Petrovna estava em pé. Todos os lugares estavam ocupados, até os reservados para mães com bebês, e quando a nona mulher subiu com um bebê ninguém lhe cedeu o lugar. – Logo elas vão tomar todo o bonde! – gritou uma velhota de bengala. – vão para tudo quanto é lado! A gente carregava as crianças no colo. Ninguém vai morrer por isso.

Os joelhos de Sófia Petrovna tremiam por causa do medo, do calor, do grito irritado da velha. Finalmente ela desceu. Por alguma razão, não duvidava de que Natasha já estivesse morta. O hospital resplandecia diante dela com todas as suas vidraças limpas. Ela entrou no vestibulo branco e arejado. Perto do guichê de informação havia uma fila: três pessoas. Sófia Petrovna não ousou passar na frente de todo mundo. As informações eram dadas por uma enfermeira bonita com uniforme branco. Ao lado dela, diante do telefone, havia um copo com um maço de campânulas.

– Alô, alô! – pôs-se ela a gritar ao telefone depois ouvir a pergunta de Sófia Petrovna. – terapia número dois? – e depois recolocando o fone no gancho; – Frolenko, Natália Sergéievna faleceu às quatro horas da manhã de hoje, sem

⁷¹ Segundo informações da Electrotrans de São Petersburgo, os bondes, em 1937, havia em Leningrado uma frota de 2.350 bondes, entretanto, os diversos problemas de manutenção impedia a circulação completa dos carros, chegando a circular apenas 20%. Desse modo, os bondes eram superlotados e havia longa espera nos pontos de embarque.

recuperar a consciência. Você é parente? Você pode pegar uma autorização para o necrotério.

15

Na noite do dia dezenove, vestindo seu casaco de outono e suas galochas, Sófia Petrovna pegou a fila no cais. Pela primeira vez ela teria que passar a noite inteira em pé sem ser substituída: quem se preocuparia com ela agora? Não havia mais nem Natasha nem Álik.

Sófia Petrovna tinha acompanhado sozinha o caixão de pinho barato de Natasha por toda a cidade até o cemitério. Naquele dia, tinha chovido por muito tempo e, a roda grande da carroça espirrava lama em seu rosto.

Natasha jazia numa cova, na terra amarela, não muito longe de Fiódor Ivánovitch. Mas onde estavam Álik e Kólia? Isso ela não conseguia entender.

Ela permaneceu em pé a noite toda no cais, encostada do parapeito gelado. Um frio úmido subia do Nevá. Pela primeira vez na vida, Sófia Petrovna viu o sol nascer. Ele nasceu em algum lugar além do Okhtá e pequenas ondas puseram-se a correr no rio, como se acariciasse a contra pelo.

De manhã, as pernas de Sófia Petrovna tinham se entorpecido de cansaço, ela não as sentia em absoluto, e quando às nove horas a multidão saiu em disparada para as portas da prisão, Sófia Petrovna não tinha forças para correr: suas pernas estavam pesadas, tinha impressão de que era preciso levantá-las com as próprias mãos para movê-las do lugar.

Dessa vez seu número era o 53. Dali a duas horas ela empurrava o dinheiro guichê adentro e dizia o sobrenome. O homem corpulento e sonado deu uma olhada numa ficha e ao invés do seu habitual: “Ele não tem direito”, respondeu: “deportado”.

Depois da conversa com Tsvietkóv, Sófia Petrovna estava preparada para esta resposta, e apesar disso ela ficou aturdida.

- Para onde? – perguntou ela pasma.

- Ele mesmo irá escrever-lhe... Seguinte!

Ela voltou para casa a pé, pois ficar em pé esperando o bonde era pior do que andar. O ar estava quente, ela desabotoou seu casaco pesado e desenrolou seu xale. Parecia que os transeuntes haviam desaprendido andar: eles a atropelavam por todos os lados.

Kólia ia escrever-lhe. Ela novamente receberia uma carta, como outrora de Sverdlovsk. Uma vez dito no guichê que ele escreveria, então escreveria.

Nos dias seguintes, sem tomar o desjejum, sem arrumar a cama, Sófia Petrovna partia logo de manhã para procurar trabalho. Nos jornais, havia vários anúncios: “Precisa-se de datilógrafa”. Suas pernas pareciam chumbo, mas ela ia docilmente todos os dias a todos os endereços indicados. Em todos os lugares faziam-lhe a mesmíssima pergunta: “Você tem reprimidos na sua família?” Na primeira vez ela não tinha entendido. “Parentes presos”, - explicaram-lhe. Ela teve medo de mentir. “Meu filho”, - disse ela. Verificou-se então, que naquela instituição pública não havia nenhuma vaga. E para Sófia Petrovna não havia vagas em lugar nenhum.

Agora, ela tinha medo de tudo e de todos. Ela tinha medo do porteiro, que olhava para ela com indiferença, e ao mesmo tempo com seriedade. Ela tinha medo do zelador que parou de cumprimentá-la. (Ela não era mais a representante do apartamento, em seu lugar estava a mulher do contador). Ela tinha um medo danado da mulher do contador. Ela tinha medo de Vália. Ela tinha medo de passar diante da editora. Ao voltar para casa, depois de suas tentativas inúteis para arranjar trabalho, ela tinha medo de olhar para mesa de seu quarto: quem sabe já não estaria lá uma notificação da polícia? Ela já estaria sendo intimada pela polícia para confiscarem seu passaporte e a mandarem para o exílio? Ela tinha medo cada vez que tocavam a campainha: não estariam vindo confiscar seus bens?

Ela tinha medo de mandar dinheiro a Álik. Quando à noite, às vésperas do dia 30, ela fora se arrastando para a fila, Kiparíssova aproximou-se dela. Kiparíssova ia não apenas no seu dia, mas todos os dias para se inteirar com as mulheres das novidades: Quem tinha sido deportado? Quem ainda continuava lá? Os horários não tinham mudado de repente?

– Você está fazendo isso em vão, completamente em vão! – cochichou Kiparíssova no ouvido de Sófia Petrovna quando esta lhe contou para que viera. – O caso do seu filho será ligado ao caso do amigo, e aí é que a coisa vai ficar feia. O artigo 58 - 11, organização contrarrevolucionária... Não entendo porque você precisa disso!

– Mas eles não perguntam quem está mandando o dinheiro, – replicou timidamente Sófia Petrovna. – Só perguntam para quem.

Kiparíssova pegou-a pelo braço e afastou-a das outras pessoas.

– Eles não precisam perguntar, – cochichou ela. – Eles sabem de tudo.

Seus olhos eram enormes, castanhos e insones.

Sófia Petrovna voltou para casa.

No dia seguinte, ela não saiu da cama. Não tinha por que levantar. Não queria se trocar, não queria colocar as meias e tirar as pernas da cama. A desordem no quarto, a poeira não a incomodava. Que importa! Ela não sentia fome. Ficou deitada na cama, sem pensar em nada, sem ler nada. Fazia tempo que ela não pegava um romance para ler: ela não conseguiu nem por um segundo desligar-se de sua vida e concentrar-se na vida alheia. Os jornais inspiravam-lhe um pavor obscuro: cada palavra contida neles parecia-se com aquele jornal mural “Nosso Caminho”... De vez em quando, ela levantava o cobertor e o lençol e olhava para suas pernas: enormes, inchados como se tivessem cheias d’água.

Quando a luz sumiu da parede e começou a noite, ela se lembrou da carta de Natasha. Ela continuava embaixo de seu travesseiro. Sófia Petrovna sentiu vontade de relê-la e, apoiando-se no cotovelo, ela a tirou-a do envelope:

“Querida Sófia Petrovna! – começava a carta. – Não chore a minha morte, de qualquer forma, ninguém precisa de mim. Estou melhor assim. Talvez tudo se arranje de uma maneira melhor e em breve, e Kólia retorne para casa, mas eu não tenho forças até que as coisas se arranjem. Eu não consigo entender o que está acontecendo com poder soviético. Mas você deve continuar viva, minha querida, vai chegar o momento em que poderá enviar coisas, ele precisará de você. Envie-lhe conservas de carne de caranguejo, ele gostava muito. Beijo-a com muito afeto e agradeço por tudo e pelas palavras de apoio na reunião. Sinto muito por tudo que a estou fazendo você passar. Que a minha toalha fique na sua mesa e fique de recordação. Você se lembra de quando nós íamos ao cinema juntas? Quando Kólia

voltar, coloque a minha toalha na mesa para ele, escolhi cores alegres. Diga-lhe que eu nunca acreditei no mal que diziam dele.”

Sófia Petrovna tornou a colocar a carta embaixo do travesseiro. Mas não deveria rasgá-la? Nela, Natasha fala sobre o momento atual do poder soviético. E se achassem essa carta? Então eles ligariam o caso de Kólia com Natasha... Ou talvez, deva guardá-la? Afinal, Natasha já tinha morrido.

16

Passaram-se três meses, depois mais três; tinha chegado o inverno, janeiro, o aniversário da prisão de Kólia. Depois de alguns meses seria o aniversário da prisão de Álik e em seguida o aniversário da morte de Natasha.

No dia da morte de Natasha, Sófia Petrovna iria até seu túmulo. Mas, no aniversário da prisão de Kólia, ela não teria aonde ir. Não sabia onde ele estava.

Não havia cartas de Kólia. Sófia Petróvna conferia a caixa de correio, cinco, dez vezes ao dia. Mas na caixa, às vezes, havia jornais da esposa do contador ou cartão postal para Vália, de seus muitos namorados, mas carta para Sófia Petrovna ainda não havia.

Já fazia mais de um ano que ela não sabia onde ele estava e o que tinha acontecido com ele. Será que não teria morrido? Quem poderia imaginar que um dia ela não saberia mais se Kólia estava vivo ou morto?

Ela estava trabalhando novamente. Só não caiu morta de fome, por causa do artigo de Koltsóv⁷² no *Pravda*. Alguns dias depois desse artigo – um artigo admirável sobre os caluniadores e aqueles que evitavam assumir qualquer responsabilidade, que prejudicavam gratuitamente cidadãos soviéticos honestos – Sófia Petrovna foi aceita para um trabalho numa biblioteca: não como efetiva, é verdade e, sim como

⁷² Koltsóv: Mikhail Koltsóv (1898 – 1940): membro do Partido e bolchevique convicto foi um dos jornalistas mais famosos e respeitados na URSS nos anos vinte e trinta. Escreveu ensaios satíricos e artigos, nos quais criticava determinados aspectos da sociedade soviética, como a burocracia. Koltsóv fundou revistas que se tornaram famosas na época: [Krokodil](#), *Tchudak* e *Ogonyok*. Foi membro editorial do *Pravda* e correspondente na Espanha durante a Guerra Civil Espanhola; trabalhando, também, para o NKVD e considerado o repórter chefe de Stálin. Em 1938, é preso pelo NKVD e fuzilado em 1940. Koltsóv foi reabilitado em 1953.

temporária, mas de qualquer modo tinha sido aceita. Ela devia preencher fichas de consulta com uma caligrafia típica de biblioteca: quatro horas por dia, cento e vinte rublos por mês. Em seu novo trabalho Sófia Petróvna não só não falava com ninguém, como também nem sequer dava bom dia ou até logo às pessoas. Ficava curvada sobre sua mesa coberta de livros, com seus óculos e seus cabelos curtos completamente grisalhos que lhe caíam nos olhos, ela permanecia sentada durante as quatro horas, depois se levantava, empilhava as fichas, pegava a bengala com ponta de borracha que sempre ficava ao lado sua cadeira, trancava as fichas no armário e saía devagar sem olhar para ninguém.

Uma pilha inteira de caranguejo enlatado já estava se acumulando no parapeito da janela do quarto de Sófia Petrovna, os grãos de cereais rangiam sob seus pés, e mesmo assim, diariamente depois do trabalho, ela ia comprar mais e mais produtos. Ela comprava conservas, manteiga cozida, maçã desidratada, toucinho, tudo isso havia nas lojas em profusão, mas enfim, quando Kólia enviasse sua carta, uma coisa ou outra poderia justamente vir a faltar. Às vezes, de manhã bem cedo, antes do trabalho, Sófia Petrovna ia dar uma volta no canal Obvódni até o mercado das pulgas. Barganhando ferozmente, ela tinha comprado um gorro com orelheiras e meias de lã. À noite, sentado em seu quarto em desordem e não aquecido, ela costurava sacos grandes e pequenos feitos de trapos velhos. Eles seriam necessários, quando ela tivesse que embalar as remessas. Embaixo da cama sobressaíam caixas de madeira compensada de diferentes tamanhos.

Agora, ela não comia praticamente mais nada, só tomava chá com pão. Não tinha vontade de comer e, ademais, não tinha dinheiro. Os produtos para a remessa tinham custado caro. Para economizar, ela aquecia seu quarto só uma vez por semana. E por isso, ficava em casa com um velho casaco de verão e regatos. Quando ela sentia muito frio, metia-se na cama. No quarto, sem aquecimento, não havia por que fazer faxina nesse lugar gélido, de qualquer modo, ali fazia frio e era desconfortável, e Sófia Petrovna não varria mais o chão e só tirava o pó dos livros de Kólia, do rádio e da engrenagem.

Deitada em sua cama, ela ficava pensando em sua próxima carta ao camarada Stálin. Desde que Kólia tinha sido levado, ela já escrevera três cartas ao camarada Stálin. Na primeira, ela pedia que o caso de Kólia fosse revisto e sua prisão relaxada porque ele não era culpado de coisa alguma. Na segunda, ela pedia que informassem seu paradeiro para que pudesse ir até lá e revê-lo mais uma vez

antes de morrer. Na terceira, ela implorava que dissesse apenas uma coisa: se ele estava vivo ou morto? Mas não houve resposta. A primeira carta ela tinha simplesmente colocado na caixa do correio, a segunda ela enviou registrada, e a terceira teve aviso de recebimento. O aviso de recebimento tinha voltado para ela dali alguns dias. No espaço “assinatura do destinatário” estava escrito algo ilegível com letra minúscula: “...erian”.

Quem era esse Erian? E ele teria dado essa carta a Stálin? Afinal, no envelope estava escrito: “Em mãos. Confidencial”.

Uma vez a cada três meses, Sófia Petrovna ia regularmente a um escritório de advocacia. Era agradável conversar com os advogados, não se comparavam com os promotores. Lá também havia uma fila, mas era insignificante, não mais que uma hora. Sófia Petrovna esperava pacientemente, sentada numa cadeira no corredor, apoiando ambas as mãos e o queixo em sua bengala. Mas, ela esperava em vão. Por mais que ela se dirigisse aos advogados, cada um deles explicava-lhe educadamente, que não havia como ajudar seu filho, infelizmente, impossível. Mas, se seu caso tivesse ido para num tribunal, teria sido diferente...

Um dia, exatamente um ano, um mês e onze dias após a prisão de Kólia, Kiparíssova entrou no quarto de Sófia Petrovna. Ela entrou sem bater e, ofegando muito, deixou-se cair na cadeira. Sófia Petrovna olhou para ela com espanto: Kiparíssova tinha medo de que o caso de Ivan Ignátevitch pudesse ser ligado com o de Kólia, e por isso ela nunca tinha feito uma visita a Sófia Petrovna. E de repente, tinha vindo e estava ali sentada.

– Estão soltando, – disse ela com a voz rouca, – estão soltando as pessoas. Agora mesmo, na fila, eu vi com meus próprios olhos: um dos libertados tinha vindo pegar seus documentos. Não estava magro, apenas o seu rosto estava muito pálido. Todos nós o rodeamos e perguntamos: Então, como foi lá? Tudo bem, disse ele.

Kiparíssova olhava para Sófia Petrovna. Sófia Petrovna olhava para Kiparíssova.

– Bem, vou indo. - Kiparíssova levantou-se. – Tenho um lugar guardado na fila da procuradoria. Não me acompanhe, por favor, para que ninguém nos veja juntas no corredor.

Estavam soltando. Algumas pessoas estavam sendo soltas. Eles estavam saindo dos portões de ferro para rua e voltando para casa. Agora, Kólia também poderia ser solto. A campainha iria tocar e Kólia entraria. Ou não, a campainha iria

tocar e entraria o carteiro com um telegrama de Kólia. Afinal, Kólia não estava ali, e sim em algum lugar distante. Ele enviaria um telegrama a caminho.

Sófia Petrovna saiu no patamar da escada e abriu a caixa de correspondência. Vazia. Suas entranhas estavam vazias. Sófia Petrovna olhou por um momento para as laterais amarelas da caixa, na esperança de que seu olhar pudesse fazer sair dali uma carta.

Sem sucesso, ela mal teve tempo de voltar a seu quarto e enfiar a linha na agulha (ela estava costurando um dos sacos), quando a porta de seu quarto abriu-se novamente sem aviso, e na soleira estava a esposa do contador e, atrás dela, o administrador.

Sófia Petrovna levantou-se, escondendo com as costas a pilha de produtos.

Nem a enfermeira nem o administrador cumprimentaram Sófia Petrovna.

– Veja só! – pôs-se a falar imediatamente a enfermeira, apontando para o querosene e o primus. – Preste atenção: ela montou uma cozinha inteira aqui. Fuligem, sujeira, pretejou todo o teto. Ela está arruinando as instalações do edifício. Veja bem, ela não quer fazer a comida na cozinha junto com os outros, está se esquivando desde que nós a apanhamos roubando sistematicamente o querosene alheio. O filho dela está na cadeia, condenado como inimigo, ela mesma não tem emprego fixo, em suma, um elemento suspeito.

– Cidadã Lipátova, - disse o administrador, voltando-se para Sófia Petrovna, - leve imediatamente seus pertences à cozinha. Ou então eu vou denunciá-la à polícia...

Eles saíram. Sófia Petrovna levou o primus, o querosene, a peneira e as panelas à cozinha, para o lugar anterior, em seguida, deitou-se na cama e desatou a chorar alto. “Eu não estou aguentando mais, – falava ela em voz alta, – não estou aguentando mais”. E novamente, com voz aguda, sem se conter, escandindo a sílaba: “Não es-tou a-guen-tan-do mais”. Ela pronunciava essas palavras com tanta convicção, com tanta insistência, como se houvesse alguém à sua frente, afirmando que pelo contrário, ela tinha, sim, forças suficientes para aguentar “Não, não estou aguentando mais, não dá mais para aguentar!”

A mulher do policial entrou em seu quarto.

– Não chore, – sussurrou ela, agasalhando Sófia Petrovna com o cobertor –, e escute bem o que vou lhe dizer! Eles não estão agindo de acordo com a lei. Meu marido disse: uma vez que você não foi deportada, significa que ninguém tem o

direito de te perseguir. Vamos, não chore mais desse jeito! Meu marido disse que agora muitos estão sendo soltos, se Deus quiser, Nikolai Fiodórovitch logo vai voltar também... É que a filha dela vai casar, e ela, então, está de olho no seu quarto. É só você não sair daqui e pronto. A mãe está de olho por causa da filha e o administrador por causa de uma amante. Então, um está querendo comer o outro... Mas não chore! Eu sei o que estou dizendo.

17

No inverno, durante a noite, os ruídos da rua, quase não penetravam em seu quarto através das janelas duplas. Em compensação, Sófia Petrovna ouvia rumores e rangidos no apartamento a noite toda. Os ratos roíam insistentemente, esperava que não descobrissem o toucinho que ela tinha comprado para Kólia. As tábuas do assoalho rangiam no corredor e quando um caminhão passava na rua, a porta de entrada estremecia. No quarto do contador, a cada quinze minutos o relógio batia solenemente.

Kólia voltaria logo. Nessa noite, Sófia Petrovna não duvidava mais de que Kólia voltaria logo. Kiparíssova tinha dito e também o policial Degtiarenko... Ele deveria voltar, pois se não voltasse, ela morreria. Uma vez que tinham começado a soltar os inocentes, significava que Kólia logo seria solto. Não era possível que os outros fossem soltos e ele não. Kólia voltaria e, que vergonha passaria a enfermeira, então! E o administrador também. E Vália. Eles não se atreveriam a levantar os olhos para ele. Nem cumprimentá-los Kólia iria. Passaria por eles como diante de uma parede. Quando ele voltasse, logo dariam a ele algum emprego importante e, receberia até mesmo uma condecoração! Para remediar o mais depressa possível o erro que tinham cometido contra ele. Ele teria uma condecoração no peito, mas não cumprimentaria a enfermeira nem Vália...

Pela manhã, Sófia Petrovna adormeceu e acordou tarde, por volta das dez horas. Ao acordar, ela se lembrou: alguma coisa boa tinha acontecido no dia anterior, alguma coisa boa ela soubera a respeito de Kólia. Ah, sim, estavam começando a soltar as pessoas prisão. E uma vez que tinham começado a soltar,

então logo Kólia estaria de volta. E Álik também. Tudo ficaria bem, como antes. Sófia Petrovna pegou-se pensando por um momento: então Natasha também voltaria. Não, Natasha não voltaria, mas Kólia - Kólia já estava vindo para casa, talvez o seu trem já estivesse chegando à estação.

Ao voltar nesse dia da biblioteca para casa, Sófia Petrovna parou diante da vitrine de uma loja de objetos de segunda mão, permanecendo ali por um bom tempo. Na vitrine, estava exposta a máquina fotográfica *Leika*. Kólia sempre sonhara em ter uma máquina fotográfica. Seria bom vender alguma coisa e comprar a *Leika* para comemorar o dia de seu retorno. Kólia aprenderia rapidamente a fotografar, pois ele era tão habilidoso, tão inteligente.

O dia todo, Sófia Petrovna sentiu-se presa de uma alegre excitação. Ela até sentiu vontade de comer, pela primeira vez em muitos dias. Ela sentou-se na cozinha para descascar batatas. Se ela comprasse a máquina fotográfica para Kólia, haveria uma dificuldade: onde ele revelaria os filmes? Era necessário um quarto completamente escuro. Sim, claro, a despensa. Lá ficava a lenha, mas o lugar poderia ser limpo. Poderia levar discretamente uma parte de sua lenha para quarto e ainda pedir à mulher de Degtiarenko que levasse uma braçada - ela não recusaria - isso liberaria espaço. Kólia tiraria fotos de todo mundo: de Sófia Petrovna, dos gêmeos, e das moças que ele conhecia, apenas de Vália e da enfermeira que ele nunca tiraria. Ele montaria todo um álbum de fotografias, mas Vália e a enfermeira não teriam lugar nele.

– Você tem muita lenha na despensa? – perguntou Sófia Petrovna à mulher de Degtiarenko, quando ela entrou na cozinha para pegar a vassoura. – Umas três braçadas, respondeu ela. – Você gosta de ser fotografada? Eu, quando moça, gostava muito, num bom fotógrafo, é claro... Sabe de uma coisa? Kólia foi solto.

– Veja só! – gritou a mulher de Degtiarenko, deixando cair a vassoura. – E você que estava se acabando! (Ela beijou Sófia Petrovna nas duas faces.) – Mandou carta ou telegrama? – Carta. Acabei de receber. Registrada, – respondeu Sófia Petrovna.

– Eu nem ouvi o carteiro chegar. Com esses primus a gente não ouve nada.

Sófia Petrovna voltou para o seu quarto e sentou-se no sofá. Ela precisava sentar no silêncio, para descansar de suas palavras, compreendê-las. Kólia tinha sido solto. Tinham soltado Kólia. Do espelho olhava para ela uma velha enrugada com os cabelos grisalhos meio esverdeados. Kólia a reconheceria quando

retornasse? Ela fixou o olhar nas profundezas do espelho, até que tudo começou a girar a sua frente e parou de entender onde estava o sofá verdadeiro, e onde estava o seu reflexo.

– Sabe, meu filho foi solto. Da prisão, – disse ela para a mulher que preenchia fichas na mesma mesa que ela. Até aquele momento, ela não tinha ouvido de Sófia Pletrovna uma única palavra, e Sófia Petrovna nem sabia o nome dela, mas era-lhe indispensável repetir sua fórmula de encantamento. –Puxa! – respondeu a colega. Era uma mulher gorda e desleixada, toda coberta de fios de cabelos e de cinzas de cigarro. – Seu filho provavelmente não era culpado de nada, e por isso foi solto. No nosso país, as pessoas não são trancafiadas sem motivo... E seu filho ficou preso muito tempo?

– Um ano e dois meses.

– Pois é, analisaram o caso e soltaram, – disse a mulher gorda, pousando o cigarro e voltando a escrever.

À noite, o policial Degtiarenko esbarrou em Sófia Petrovna no corredor e lhe deu os parabéns. – Temos que comemorar, – disse ele com um grande sorriso, apertando a mão dela. – E quando Nikolai Fiódorovich vem visitar a mamãe?

– Ele irá trabalhar um ou dois meses na fábrica, e depois vai descansar na Crimeia, bem que ele está precisando! E depois, ele virá me ver. Ou, pode ser que eu irei vê-lo, - respondeu Sófia Petrovna, surpreendendo-se com a facilidade com que falava.

Ela estava feliz e agitada e até suas pernas conduziam-na mais rápido. A toda hora, ela tinha vontade de dizer a qualquer um: "Soltaram Kólia. Sabe? Soltaram Kólia!" Mas não havia a quem falar. À noite, ela foi até a padaria comprar pão e logo encontrou o amável contador da editora. Fosse um dia antes, ao vê-lo, ela teria atravessado a rua porque tudo, que lhe lembrava o trabalho na editora, causava-lhe mal. Mas agora, ela pôs-se a sorrir amavelmente para ele.

Ele curvou-se galantemente e perguntou:

– Você já soube das nossas novidades? Timoféiev foi preso.

– O que? – perturbou-se Sófia Petrovna. – Afinal, ele é que... Ele é que tinha desmascarado... os sabotadores...

O contador deu de ombros.

– E agora, alguém o desmascarou...

–Você sabe, eu estou muito feliz, – apressou-se a dizer Sófia Petrovna - Meu filho foi solto.

– Ora essa! Permita-me felicitá-la. Eu nem sabia que seu filho tinha sido preso.

– Tinha sim, mas agora ele foi solto, – disse Sófia Petrovna alegremente e despediu-se do contador.

Ao chegar a casa, ela deu maquinalmente uma olhada na caixa do correio. Vazia. Nenhuma carta. Sentiu um aperto no peito, como sempre diante da caixa vazia. Nem uma linha sequer por todo um ano inteiro. Será que não haveria algum meio de mandar-lhe discretamente uma carta através de alguém? Fazia um ano e dois meses que não recebia notícias dele. Não teria morrido? Estaria vivo?

Ela deitou-se na cama e percebeu que não pegaria no sono por nada nesse mundo. Então, ela tomou uma dose dupla de luminal. E adormeceu.

18

– Hoje, eu recebi mais uma carta. – contou Sófia Petrovna na manhã seguinte na cozinha. – Imaginem vocês que o diretor da fábrica pegou meu filho como assistente. Seu braço direito. O *mestkom* conseguiu para ele uma autorização de viagem à Crimeia – lá, tem uma natureza exuberante, eu estive lá quando moça. E, quando ele voltar, vai se casar. Com uma *komosomolka*⁷³. Ela se chama Ludmila, um nome bonito, não é verdade? Eu vou chamá-la Mílotchka. Ela passou um ano inteiro esperando por ele, embora tivesse muitos outros pretendentes. Ela jamais acreditou que Kólia tivesse feito algo de ruim. Sófia Petrovna lançou um olhar triunfante para a mulher do contador, que estava perto de seu primus. – E agora ele vai se casar com ela, assim que voltar da Crimeia.

– Vai ser avó, vai cuidar do neto, – disse a mulher de Degtiarenko.

A enfermeira nem sequer piscou. Mas um minuto depois, quando Sófia Petrovna voltou à cozinha, depois de ir ao seu quarto pegar sal, a enfermeira disse-lhe: "Bom dia!", como se a tivesse vendo a primeira vez naquele dia. O primeiro "Bom dia" em um ano inteiro.

Era o dia de folga de Sófia Petrovna e ela decidiu limpar seu quarto. Se Kólia ainda não estava em liberdade, de qualquer maneira ele seria libertado a qualquer momento. Poderia chegar, e o quarto estava num estado assustador. Olhando-se de passagem no espelho, Sófia Petrovna decidiu que era necessário frisar os cabelos novamente, caso contrário, suas mechas grisalhas ficariam caindo. Uma mulher deve cuidar de sua própria aparência até o seu último dia. Ela puxou as caixas de

⁷³ *Komsomolka*: moças que eram membro na *Komsomol*.

debaixo da cama e usou-as para acender a estufa. O compensado queimava maravilhosamente com um alegre crepitar. Sófia Petrovna refletiu: onde enfiar as conservas para que não ficassem amontoadas no parapeito da janela? E para que tantas latas? Quando precisasse, sempre poderia ir à loja comprar.

Ela decidiu lavar as janelas e o assoalho. Suas pernas doíam como sempre, e os rins doíam, mas ela tinha que fazer, era preciso aguentar. Rasgou os sacos para usar como trapos.

Enquanto a água esquentava, foi sacudir o tapete. Sófia Petrovna arrastou o tapete para o patamar da escada. Através das fendas da caixa de correio percebia-se algo escuro. Arrastando os passos, Sófia Petrovna foi buscar a chave.

Na caixa havia uma carta. Um envelope áspero rosa. "Sófia Petrovna Lipátova", – leu ela. Seu nome estava escrito com uma caligrafia que não conhecia. Não havia endereço, nem carimbo postal, nada.

Esquecendo o tapete no patamar, Sófia Petrovna correu para o quarto. Ela sentou-se junto à janela e abriu a envelope. Quem poderia ser?

"Querida mãezinha! – estava escrito na carta com a letra de Kólia e Sófia Petrovna, ofuscada por essa caligrafia deixou cair a folha em seu colo. – *Querida Mãezinha! Eu estou vivo e uma boa alma aceitou entregar-lhe esta carta. Como tem passado, cadê o Álik, cadê Natália Sergéevna? Eu penso em vocês o tempo todo, meus queridos. É terrível pensar que agora você pode não viver em casa, mas em qualquer outro lugar. Mãezinha, toda minha esperança está em suas mãos. Minha sentença foi baseada no testemunho de Sashka Yártsev – lembra-se, aquele menino da minha classe? Sashka Yártsev declarou que ele havia me convencido a participar de uma organização terrorista. E eu também fui obrigado a confessar. Mas isso não é verdade, nunca houve qualquer organização terrorista. Mãezinha, fui espancado e chutado pelo investigador Ershóv, e agora eu escuto mal de um ouvido. Escrevi daqui muitos requerimentos, mas nenhum obteve resposta. Escreva você, na qualidade de minha velha mãe, e exponha os fatos. Você sabe que todo esse tempo, depois que terminei a escola, eu nunca mais vi Sashka Yártsev, desde que ele foi estudar em outro instituto. E, na escola, nunca tive amizade com ele. Ele certamente também foi espancado. Eu beijo você com carinho, lembranças a Álik e a Natália Sergéevna. Mãezinha, você deve agir rapidamente, porque aqui não é possível viver muito tempo. Um beijo carinhoso. Seu filho Kólia.*"

Vestindo o casaco, enterrando o gorro na cabeça, ainda com o pano sujo nas mãos, Sófia Petrovna correu para ver Kiparíssova. Ela estava com medo de que poderia ter esquecido o número do apartamento de Kiparíssova e não conseguir encontrá-lo. Apertava a carta com força no fundo bolso. Não pegara a bengala e corria apoiando-se nas paredes. Suas pernas a conduziam: por mais que se apressasse, ainda faltava muito para chegar à casa de Kiparíssova.

Finalmente, ela entrou no prédio e, reunindo suas últimas forças, subiu até o segundo andar. Devia ser ali. Sim, era ali. “M. E. Kiparíssova. – um toque”. Abriu-lhe a porta uma menina que saiu correndo logo em seguida. Andando por um corredor escuro, ladeado de armários, Sófia Petrovna abriu a primeira porta ao acaso e entrou.

Kiparíssova, de casaco e com a bengala nas mãos, estava sentada no meio do quarto em cima de um baú. O quarto estava completamente vazio. Nem uma cadeira, nem mesa, nem cama, nem cortinas, apenas um telefone no chão, perto da janela. Sófia Petrovna deixou-se cair no baú ao lado da velha.

-Estão me deportando, – disse Kiparíssova, sem surpreender-se com o aparecimento de Sófia Petrovna e sem cumprimentá-la. – Parto amanhã cedo. Vendi tudo até o último fiapo e parto amanhã. Meu marido já foi deportado. Por 15 anos. Dê uma olhada, já fiz as malas. Não tenho mais cama, não tenho onde dormir; vou passar a noite sentada nesse baú.

Sófia Petrovna estendeu-lhe a carta de Kólia.

Kiparíssova leu demoradamente. Depois, dobrou a carta e enfiou no bolso do casaco de Sófia Petrovna.

– Vamos ao banheiro, aqui há o telefone, – cochichou ela. – Não se pode falar nada perto do telefone. Eles encaixaram no telefone uma de placa especial e agora não se pode falar nada que eles escutam cada palavra no lugar lá deles.

Kiparíssova levou Sófia Petrovna ao banheiro, trancou a porta à chave e sentou-se na beirada da banheira. Sófia Petrovna sentou ao lado dela.

– Você já escreveu o requerimento?

– Não.

– Nem escreva! – cochichou Kiparíssova, aproximando seus enormes olhos amarelados do rosto de Sófia Petrovna. – Não escreva para o bem de seu filho. Esse tipo de requerimento pode lhe custar caro. A você, e a ele. E você acha que é possível escrever que o investigador espancou alguém? Nem pensar nisso é

possível, quanto mais escrever. Esqueceram-se de deportá-la, mas se você escrever o requerimento, vão se lembrar. E seu filho será mandado para mais longe ainda... E quem entregou esta carta? E onde estão as testemunhas?... E que provas há?... Ela passeou os olhos de louca pelo banheiro. - Não, definitivamente, pelo amor de Deus, não escreva nada.

Sófia Petrovna soltou sua mão, abriu a porta e saiu. Ela precipitou-se para casa, arrastando-se. Precisava trancar-se à chave, sentar e refletir. Ir atrás do procurador Tsvetkóv? Não. De um advogado de defesa? Não.

Tirando a carta do bolso, e jogando-a sobre a mesa, ela tirou o casaco e sentou-se à janela. Estava escurecendo, e na escuridão, além da janela já estavam acendendo as luzes. A primavera estava chegando, como escurecia tarde agora. Tinha que tomar uma decisão, tinha que refletir, mas Sófia Petrovna permanecia sentada à janela sem pensar em nada. "Fui espancado pelo investigador Ershóv..." Kólia como antes escrevia o "e" com a curvinha superior ao contrário. Ele sempre os tinha escrito assim, embora, ainda quando pequeno Sófia Petrovna havia lhe ensinado a fazer a curvinha para o lado esquerdo. Ela mesma ensinara o filho a escrever num caderno de caligrafia.

Estava completamente escuro. Sófia Petrovna levantou-se para acender a luz, mas não conseguia, de modo algum, achar o interruptor. Onde estava o interruptor nesse quarto? Não conseguia lembrar-se, onde ficava o interruptor do quarto. Ela apalpou as paredes, esbarrando nos móveis que tinha afastado para a faxina. Achou-o. Em seguida, imediatamente viu a carta. Amassada, amarrotada, toda torcida sobre a mesa.

Sófia Petrovna tirou da gaveta uma caixa de fósforos. Riscou um fósforo, acendeu e pôs fogo numa das beiradas da carta. O papel começou a queimar, retorcendo-se lentamente, enrolando-se sobre si mesmo. A carta queimou completamente, ficou toda retorcida e queimou-lhe os dedos.

Sófia Petrovna jogou a labareda no chão e pisoteou-a.

Leningrado, 19 novembro 1939 - fevereiro -1940.

Apêndice: Nota biográfica sobre a autora

Lídia Kornéievna Tchukóvskaia nasceu em 1907, em São Petersburgo, mas passou a infância em Kuokkala, na Finlândia; filha do consagrado escritor de literatura infantil Kornéie Ivanovich Tchukóvski (1882-1969), cresceu com os dois irmãos cercados pelas histórias do pai.

Kornéie não era apenas escritor, mas também poeta, editor, tradutor e crítico literário, em suas memórias, pode-se verificar sua influência na formação artística da filha, que cresce inserida no universo cultural da época com a casa sempre movimentada pelos artistas da *intelligentsia*. Depois da Revolução de 1917, a família volta a São Petersburgo. Lídia cursa Literatura no Instituto de arte em Leningrado (TCHUKÓVSKAIA, IVÁNOVNA, VOSPOMNANIA, 2012), no seu segundo ano, em 1926, ela é presa e acusada de fazer panfletos antissoviéticos, mas a acusação não prossegue, sendo solta em seguida. Seu primeiro emprego, em 1927, foi na Editora Estatal de Leningrado (*Leningradskoe Otdelenie Detizdata*), na seção infantil, tendo como mentor Samuil Marshak, poeta, editor e escritor amigo de seu pai. Ele foi fundamental para sua carreira como editora, reforçando sua formação poética da infância na esfera profissional (HOLMGREN, 1993).

Lídia se casa, em 1929, com Volpe Tsezar Samoilovtch, crítico literário, com quem teve uma filha em 1931, Elena. Separam-se em 1933 e, logo, Tchukóvskaia casa-se pela segunda vez com o reconhecido físico Mikhail Bronstein, o qual fora preso em 1937 e executado no ano seguinte. Entretanto, apenas em 1957, ela foi informada da execução por Béria, que tornara-se próximo da família Tchukóvskii devido a popularidade de Kornéie.

Publicou seu primeiro conto, *Leningrad-Odessa*, com o pseudônimo A. Uglov. A autora tem uma bibliografia extensa entre artigos, memórias, poesia, críticas e prosa. Seu famoso livro com as conversas entre ela e Anna Akhmatova, *Zapiski Akhmatovoi* (*Notas de Akhmatova*), foi publicado em dois volumes: o primeiro lançado em 1976 e o segundo em 1980, ambos em Paris; apenas em 1996 houve a primeira publicação em Moscou⁷⁴. A sua prosa ficou conhecida pelos romances

⁷⁴ VRONSKAYA, Jeanne. **Obituary: Lydia Chukovskaya.** Disponível em: <www.independent.co.uk/news/people/obituary-lydia-tchukovskaya-1341659.html>. Acesso em 26 fev. 2011.

Sófia Petrovna e *Spusk pod Vodu* (*Descida sob a água*), ambas retratam o período stalinista e, são escritas em seu tempo histórico presente, porém sem concomitante publicação, uma vez que esse material era considerado antissoviético.

Lídia Tchukóvskaia tornou-se uma escritora e crítica literária de grande influência no período soviético, trabalhou no *Novi Mir*, na seção de poesia, e foi responsável pela revelação de diversos artistas como Nikolai Zabolótski e Boris Pasternak. Além de intervir constantemente em favor dos artistas reprimidos, colocando-se, muitas vezes, em risco. (FIGES, 2010)

Lídia resistiu à ditadura stalinista por meio da literatura e, apesar dos riscos de repressão não deixou de defender aquilo que acreditava chegando a ser expulsa da União dos Escritores, em 1974, por apoiar artistas considerados subversivos na URSS. Com o fim da URSS, Tchukóvskaia continuou trabalhando com literatura, passou a ministrar palestras em diversos lugares do mundo falando sobre suas obras e a importância em manter a memória viva.

Lídia Kornéievna Tchukóvskaia morreu no dia oito de fevereiro de 1996, em Perekelkina, Rússia.